

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

As Nações Unidas não poderão manter uma força em Chipre

NOVA YORK, 18. — U Thant tentaria estabelecer contactos separados com todas as partes interessadas no problema de Chipre para determinar se é possível encontrar um denominador comum — indicam círculos informados.

O secretário-geral começou as suas conversações ao receber sucessivamente Juglu, embaixador da Turquia em Washington, «sir» Patrick Dean, representante do Reino Unido, e Dimitri Bitsis, represen-

(Continua na 16.ª página)



O chefe da comunidade cipriota turca, Kutchuk, que afirmou não haver alternativa para a partilha de Chipre

O Exército do Gabão tomou conta do Poder

BRAZZAVILLE, 18. — A Rádio de Libreville, captada nesta cidade, anunciou que o Exército do Gabão tomou conta do Poder e depôs o presidente Leon M'Ba, que se encontra preso no seu palácio.

O comunicado oficial dos revoltosos era assinado por um tenente do Exército do Gabão. — (A. N. I.).

O PRESIDENTE TER-SE-IA JA DIMITIDO

PARIS, 18. — Fontes governamentais francesas revelaram que a revolta das tropas do Gabão rebentou durante a noite e os revoltosos apoderaram-se dos principais edifícios da capital, Libreville, e cerca-

• Ler mais notícias do estrangeiro na pág. 6

ram o palácio do presidente Leon M'Ba.

Outras notícias sem confirmação dizem que pára-quadristas fiéis ao presidente procuraram libertá-lo, mas aparentemente Leon M'Ba já foi forçado pelos revoltosos a demitir-se.

Círculos diplomáticos africanos de Paris dizem que hoje a situação em Libreville é tranquila.

O Gabão é uma antiga colónia francesa, situada na costa ocidental da África, ao norte da República do Congo (Brazzaville).

O país é independente desde Agosto de 1960. Recentemente, o presidente Leon M'Ba dissolveu o Parlamento e convocou novas eleições para o dia 23, às quais só concorreria o Partido Democrático chefiado pelo próprio Leon M'Ba, embora

(Continua na 16.ª página)

Os abalos de terra nos Açores estão a aumentar de intensidade e as forças aéreas dos Estados Unidos ofereceram helicópteros para evacuar gente

HORTA, 18. — A ilha de S. Jorge foi de novo abalada por fenómenos sísmicos de média intensidade, registando-se o ritmo de um abalo por hora. Algumas populações, que já haviam regressado às suas casas tiveram de, como precaução, procurar abrigo de novo em Velas, onde esses abalos também se sentem, mas há melhores condições para a evacuação da ilha.

Durante a tarde de ontem a situação na ilha tinha piorado, registando-se, nessa altura, uns doze abalos sísmicos. O que se sentiu, pelas 18 e 24, foi sentido também nas ilhas Terceira, Pico e Faial, o que causou um grande pânico entre a população que vive na ilha de S. Jorge, e principalmente, na freguesia de Manadas, que foi logo evacuada, em virtude de se encontrarem algumas casas arruinadas e prever-se o seu desmoronamento. Na Abegoaria, algumas habitações, devido à sua fragilidade, ruíram.

Em Velas, os preparativos para a acomodação de umas mil e duascentas pessoas estão praticamente terminados.

O comandante do sector americano da base aérea das Lajes pôs à disposição do governador do dis-

trito helicópteros e os serviços de socorro da sua dependência para servir em qualquer eventualidade.

A região afectada é a mesma em que se registaram as grandes erupções vulcânicas nos anos de 1580 e 1808. — (L.).

O êxodo das populações

ANGRA DO HEROISMO, 18. — Durante a noite as mulheres e as crianças da população de Urzelina abandonaram as residências. A povoação de Toledo também foi completamente evacuada, pois há ali muitas casas que ameaçam ruína. Na Urzelina várias casas encontraram-se gravemente danificadas.

(Continua na 16.ª página)

TRÊS CASAS

(talvez habitadas)

foram engolidas por uma fenda

ANGRA DO HEROISMO, 18. — A cerca de 15 quilómetros do centro da zona de actividade sísmica na ilha de S. Jorge, na povoação dos Rosais, três casas de

habitação desapareceram em consequência de uma fenda que se abriu no solo em seguida a um dos mais violentos abalos hoje sentidos nas ilhas do grupo central do arquipélago.

Não se sabe se as casas estavam habitadas no momento em que desapareceram.

A notícia foi dada de Santa Maria, sem mais pormenores, pelo emissor «Aéas do Atlântico». — (A. N. I.).

2.ª EDIÇÃO

VISADO PELA CENSURA

UMA ESPÉCIE DE «MAFIA» EXPLORA
A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA FRANÇA — 3

Os emigrantes clandestinos sofrem leves penas de prisão mas raramente são expulsos

por JEAN BAZAL

(Exclusivo para o «Diário de Lisboa».)

Apesar do forte dispositivo policial colocado ao longo da fronteira hispano-francesa, a «Organização» consegue fazer passar os emigrantes portugueses. E por onde passam eles? Por todo o lado onde há

um buraco, ou por qualquer rasgão na malha da rede.

A «Organização» possui as suas informações, o horário e o itinerário.

(Continua na 20.ª página)

As minhas entrevistas com Kruchchev — 1

Primeiro diálogo em tom violento com o chefe do Governo soviético



por HANS KROLL

(Antigo embaixador da República Federal Alemã em Moscovo)

Ainda não foram esquecidas as circunstâncias e as razões que levaram o chanceler Adenauer a chamar, em 1962, o seu embaixador em Moscovo, Hans Kroll, que, segundo aquele, tinha ido «um pouco longe» nas suas conversações com Kruchchev.

O antigo embaixador revela agora pormenores do teor das numerosas entrevistas privadas que teve, durante o período de 1958 a 1962, com o «leader» soviético. Encontram-se aí curiosas reflexões e opiniões, de uma franqueza surpreendente. Poucas vezes Kruchchev se terá aberto tão livremente a um ocidental. Os textos que publicamos foram coligidos por Gilles Anouilh.

Quando, em 1958, o chanceler Adenauer confiou a Hans Kroll a embaixada da Alemanha Federal em Moscovo, encarregou-o de estabelecer contactos estreitos com os dirigentes soviéticos. Segundo o espírito do chanceler, tratava-se de criar um clima favorável à aplicação dos diferentes tratados germano-soviéticos, recentemente assinados e consagrados a diversos assuntos comerciais, consulares e ao repatriamento de cidadãos alemães detidos na Rússia. Pretendia-se também, e particularmente, recolher junto dos dirigentes russos infor-

mações, em primeira mão, sobre a sua política alemã e berlinense.

Hans Kroll desempenhou-se cabalmente, e de forma notável, do encargo e conseguiu — mais do que nenhum outro embaixador ocidental — conquistar, em certa medida, a amizade de Kruchchev, ajudado pelo seu carácter, pela sua audácia, pelos seus conhecimentos e uma viva paixão pela alta política. Mas o seu sensacional êxito acabou por prejudicá-lo. Arrebatado pelo seu entusiasmo e descontrolado com al-

(Continua na 10.ª página)

De ontem para hoje

Aperfeiçoamento de Internos

Na Sociedade Médica dos Hospitais Cíveis foram ontem à noite inaugurados vários cursos de aperfeiçoamento dos internos dos mesmos hospitais. Na presidência o dr. Mário Carmona, enfermeiro-mor dos Hospitais Cíveis. A seu lado o dr. Alfredo Franco, alma desses cursos e que, como chefe de internos, tem realizado uma obra deveras notável tanto no sector deontológico como no campo dos conhecimentos científicos e da prática clínica. Muito deve ao dr. Alfredo Franco a formação profissional do médico. Foi ele quem abriu a sessão, referindo-se à organica do Internato e afirmou que os Hospitais Cíveis de Lisboa, com os seus numerosos serviços clínicos espalhados por vários hospitais, com o seu volume de doentes, oferecendo gama impressionante de casos clínicos, e com o grande movimento do seu serviço de urgência, oferece extraordinárias possibilidades de treino aos seus internos. Destacou as enormes vantagens, sociais e profissionais, de um agregado hospitalar do género dos H. C. L., mas afirmou haver necessidade de estar atento a todas as transformações da organica hospitalar, de forma a adoptar as inovações que a evolução das ciências médicas e de organização for aconselhando.

Mais adiante, o sr. dr. Alfredo Franco referiu que as disciplinas não clínicas constituem hoje factor essencial na formação e na informação do médico. Se, por um lado, as fronteiras da Medicina se alargaram desmedidamente, por outro, os seus domínios foram invadidos por outras ciências, cuja colaboração é imprescindível, não só no campo da investigação pura como ainda no da própria terapêutica aplicada. Notável é, por exemplo, a importância da Física. Por essa razão se dirigiu convite ao sr. dr. A. M. Baptista, que tratará de um tema cheio de interesse. O prof. António Manuel Baptista, catedrático de Física da Academia Militar e director do Laboratório de Isótopos do Instituto Português de Oncologia, tratou depois o tema «Exploração Médica com Radioisótopos» que terminou por um colóquio em que o conferente respondeu a várias perguntas da assistência.

CASCOS EM CHAMAS

Em Santa Marta de Serreleis. Sobre de Portuzelo, a beira de uma casa, os rinhos do rio Lima, ficaram avariados. Por isso demorou a sr. António Pereira, industrial, no lugar

CURVA fora de mão e morte

Em Trias, perto de Marco de Canaveses, há uma curva chamada da Estrada Larga. Pois nessa curva, uma camioneta conduzida pelo seu proprietário sr. João Ferreira de Aguiar, de 39 anos, foi embater, fora de mão, com um bicicleta em que seguiam os srs. Carlos Alberto de Matos Vieira, de 22 anos, e Manuel Teixeira Machado, de 17 anos, ambos residentes em Machucelos. Tiveram morte imediata. Carlos Alberto de Matos Vieira voltara há tempos da Guiné, onde as balas o pouparam, mas não o poupou uma camioneta fora de mão...

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. comandante Peixoto Correia, ministro do Ultramar, dr. Manuel Marques de Abrantes Amaral, dr. José Soares da Fonseca e visconde de Asseca.

NOVAS INUNDAÇÕES na região de Santarém onde as águas assolam os campos

SANTARÉM, 18 — Voltam de novo as inundações dos campos marginais dos rios Tejo, Alviela e Maior. O campo do Rossio está quase completamente inundado devido às últimas chuvas que têm caído nesta região. As águas interceptaram já as estradas de Vale de Figueira e Pombalinho, bem como a de Alcanhões que já se encontra interrompida da cidade, no sítio de Palhais.

São deveras consideráveis os prejuízos nas sementeiras, já em pleno crescimento do trigo, nos pauis e nas vinhas. A impetuosidade das águas daquele mesmo rio gaigou já o dique de El-Rei. O volume das águas aumenta continuamente em virtude, também, da enchente que já traz de Espanha.

Por outro lado, o assoreamento deste rio, que em alguns pontos atinge a altura dos campos, contribui grandemente para que as inundações sejam facilitadas em prejuízo da agricultura desta região.

As barreiras das Portas do Sol, do lado da Avenida Cinco de Outubro, cederam em parte, devido às chuvas, ocasionando, assim, o desprendimento de um grande volume de terras. Estas foram cair até à estrada da estação do caminho de ferro, soterrando uns estábulos onde se encontravam três suínos grandes e gordos que morreram.

Já está fundeado no Mar da Palha o cargueiro «Nacala» que sofreu uma colisão quando saía a barra

Não assumiu a gravidade que a princípio se supunha a colisão do «Nacala», ontem, à noite, com a Pedra da Laje, no enfiamento da barra norte, quando aquele navio da Companhia Nacional de Navegação, seguia de Lisboa para Leixões, com um carregamento de mercadorias provenientes dos portos de África, e que haviam sido baldeadas no Tejo.

O acidente verificou-se cerca das 23 horas, devido a circunstâncias ainda não suficientemente esclarecidas. O navio levava piloto. O embate do casco com a rocha deu-se na zona do compartimento da casa das máquinas, onde imediatamente entrou água, a custo esgotada pelas bombas de bordo. No entanto, a posição do navio não perigou e este pôde retroceder, com o auxílio de dois rebocadores — «Serra da Arrábida» e «Praia da Adraga» — que foram alertados.

Ao princípio desta madrugada já o «Nacala» se encontrava fundeado no Mar da Palha, a fim de ser hoje vistoriado por um mergulhador e aquilatar-se melhor a extensão dos estragos. Antes de o navio seguir para a doca seca, há que aliviá-lo da carga, a qual será transportada

por outro barco, da mesma empresa armadora, ao seu destino.

É curioso acentuar que se trata da mais antiga unidade da Marinha Mercante nacional, pois data do fim do século, tendo antes sido um veleiro, após o que o casco foi adaptado para pontão. Durante a ultima Grande Guerra, as infra-estruturas foram ainda aproveitadas — e outro navio surgiu: o «Nacala», que deslocou 3370 toneladas de registo líquido e presentemente se encontra sob o comando do sr. José Luís Andrade Araujo.

«Pensemos no Turismo» — foi o tema da reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa

Os componentes do Rotary Clube de Lisboa reuniram-se hoje, no Hotel Tivoli, sob a presidência do sr. eng. Sérgio Medeiros. Secretariou o sr. dr. Carlos Estorinho. A apresentação dos convidados e dos rotários visitantes foi feita pelo sr. dr. José Maria Cardoso, que a todos dirigiu cordiais saudações.

O palestrante do dia foi o sr. Guilherme Nadal, que subordinou o seu trabalho ao tema «Pensemos no Turismo». Entre outras considerações, formulou, em dado momento, a seguinte pergunta: «Como poderia ser alcançada a cooperação e ajuda mútua entre os que se dedicam à industria de servir os turistas e qual seria o âmbito dessa cooperação?»

Em seguida, citou factos presenciados no estrangeiro e concluiu que seria de maior utilidade a promoção de congressos que reunissem técnicos das várias especialidades ligadas ao turismo. Fez especiais referências à culinária, à higiene, aos alojamentos, aos transportes e à arte de receber. Quase a terminar referiu-se ao interesse duma boa programação, tendo em vista a rentabilidade dos capitais investidos.

Finalizou assim: «Para isso é necessário imaginação e persistência, e, antes de mais nada, comparar o valor dos resultados previstos com a magnitude dos esforços que se possam fazer».

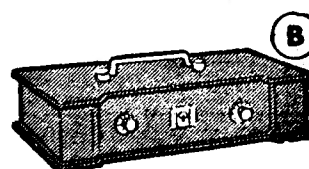
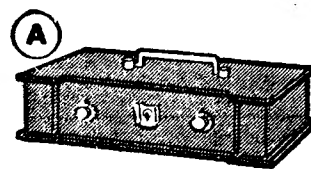
Máquinas de costura

Portáteis, modernas e mais baratas que nunca. Todas as peças para reparações. — Largo da Trindade, n.º 17.

CONCURSO DA R. T. P. OU SIM OU NÃO

9.ª SESSÃO
21/II/64
II SÉRIE

BOLETIM - PALPITE



☐ VENDE

☐ VENDE

☐ NÃO VENDE

☐ NÃO VENDE

NOME

MORADA

ATENÇÃO: Indicar com uma cruz X qual o seu palpite do cofre que o concorrente vai escolher e se vende ou não a chave. O palpite refere-se sempre ao último concorrente de cada sessão. De entre os votantes no boletim vencedor será sorteado um televisor Philips. Recortar pelo tracejado e remeter até à próxima quarta-feira, às 12 horas, para CONCURSO «OU SIM OU NÃO» — RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA — Alameda das Linhas de Torres, 95 — LISBOA-5

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — As 21 e 15: «O filho de Spar-tacus» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz-cine* — As 21 e 15: «O herói da cidade» (17 anos).

ODIVELAS — *Cine-Teatro* — As 21 e 30: «A furia dos vikings» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Melo* — P. L. João I, lote 146, Bairro Janelro (Telef. 931551); *Central* — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); *Igreja* — Praça da Igreja, lote 2 (T. 930740).

DAMAIA — *Nova* — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).

QUELUZ — *André* — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); *Queluz* — Av. Miguel Bombarda, Lote 4, (Tel. 951844).

CACEM — *Central* — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 294034).

MEM MARTINS — *Quilma* — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — *Vallentim* — (Tel. 980456).

SINTRA — *Marrazes* — Largo Rainha D. Amélia, 20 — Vila (Telef. 980155).

COLARES — *Colares* — Abreja (Tel. 299088).

Luiz Forjaz Trigueiros fala esta noite no Grémio Literário

O Grémio Literário que está a reavivar tradições que vêm de longe, com as conferências promovidas pela actual direcção, prossegue esta noite com essa série.

Hoje é Luiz Forjaz Trigueiros que toma a palavra nas salas do Grémio Literário, para tratar do tema «Uma Perspectiva do Teatro Contemporâneo», na terceira conferência da série.

A conferência de Luiz Forjaz Trigueiros que ao Teatro tem prestado cuidadosa e culta atenção, principia às 21 horas e 45 minutos.

Como conservar Dentes postiços com mais firmeza no seu lugar

A sua dentadura postiça causa-lhe aborrecimentos movendo-se, caindo ou abanando quando come, ri ou fala? Polvilhe apenas as suas placas com um pouco de DENTOFIX. Este pó alcalino (não ácido) fixa os dentes postiços com maior firmeza e maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix hoje mesmo em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

Segunda lição do Curso de Geologia do Ultramar

Na Faculdade de Ciências de Lisboa prossegue hoje, às 18 horas, o Curso de Geologia do Ultramar, com a segunda lição do ciclo de dezoito estabelecidas sob aquele tema. O sr. prof. Torre de Assunção falará sobre a «Geologia da Província de Cabo Verde».

A lição incidirá, fundamentalmente, sobre a constituição geológica das ilhas de Cabo Verde, estudando, nomeadamente: as séries basálticas e episódios fonolíticos; piroclastos; rochas eruptivas granulares; formações sedimentares; calcários cretácicos da ilha de Maio; intercalações terciárias e quaternárias; traços fundamentais da história geológica do arquipélago; tectónica e actividade magnética; caracteres petrográficos mais relevantes na actividade vulcânica antiga e actual; a erupção do Fogo em 1951.

O orador acabará a sua exposição com um apontamento sobre a Petrografia cabo-verdiana no quadro geral das ilhas atlânticas.

I Semana Juvenil de Estudos Vicentinos

No Colégio Universitário Pio XII começa, esta tarde a I Semana Juvenil de Estudos Vicentinos, com a qual o Conselho Particular de Lisboa da Sociedade de S. Vicente de Paulo pretende criar um clima propício ao rejuvenescimento daquela obra, em Portugal, pelo estudo dos problemas directamente relacionados com a sua actividade.

A I Semana Juvenil começa com a celebração de missa, na qual participam todos os jovens que tomam parte nas reuniões.

Haverá depois uma sessão solene de abertura, à qual se segue um jantar. Findo este, profere a primeira conferência a sr. D. Maria Raquel Ribeiro, chefe do serviço social da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que falará sobre «Conferências de Jovens e Acção Social».

A próxima sessão será na segunda-feira.

A CIDADE

«Bichas» para os eléctricos no Largo do Carmo

Da Administração da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, recebemos a seguinte informação:

«Para obviar aos inconvenientes a que se refere a carta do sr. João Manuel de Oliveira, publicada no «Diário de Lisboa» de 7 do corrente, propôs a Carris que se instalasse outro abrigo no Largo do Carmo, para que os passageiros possam aguardar os carros para os respectivos destinos, em abrigos diferentes».

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil): certa quantia em notas do Banco de Portugal; um porta-moedas com dinheiro e outro com chaves; uma pulseira em fantasia; um atestado de vacina em nome do sr. Jorge Soares Gomes Pereira; o cartão sindical do sr. Dário Alexandre Oliveira Monção; uma sombrinha, um lenço de senhora, tampões de roda de automóveis; luvas desirmanadas e argolas com chaves.

REGIONALISMO

O 31.º aniversário da Casa dos Tabuenses

O almoço comemorativo do 31.º aniversário da Casa dos Tabuenses realiza-se no Hotel Frankfurt, no dia 23, pelas 13 horas.

As inscrições estão abertas nos seguintes locais: sede da colectividade, todos os dias das 21 às 23 horas; Avenida António Augusto Aguiar, 70 (telef. 40863); Avenida Almirante Reis, 254-B (telefone 724954); Avenida Marconi, 12-B (telef. 761661); Rua da Paz, 11 e 13 (telef. 663081 e 672332); Largo de São Sebastião da Pedreira, 18 e 19 (telef. 43292) e Travessa da Fábrica das Sedas, 26-A (telef. 685435).

depois do café



beba antes uma aguardente moscatel CAMILLO ALVES

CASA FUNDADA EM 1881



ATRÁS DO REPOSTEIRO

- O maestro-compositor Carlos Dias, autor da internacionalmente famosa «Lisboa à Noite», aceitou o convite que lhe dirigiu o produtor Manuel Queirós para escrever a música de uma película a rodar brevemente.
- A comédia «O Gato» tem a sua estreia marcada para a próxima sexta-feira, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, interpretada pela companhia de que é primeira figura o actor Henrique Santana.
- No Monumental realizam-se no próximo sábado dois espectáculos de ritmos modernos, que vão ter a colaboração dos mais populares conjuntos ligeiros portugueses.
- Está previsto para a próxima semana o início dos ensaios da revista «Férias em Lisboa», de que são autores Fernando Santos e Nelson de Barros, e que vai subir à cena no Avenida.
- O actor Raul Solnado prepara neste momento os números a incluir em dois discos que vai gravar brevemente. Não deve actuar em qualquer espectáculo antes da sua partida para o Brasil, que, como noticiámos, se verificará no próximo mês.
- Na próxima quinta-feira, o cómico brasileiro Badaró apresentará no Avenida o seu novo espectáculo «Badaró — nove e meia», em que também participa a artista Lita Costa.

NO SÃO CARLOS

Sexta-feira começa a temporada de ópera francesa

O primeiro espectáculo da série francesa da presente Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos será na sexta-feira, às 21 e 15. Serão dadas, em primeira audição no nosso País, duas obras — «Hora Espanhola», de Ravel e «Joana d'Arc na Fogueira», de Honegger — que simultaneamente se impõem tanto no panorama da ópera francesa como na produção contemporânea do teatro lírico universal.

Mas se a categoria destas duas óperas fez com que ambas se tornassem já duas obras clássicas da ópera moderna, de não menor interesse se reveste o espectáculo que o S. Carlos vai apresentar pois que tudo se conjugou para que estas duas estrelas tivessem o alto nível tradicional. Assim as óperas são dirigidas musicalmente pelo tão conhecido e reputado maestro Jean Fournet e teatralmente pelo grande actor e encenador Henri Dublier, além de serem interpretadas por um elenco de cantores e actores de excepcional categoria e fama internacional.

Uma grande actriz — Claude Nollier — e uma grande cantora — Denise Duval — serão as protagonistas, respectivamente, de Joana d'Arc na Fogueira e de «Hora Espanhola». Aluna de Louis Jouvet no Conservatório de Paris e mais tarde artista da companhia do grande mestre e actor, Claude Nollier tornou-se uma actriz célebre, tanto em França como no estrangeiro, sobretudo na interpretação de pécas do grande repertório entre as quais destacaremos: «La Celestina», de Fernando Rojas; «L'Otage», de Claudel; «Le Père Humilié», de Claudel também, etc. Contratada para a Comédie Française, foi aí que conquistou os seus maiores êxitos interpretando as grandes personagens clássicas de Andromaca, Fedra, Berenice, etc. Inicia, então, a sua carreira internacional, representando nos gran-

des teatros tanto da Europa como das Américas e nos Estados Unidos torna-se uma das mais aplaudidas artistas europeias. O prestígio conquistado e a admiração de Claudel fizeram com que fosse ela a escolhida para criar na Ópera de Paris a protagonista da ópera «Joana d'Arc na Fogueira», de Honegger, obra que tem interpretado através de todo o Mundo e na qual agora a vamos ver em São Carlos.

Mais conhecida do nosso público é a célebre cantora francesa Denise Duval, uma das mais belas vozes e mais distintas artistas líricas da actualidade, que Lisboa já pôde apreciar há anos na personagem única da ópera «A Voz Humana». Depois dos inúmeros êxitos conquistados na Ópera de Paris tornou-se famosa através das suas actuações nos grandes teatros de ópera de todo o Mundo, particularmente no Scala de Milão, na Ópera de Viena, no Metropolitan de Nova York, no Convent Garden, etc.

NO MONUMENTAL

Laura Alves interpreta «A Idiota»

Consagrada pelo público e pela crítica como a maior actriz portuguesa da sua geração, Laura Alves adiantou novos louros à sua brilhantíssima carreira, graças ao magnífico desempenho em «A Idiota», obra-prima de Marcel Achard, em cena no Teatro Monumental. Numa primorosa encenação de António Lopes Ribeiro, «A Idiota» patenteia todo o inesgotável talento e toda a classe de actriz existentes em Laura Alves, uma comediana da mais fina estirpe. A seu lado, um «cast» de ouro defende e revalida o prestígio deste original do célebre dramaturgo francês: Paulo Renato, Yola, Maria Laurent, Carlos José Teixeira, Carlos Duarte, Nicolau Breyner e como nota verdadeiramente sensacional, a presença do actor cómico Humberto Madeira.

«A Idiota» representa-se todas as noites pelas 21 e 45.

NO IMPÉRIO

«Corpos e almas», na sessão clássica de amanhã

O cinema Império apresenta amanhã, às 18 e 30, a sua 363.ª sessão clássica, preenchida com o filme «Corpos e almas».

Trata-se de um filme absorvente, dos mais realistas e interessantes que no género se tem feito. História universal e empolgante, baseada na vida dos «internos» de um grande hospital, vista através dos episódios dramáticos e alegres, destaca-se nela a já célebre sequência de um nascimento por cesariana.

«Corpos e almas» narra com objectividade e expressão humana a luta dos jovens médicos para conseguirem um lugar efectivo, num mundo onde diariamente se ganham e perdem batalhas contra a morte.

Baseado num «best-seller» da literatura «Corpos e almas» é, na realização de David Swift, e na interpretação de Michael Callan, Suzy Parker, Clift Robertson e Haya Harareet, o paradigma do filme da nova vaga americana.

NO SÃO JORGE

O que disse a crítica «Norman no hospital»

O Cinema S. Jorge continua a

man no hospital». A crítica não lhe regateou elogios, e, com a vida vênica, transcrevemos algumas passagens das impressões colhidas na Imprensa de Lisboa: «Charlotte não conseguiria melhor nos impagáveis «gags» do transporte de um doente em maca, nem Cantinflas, no baile de caridade», «Mundo Desportivo». «Norman no hospital» sacudiu até às fundações a sala do S. Jorge e fez estorregar de riso todo o público que atraído pela fantasia, pelo estilo tão pessoal de Norman, ali ocorreu. E de facto difícil conseguir uma constante hilaridade um ritmo produtivo de gargalhadas como os obtidos neste «Norman no hospital» — «Diário de Notícias». «Esta vez Norman não hesitou em «formar-se em Medicina» para nos dar uma aventura louca vivida no interior de um hospital. E o público, quase sem forças para rir mais, seguiu com ele, satisfeito, esquecido de problemas, embalado na fantasia louca dos seus «gags» — «Diário de Lisboa». «Norman no hospital» é projectado todos os dias em três sessões

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Uma portuguesa em Paris», no Império

O cinema Império apresenta actualmente ao público dois filmes, se bem que não simultaneamente. Ontem, estreou «Uma portuguesa em Paris», às 18 e 30, filme que se manterá diariamente a essa mesma hora durante a sua exibição, enquanto a noite será projectado «Os sorrisos do destino».

«Uma portuguesa em Paris» é uma película que, de um certo modo, era aguardada com uma certa expectativa entre nós, não só porque Pierre Kast é um nome conhecido, mas sobretudo, porque Clara d'Ovar é portuguesa.

E quando se exibem simultaneamente três produções portuguesas há sempre um gesto de esperança em tentar encontrar algo de novo e de... melhor. «Uma portuguesa em Paris» é uma história de amor. Um amor, uma ambição (a de Alain) e um final pessimista.

Alain (Pierre Vaneck) é um jovem de «boas famílias» que procura ser alguém no cinema...

Para isso há, também, necessidade de um produtor... dinheiro. Natércia (Clara d'Ovar), portuguesa, viúva e rica, só em Paris, ajuda o seu jovem amante que no argumento, insensivelmente, conta a história de amor que o uniu a Natércia.

A sequência é lenta, como que estilizada e tem algumas quebras de que o realizador não tem culpa.

Além de Clara d'Ovar e de Pierre Vaneck, nos principais papéis, aparecem ainda Alexandre Stewart, Françoise Prevost, Ginette Pigeon, Françoise Thibaut e Pierre Dudan. — Visor 100.

AS ESTREIAS DE HOJE

No São Luiz e no Alvalade

Título em português — «Hotel Internacional».

Título original — «The V. I. P. S.».

Produção — Norte-americana.

Realização — Anthony Asquith.

Intérpretes — Elizabeth Taylor, Richard Burton, Louis Jourdan, Elsa Martinelli, Arson Welles e outros.

Género — Drama.

Distribuição — M-G-M.

Processo — Panavision, a cores.

Classificação — 17 anos.

No Condes

Título em português — «O império de Roma».

Título original — «Solo contra Roma».

Produção — Italiana.

Realização — Herbert Wise.

Intérpretes — Rossana Podesta, Jeffries Lang, Philippe Leroy e outros.

Género — História.

Distribuição — Filmes Castello Lopes.

Processo — Totalscope e east-mancolor.

Classificação — 17 anos.

Actualidades mundiais

Uma compositora de palmo e meio

BUENOS AIRES, 18 — Delia Milano, argentina de 12 anos de idade, acaba de compor o seu terceiro concerto para piano. Intérprete não menos notável, conta no seu repertório 21 concertos que executa com brio que deixa os críticos musicais perplexos. — (F. P.).

Campanha anti-racista no cinema

LONDRES, 18 — Marlon Brando transpôs a campanha anti-racista para a Inglaterra, convidando os seus colegas britânicos, durante a conferência de imprensa aqui realizada, a exigirem, de futuro, nos contratos que firmarem, uma cláusula vedando a programação do filme em locais interditos às pessoas de cor.

Brando salientou que essa campanha obteve resultados positivos no teatro em que foi aplicada por alguns artistas norte-americanos, durante o ano passado.

Entre as personalidades europeias do mundo do espectáculo que já aderiram à campanha figuram: Laurence Olivier, o comediógrafo Arnold Weskee, a actriz Vanessa Redgrave, o director do Teatro Nacional Britânico, Kenneth Tyan, o escritor C. P. Snow, o actor e cineasta francês Christian Marquand e a dramaturga francesa Françoise Sagan. — (A. N. I.).

«Semanas do cinema italiano» no Oriente

ROMA, 18 — Gina Lollobrigida, Claudia Cardinale, Rosanna Schiaffino e Sandra Milo são algumas das «estrelas» italianas que participam nas «Semanas do Cinema Italiano», que se desenrolam no fim deste mês, em Tóquio, e no princípio de Março, em Manila. — (A. N. I.).

Festival de Música da América e Espanha

MADRID, 18 — «Toda a música contemporânea da América, sinfónica e de câmara, estará representada no primeiro Festival de Música da América e Espanha a efectuar em Outubro» — afirmou o director do certame, Guillermo Espinosa, acrescentando:

«Além do festival, que constará de quinze concertos, com a actuação das três orquestras sinfónicas de Madrid e dos mais destacados solistas espanhóis e americanos, realizar-se-ão também conversações sobre a música contemporânea e serão apresentadas, entre outras, obras dos argentinos Roberto Camano e Mário Davidovsky, dos brasileiros Camargo, Guarneri e Villalobos, do cuba-

no Aurélio de La Vega, dos chilenos Gustavo Becerra e Juan Orrego, do mexicano Juan Galindo e do peruano Celso Garrido». — (A. N. I.).

Festival de cinema afro-asiático

DJACARTA, 18 — Está marcado para o próximo mês de Abril, nesta capital, o III Festival de Cinema Afro-Asiático.

Os anteriores realizaram-se em Tashkent, em 1958, e no Cairo, em 1960. — (A. N. I.).

Concurso internacional de cinematografia desportiva

ROMA, 18 — Realiza-se de 1 a 7 de Março, em Cortina d'Ampezzo, o XX Concurso Internacional de Cinematografia Desportiva, que, como nos anos anteriores, pretende apresentar ao público uma vasta panormia dos desportos praticados nos países mais diversos. — (A. N. I.).

Apreensão de um filme de Ingmar Bergman

BUENOS AIRES, 18 — A Polícia apreendeu ontem aqui todas as cópias do filme sueco «O Silêncio», de Ingmar Bergman cumprindo instruções do juiz Horácio Calvo, que considera «obscenas» várias passagens da película. — (A. N. I.).

O povo de Nápoles é candidato ao «Oscar»

NOVA YORK, 18 — Duzentos e noventa filmes concorrem, este ano, aos trinta e seis «Oscars» conferidos às várias categorias pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood — anunciam os organizadores.

Daquele número, 155 são a preto e branco e 135 a cores.

A Academia salienta, como pormenor curioso, entre os candidatos aos «Oscars» da interpretação, o filme italiano «Le Quattro Giornate di Napoli», que propõe que o prémio seja conferido «ao povo de Nápoles». — (A. N. I.).

Os espanhóis verão a «Fúria de Viver»

MADRID, 18 — Depois de sete anos de negociações, os norte-americanos conseguiram, finalmente, a licença das autoridades espanholas para distribuírem na Espanha o filme de Nicholas Ray «Fúria de Viver», com James Dean.

Nicholas Ray encontra-se neste país onde tem dirigido vários filmes e assistirá a uma retrospectiva dos seus filmes, organizada pelo Instituto Nacional do Cinema. — (A. N. I.).



UMA HORA NO TEJO

NO NOVO BARCO UMA INICIATIVA ESTORIL-SOL, S.A.R.L. «Estoril-Sol»

TODOS OS DIAS EXCEPTO ÀS SEGUNDAS-FEIRAS

CONHEÇA MELHOR O TEJO E VEJA UM PANORAMA DE SONHO LISBOA VISTA DO RIO

PARTIDAS às 10 e 10 — 11 e 20 — 13 e 40 — 14 e 50 — 16 horas TERREIRO DO PAÇO (Pontão dos Cacilheiros) — PREÇO 25500

A PARTIR DE DEPOIS DE AMANHÃ

RAMPA

GRANDE LIQUIDAÇÃO EM TODAS AS SECÇÕES E TODOS OS ARTIGOS

DESCONTO DE 30%

SOBRE OS PREÇOS MARCADOS DE VENDA

Recente colecção de confecções para a Primavera — Vestidos e Tailleurs —

LARGO RAFAEL BORDALO PINHEIRO, 15

ELIZABETH / RICHARD
TAYLOR / BURTON

NUMA HISTÓRIA DE AMOR
DOS NOSSOS DIAS



LOUIS JOURDAN · ELSA MARTINELLI
MARGARET RUTHERFORD · MAGGIE SMITH
ROD TAYLOR e ORSON WELLES

HOTEL INTERNACIONAL

(THE V.I.P.S.)



Com LINDA CHRISTIAN • ARGUMENTO DE TERENCE RATTIGAN • REALIZAÇÃO DE ANTHONY ASQUITH • PRODUÇÃO DE ANATOLE DE GRUNWALD

M.G.M

PANAVISION e METROCOLOR

ADULTOS (M/17 anos)

HOJE ESTREIA EM RIGOROSO EXCLUSIVO **SÃO LUIZ e ALVALADE**

BILHETES A VENDA PARA A 1.ª SEMANA E SEGUINTE

A Casa da Comédia

estreia no sábado
novo espectáculo

Sobe à cena no sábado, às 21 e 45, na Casa da Comédia, a peça «Loa para o Auto do Divino Mestre, da autoria da freira mexicana Juana Inéz de La Cruz, traduzido por Manuel Bandeira.

A peça é encenada pelo dr. Fernando Amado, director do Grupo, com cenários de Vitor Pavão, apontamentos musicais, de Luís Sande Freire e a colaboração especial de Isabel Ruth, na parte coreográfica.



DONA MARIA II

DELÍRIO

(Frénésie)

UM GRANDE MOMENTO
DE TEATRO

As 21.45
(Adultos)

TRINDADE

(F. N. A. T.)

(Maiores de 12 anos)

Um êxito de gargalhada com a
peça de NICOLAU GOGOL

O CASAMENTO

com Brunilde Jádice, Assis Pacheco,
Alves da Costa, Alvaro Benamor,
Virgílio Macieira, Mário Pereira,
Maria Albergaria, Fernanda Monte-
mor, Lúcia Mariani e Manuel de
Oliveira

Espectáculo subsidiado pelo FUN-
DO DE TEATRO e dedicado aos
Beneficiários da F. N. A. T. e só-
cios dos C. A. T., C. R. P. e
Sindicatos Nacionais

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

COLISEU

Emp. Ricardo Covões, Herds.

HOJE, às 21.30

(Maiores de 12 anos)

OS GRANDES FILMES

KERIM,

O FILHO DO SHEIK

E

A FACA DO CRIME

Preços populares

AGUARDENTE VELHA

Niepoort

a prova está na prova

CARTAZ * DOS * CINEMAS

ESTREIAS O Império de Roma — CONDES
DE HOJE Hotel Internacional — S. LUIZ e ALVALADE



A's 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
em 2.ª SEMANA

Telefone 50595

de Glenn Ford e Shirley Jones
na famosa comédia musical

AS NOIVAS DO PAPA

(Para maiores de 12 anos)

A's 18.30 — (M. 17 anos)

AMAR E PERDOAR



A's 21.30

(M. 17 anos)

ESTREIA

Telefone 322523

do violento e espec-
taculoso drama his-
tórico em

Eastmancolor e Totalscope

O IMPÉRIO DE ROMA

Rossana Podestá e Jeffries Lang

A's 18.15 (12 anos)

AQUI HÁ FANTASMAS



A's 15.15, 18.15

(P. r.) e às 21.30

EM 3.ª SEMANA

Telefone 326305

A famosa obra-pri-
ma premiada com

7 «Oscars»

A PONTE DO RIO KWAI

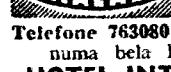
com William Holden e Alec Guinness

UM ÊXITO DE SENSACÃO

MUNDIAL

CINEMASCOPE TECNICOLOR

(Maiores 12 anos)



A's 21.45

(M. 17 anos)

ESTREIA

Telefone 763080

Elizabeth Taylor

e Richard Burton

numa bela história de amor

HOTEL INTERNACIONAL

com Louis Jourdan — Elsa Martinelli

e Orson Welles



A's 21.30

(Adultos)

Plateia 72778

Balcão 72912

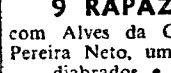
Um programa ale-
gre para agradar em

cheio!

NA TELA: A superfarsa colorida

TOTÓ E CLEÓPATRA

com Magali Noel e dezenas de per-
turbantes mulheres



A's 15.15 e 18.15

(p. red.) e às 21.30

A tarde — 6 anos

A noite — 12 anos

Telefone 326283

EM 3.ª SEMANA

9 RAPAZES E 1 CÃO

com Alves da Costa, Leônia Mendes,

Pereira Neto, um grupo de garotos en-
diabrados e o cão «Farrusco»

Uma história tão humana e simples
como as suas personagens humildes.



A's 21.15

(M. 17 anos)

A mais espantosa

comédia da tem-
porada

Telefone 610375

PIJAMA PARA DOIS

com Doris Day e Rock Hudson



As 21 horas

(17 anos)

A MAIOR

ATRACÇÃO

O HOMEM DAS TERRAS BRAVAS

A's 17 (M. 12 anos)

e 21.30 (M. 17 anos)

BRAVOS

ATÉ AO FIM

com Jeff Chandler — Ty Hardin

— Peter Brow e Andrew Duggan



A's 21 horas

(M. 17 anos)

A HISTÓRIA

DAQUELA NOITE

DESEJO SOB OS OLMEIROS

A's 21 horas

(M. 12 anos)

(M. 17 anos)

Um filme que é uma gargalhada pegada

AQUI HÁ FANTASMAS

Telefone 48560

A's 21 horas

(M. 17 anos)

13 RAPARIGAS ATERROZADAS

EM BUSCA DO AMANHÃ

Telefone 320917

A's 21 horas

(M. 17 anos)

13 RAPARIGAS ATERROZADAS

EM BUSCA DO AMANHÃ

Telefone 320917

A's 21 horas

(M. 17 anos)

13 RAPARIGAS ATERROZADAS

EM BUSCA DO AMANHÃ

Telefone 320917

A's 21 horas

(M. 17 anos)

13 RAPARIGAS ATERROZADAS

EM BUSCA DO AMANHÃ



A's 15.15 e 21.30

(Adultos)

Treze grandes vede-
tas do cinema fran-
cês criam o universo

de PIERRE KAST

Telefone 555134

OS SORRISOS DO DESTINO

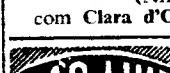
Seis casais amorosos dançando o imó-
vel «ballet» das aparências...

A's 18.30 — (Adultos)

UMA PORTUGUESA EM PARIS

(NATÉRCIA)

com Clara d'Ovar e Pierre Vaneck



A's 21.30

(M. 17 anos)

Telefone 321172

Uma história de amor dos nossos

dias, interpretada pelos dois actores

mais falados dos últimos tempos.

Elizabeth Taylor e Richard Burton

HOTEL INTERNACIONAL

A's 15.15, 18.15

e 21.30

(M. 12 anos)

em 2.ª SEMANA

a mais «alucinante» comédia

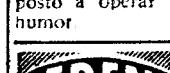
da actualidade

NORMAN NO HOSPITAL

com Norman Wisdom

«Formou-se» em cirurgia e está dis-
posto a operar todas as crises de mau

humor



A's 15.30, 18.30

e 21.45

(M. 17 anos)

Telefone 320768

O excepcional filme

português

PÃO, AMOR E... TOTOBOLA

com Florbela Queirós, Costa Ferreira

e Humberto Madeira

Uma história cheia de humanidade,

juventude, alegria e amor.



A's 15.15 e 21.30

(M. 17 anos)

Uma mulher que

arrisca a vida por

amor

Simone Signoret e Stuart Whitman

O DIA E A HORA

A's 21.30

(M. 17 anos)

Grande êxito do

excitante programa

duplo

Telefone 47663

OS CLARINS DO MEDO

Colorido, com Francisco Rabal, e

A ÚLTIMA VONTADE

com John Agar

Duas horas de vibrantes emoções!



A's 21 horas

(M. 17 anos)

A HISTÓRIA

DAQUELA NOITE

DESEJO SOB OS OLMEIROS

A's 21 horas

(M. 12 anos)

(M. 17 anos)

Um filme que é uma gargalhada pegada

AQUI HÁ FANTASMAS

Telefone 48560

A's 21 horas

(M. 17 anos)

13 RAPARIGAS ATERROZADAS

EM BUSCA DO AMANHÃ

Telefone 320917

A's 21 horas

(M. 17 anos)

13 RAPARIGAS ATERROZADAS

EM BUSCA DO AMANHÃ

Telefone 320917

A's 21 horas

(M. 17 anos)

13 RAPARIGAS ATERROZADAS

EM BUSCA DO AMANHÃ

Telefone 320917

A's 21 horas

(M. 17 anos)

13 RAPARIGAS ATERROZADAS

EM BUSCA DO AMANHÃ

Telefone 320917

A's 21 horas

(M. 17 anos)

13 RAPARIGAS ATERROZADAS

EM BUSCA DO AMANHÃ

Telefone 320917

A's 21 horas

(M. 17 anos)

13 RAPARIGAS ATERROZADAS

EM BUSCA DO AMANHÃ

Telefone 320917

A's 21 horas

(M. 17 anos)

13 RAPARIGAS ATERROZADAS

EM BUSCA DO AMANHÃ

A PARTIR DE HOJE (às 21 horas)
TODOS PODEM CONTINUAR A RIR
AGORA NO CINEMA LYS com

AQUI HÁ FANTASMAS

(MAIORES DE 12 ANOS)

4.ª
SEMANA

UM FILME QUE É
UMA GARGA-
LHADA PEGADA!

DIVERSÕES

TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

FILMES CASTELLO LOPES
apresenta

DOMINADOR! MAGNIFICENTE! INESQUECÍVEL!

HOJE

ESTREIA ESPECTACULAR!

ROSSANA PODESTA

JEFFRIES LANG — PHILIPPE LEROY

E UM ELENCO DE MILHARES NUM FILME FABULOSO DE GRANDEZA HEROICA!

CONDES

Realização de
HERBERT WISE

ADULTOS

O IMPÉRIO DE ROMA

TOTALSCOPE — EASTMANCOLOR

MAIS ALTO QUE AS LABARETAS DA REVOLTA
A CHAMA GLÓRIOSA DUM AMOR SEM LIMITES!



NO PROGRAMA: UMA NOVA "SELEÇÃO POLICIAL"
O CASO DA AGÊNCIA MATRIMONIAL
CINEMATIZAÇÃO DUM CASO EXTRAÍDO DOS ARQUIVOS DA SCOTLAND YARD

Rotary Clube

Lisboa - Norte

Depois de amanhã reúne-se, ao jantar, no Hotel Flórida, o Rotary Clube de Lisboa-Norte. A palestra regulamentar será proferida pelo sr. dr. Ruy Paiva e Pons, que tratará o tema: «A Empresa, Unidade Sindométrica Viva».

CERTIDÃO

Maria Silvina Sequeira dos Santos, primeira ajudante do Décimo Terceiro Cartório Notarial de Lisboa.

Certifico, nos termos do artigo noventa e seis, do Código do Notariado, que por escritura de sete de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas dez verso a doze, do livro de escrituras diversas número QUARENTA E DOIS-D, deste Cartório, foram declarados habilitados únicos herdeiros do falecido António Rodrigues de Almeida, comerciante, natural da freguesia de Fiscal, de Amares, filho de José Rodrigues e de Maria da Assunção de Almeida, residente que foi na Rua Marechal Saldanha, cinco, terceiro, em Lisboa, onde faleceu no dia dezoito de Novembro de mil novecentos e sessenta e três, no estado de casado em primeiras núpcias de ambos e sob o regime de comunhão geral de bens com Fernanda Nogueira Correia de Almeida que também usa o nome de Fernanda Nogueira de Almeida, seu filho ilegítimo por ele perflorado de nome Raul Monteiro de Almeida, solteiro, maior, comerciante, natural da freguesia do Socorro, de Lisboa, residente na Rua da Bempostinha, vinte e cinco, terceiro, direito, em Lisboa, e a referida Fernanda Nogueira Correia de Almeida, viúva, doméstica, natural da freguesia de Vitória, do Porto, residente na mesma casa onde ocorreu o óbito de seu marido, esta como herdeira testamentária em virtude do testamento público deixado pelo falecido, outorgado em catorze de Novembro de mil novecentos e cinquenta e nove, no Nono Cartório Notarial de Lisboa, a folhas uma do livro cinquenta e dois T.

Para constar se lavrou a presente certidão de narrativa que está conforme com o original.

Lisboa, catorze de Fevereiro mil novecentos e sessenta e quatro. Rasurei: «foram», «cincoenta», «natural da freguesia da Vitória, do Porto», «Lisboa», «catorze de Fevereiro», «dois».

O 1.º Apte. do Décimo Terceiro Cartório Notarial de Lisboa, Maria Silvina Sequeira dos Santos

CAPITÓLIO

Às 20.45 e 23 h. — Ad. M/17 anos



HELENA TAVARES

HOJE
sensacional
ESTREIA

do mais moderno «ballet» em digressão pela Europa e que no domingo alcançou um grande êxito na Televisão

THE CARAVELLES

NA REVISTA POPULAR

O QUE É BOM É P'RA SE VER!

A ÚNICA REVISTA EM CENA!

EM 3 LINHAS

Foram aumentadas ao efectivo da Armada as lanchas de desembarque «L. D. P. 108» e «L. D. P. 109», que se destinam a serviço no Ultramar.

///

Uma estalagem que o sr. Teodoro da Silva Santos vai construir em Almeirim, foi declarada de utilidade turística.

///

O sr. dr. Jorge da Fonseca Jorge foi exonerado, a seu pedido, de delegado do Comissariado do Desemprego no Porto.

///

Por portaria do Ministério do Ultramar, foi reforçada com 1 500 000\$ uma verba inscrita na tabela de despesa do orçamento privativo em vigor da Comissão de Coordenação dos Serviços Provinciais de Planeamento e Integração Económica e Gabinete de Planeamento e Integração Económica.



UM ESPECTÁCULO DE VIGOR BÁRBARO



INSPIRADO NA OBRA IMORTAL DE NICOLAU GOGOL

TONY CURTIS



YUL BRYNNER

Na produção de HAROLD HECHT

TARAS BULBA

ADULTOS



APRESENTA
BREVEMENTE

UMA HISTÓRIA DE AMOR E SANGUE QUE ASSOMBROU O MUNDO!

A TRADUÇÃO INTEGRAL DO ROMANCE DE GOGOL, «TARAS BULBA», FEITA POR JOÃO GASPAR SIMÕES, ESTÁ PUBLICADA PELA PORTUGALIA EDITORA

VISITAS
E RESULTADOS

O primeiro-ministro da Grã-Bretanha foi a Washington e o chanceler federal a Paris. A margem do que dessas visitas disseram os comunicados oficiais e dos comentários que sobre elas fizeram os jornalistas, geralmente bem informados, uma conclusão é legítima: a aliança ocidental quebrou-se e os métodos correntes na N. A. T. O. deixaram de ter aplicação. O general de Gaulle, que tanto contribuiu para esse resultado, tem motivo para se regozijar e no futuro a capital francesa será um centro de activas negociações, sem que para tanto contribuisse o acréscimo de poderio da França. Esta constitui mais um obstáculo do que um parceiro e dificilmente se lhe aplicará esta designação nas suas relações com os países ocidentais.

As visitas, as recepções a que dão lugar, as declarações a que servem de pretexto, contribuem para o prestígio do chefe do Estado francês. Dentro e fora da França fala-se dele como se a situação da França se tivesse modificado, mas a miragem publicitária assim criada não facilita a solução dos problemas de que depende a vida do Ocidente e as suas relações com o resto do mundo, especialmente com o mundo comunista. Corresponde a ela, porém, a uma visível alteração no sistema de relações intercontinentais e, como tal, merece ser assinalada. Essa alteração resulta do declínio da irradiação diplomática dos Estados Unidos, denunciado por outros factores e noutros locais.

O desaparecimento do chanceler Adenauer da cena política ou, pelo menos, o seu relativo apagamento, fizeram crer que acabará o tratado germano-francês, de que ele foi o principal artífice com o general de Gaulle, embora se conservassem boas as relações entre os dois países, que os seus signatários haviam estabelecido. Os acontecimentos recentes mostram que essa versão não correspondia inteiramente à verdade e que o chefe do Estado francês marca, com o tempo, alguns pontos no jogo que principalmente lhe interessa ganhar e é aquele que o opõe aos Estados Unidos e de cujo epílogo depende a sua carreira política neste momento.

O homem encontrado
no tribunal de Dallas
vai ser submetido
a exame psiquiátrico

DALLAS, 18. — A prisão, no edifício do Tribunal de Dallas, de um indivíduo armado, um lenhador que veio do Oregon, a mais de 3000 quilómetros de Dallas, deu a este insípido primeiro dia do julgamento de Ruby um elemento de mistério imprevisto.

O lenhador, de 39 anos, David Conrad Glass, foi preso às primeiras horas da tarde de ontem, mas só houve conhecimento da notícia ao anoitecer. A detenção deu azo a diversos rumores. Um deles, nomeadamente, que não foi desmentido pelo xerife Bill Decker, indica que a polícia local havia sido informada da presença de Glass e passara um mandado de captura contra ele.

«Glass residente em Beaty, no Oregon, onde é lenhador» — afirmou o xerife, acrescentando: «Não conseguiu explicar satisfatoriamente a sua presença em Dallas. Vai ser examinado por um psiquiatra».

Segundo a versão do xerife, Glass, decentemente vestido, apresentou-se nos serviços do procurador-geral, onde fez diversas pergun-

A reforma agrária
beneficiará no Brasil
150 000 camponeses

RIO DE JANEIRO, 18. — Cento e cinquenta mil camponeses sem terras receberão «lotes de colonização» no prazo de um mês a contar da data da promulgação, pelo presidente Goulart, de um decreto de expropriação das terras abandonadas ou mal aproveitadas que margem as principais vias federais de comunicação — anunciou ontem à tarde o director da Superintendência da Reforma Agrária, João Pinheiro Neto, acrescentando que a execução do decreto será assegurada pelas Forças Armadas.

Só grandes propriedades serão abrangidas por este decreto, que não se refere às propriedades de menos de 100 hectares.

A ideia desta reforma agrária limitada surgiu depois do malogro das tentativas do Governo para obter do Congresso a revisão da legislação agrária.

A OPOSIÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS

Embora recebam uma indemnização em dinheiro, os proprietários começam a organizar-se em milícias e a comprar armas para «defender do comunismo a democracia e a propriedade privada». Inversamente, no Estado de Minas Gerais, os camponeses, sem esperar a publicação do decreto, invadiram os terrenos marginais das grandes estradas, tendo sido necessária a intervenção do Exército.

Pinheiro Neto disse ainda que a lei seria aplicada «sem discriminação» às terras pertencentes aos estrangeiros. E, o caso, nomeadamente, na região de Governador Valadares, de uma propriedade pertencente à grã-duquesa do Luxemburgo e de uma outra da sociedade inglesa Frigo Anglo.

REAJUSTAMENTO NACIONAL
DE SALÁRIOS

O presidente Goulart anunciou que assinaria antes do fim da semana o decreto relativo ao reajustamento do salário mínimo para todo o Brasil. Segundo indicações oficiais fornecidas pelo ministro do Trabalho, Amaury Silva, esse reajustamento seria da ordem dos 100 por cento, correspondendo assim à subida do custo-de vida regis-



O presidente João Goulart, cuja discutida reforma agrária de carácter limitado dará terra a 150 000 camponeses

tada no ano passado. Para o Rio de Janeiro e para S. Paulo, o novo salário mínimo será, pois, de 42 000 ou 43 000 cruzeiros em vez dos 21 000 actuais.

Nos meios sindicalistas não se espera pela assinatura do decreto presidencial para desencadear mais uma campanha reivindicativa, tendente a obter uma revisão dos contratos colectivos celebrados nos últimos meses de 1963, os quais são já considerados ultrapassados. — (F. P.).

Zaguri está saturado
de Brigitte Bardot
—afirmam os amigos de Bob

RIO DE JANEIRO, 18. — Bob Zaguri já está saturado de Brigitte Bardot e não sabe como ver-se livre dela, devolvendo-a à Europa — afirmam os amigos de Zaguri. Acrescentam que o par se encontra agora numa praia deserta, próxima da cidade de Cabo Frio, a 150 quilómetros do Rio de Janeiro.

A «estrela», que chegou ao Brasil precedida por intensa propaganda, parece ter caído por completo no óbvio dos brasileiros e o seu nome desapareceu dos noticiários da Imprensa. Até o Cinema, que estava a apresentar os seus filmes antigos, começou a retirá-los do cartaz.

CRÓNICA ATRIBULADA

No Rio, desde a primeira quinzena de Janeiro, B. B. não quis receber a Imprensa durante quatro dias. Jornalistas e fotógrafos não lhe largaram a porta, até que a actriz capitulou e concedeu uma entrevista colectiva, com a condição de que depois a deixariam em paz. Anteriormente, Zaguri assegurara à Imprensa que a «vedeta» se achava enferma. Contudo, os vizinhos queixavam-se de festas ruidosas durante a noite, perturbando o sossego dos restantes inquilinos do edifício.

Depois da entrevista colectiva, jornalistas e fotógrafos cumpriram o que haviam prometido e não mais perseguiram a actriz. Esta, em fins de Janeiro, desapareceu do Rio, a bordo do iate de um milionário sueco residente no Brasil. Porém, ao regressar ao Rio, B. B. provocou novo escândalo, publicando uma violenta carta «a quatro mãos» com Zaguri e endereçada ao dono do iate, por motivo de umas fotografias tiradas no barco. Um dos instantâneos — reproduzidos na Imprensa — mostrava Brigitte Bardot a dormir na cobertura, junto de Zaguri, e parece ter desagradado profundamente a fotografada.

O milionário sueco, abespinhado, respondeu ao par em termos não menos violentos. E para esquecer o incidente, partiu de avião para uma viagem pela Europa.

Todas estas peripécias têm criado

OS CARTEIROS USARÃO UM PULVERIZADOR
PARA SE DEFENDEREM DOS CÃES

WASHINGTON, 18. — Os Correios dos Estados Unidos encontraram a resposta final dos carteiros para cães pouco amigos — uma lata, com um sistema de pulverizador, contendo uma solução que se afirma ser quase garantida para desencorajar os caninos mais hostis.

A lata contém 15 por cento de extracto de pimenta e 85 por cento de óleo mineral.

O correio-mor dos Estados Unidos, John Gronouski, anunciou a noite passada que dera ordem para que latas com pulverizador fossem distribuídas aos carteiros de todo o país.

Durante diversas experiências o pulverizador mostrou ser eficaz em 85 por cento dos casos. Os fracassos foram atribuídos a hesitação ou falta de pontaria dos carteiros...

O correio-mor acrescentou que os carteiros americanos sofriam uma média de 7000 dentadas de cães por ano. — (R.).

O primeiro-ministro
da China continental
chegou a Karachi

KARACHI, 18. — Chegou hoje a esta cidade, por via aérea, proveniente da Birmânia, o primeiro-ministro chinês, que se demorará oito dias no Paquistão.

Chu En Lai é acompanhado pelo marechal Chen Yi, ministro dos Negócios Estrangeiros e por uma comitiva de 48 pessoas.

Durante a estadia na Birmânia, teve diversas conferências com o general Ne Win, presidente do conselho revolucionário birmânês. Entre os assuntos tratados figuraram a eventualidade de nova conferência de Bandung e a questão de fronteiras sino-indiana. — (F. P. e R.).

RELAÇÕES SINO-JAPONESAS

TÓQUIO, 18. — O Governo japonês aceitou em princípio duas propostas chinesas relativas, por um lado, à instalação no Japão e na China continental, de delegações comerciais não oficiais e, por outro, à troca de jornalistas entre os dois países. — (F. P.).

Em poucas
linhas

● CUBA: AVISO NORTE-AMERICANO A MARROCOS — O jornal independente «Maroc Informations» revela hoje que a Embaixada dos E. U. A. enviou ao Governo marroquino uma nota avisando-o de que, como beneficiário do auxílio norte-americano, não deve permitir que os barcos marroquinos transportem carga de e para Cuba. O jornal diz que este é o terceiro aviso e que o auxílio norte-americano será suspenso se o Governo marroquino não aquiescer. — (R.).

● ESPANHA: ATENTADOS NA REGIÃO BASCA — Quatro atentados, que não fizeram vítimas, foram cometidos nos últimos dias em San Sebastian, Pamplona e Vitória — Soube-se de fonte segura. Julga-se que grupos nacionalistas poderiam ser responsáveis pelos incidentes na região basca. — (F. P. e R.).

● BÉLGICA: REGRESSO DE BALDUÍNO E FABIOLA — O rei Balduino e a rainha Fabiola regressaram hoje ao seu país, depois de uma viagem de um mês pelo Extremo Oriente e pela Terra Santa. — (R.).

● CHINA: COMPRA DE TRIGO À ARGENTINA — «A Argentina está a negociar a venda de um milhão de toneladas de trigo à China continental» — diz o jornal «La Nación». A China já comprou à Argentina uma partida de 350 000 toneladas de trigo, que está agora a ser embarcada — acrescenta o diário. — (A. N. I.).

O ROMANCE DE IRENE

HAIA, 18. — A princesa Irene, acompanhada pela baronesa Sweerts de Landy Wyborg, partiu, ontem à noite, para a Áustria, onde fará esqui durante uma semana. O noivo, o príncipe Hugo Carlos de Bourbon Parma, irá ao seu encontro. — (F. P.).

A Itália celebra
o quarto centenário
de Miguel Ângelo

ROMA, 18. — Roma começa, hoje, as comemorações do quarto centenário de Miguel Ângelo Buonarroti, uma das maiores figuras do Renascimento italiano; que morreu precisamente nesta cidade, a 18 de Fevereiro de 1564, com 89 anos de idade.

Inaugurando um ano de celebrações dedicadas ao artista genial, o chefe do Estado, António Segni, preside a uma sessão na Câmara Municipal, situada na Colina do Capitólio e cujo edifício, como todos os outros em redor da Praça Capitoline, foi construído segundo projectos traçados por Miguel Ângelo.

NO PORTO

O «Diário de Lisboa», no Porto, encontra-se à venda a partir das 21 horas, nas tabacarias de MATOSINHOS, FOZ, AVENIDA DA BOA VISTA, ROTUNDA DA BOA VISTA, CARVALHOSA, PRAÇA MARQUES DE POMBAL, RUA DE COSTA CABRAL, CONSTITUIÇÃO, PRAÇA DA REPÚBLICA e BONFIM.

A tarde, Segni procede, no Palácio da Via Nazionale, à inauguração da exposição Miguel Ângelo, que abrange toda a actividade extraordinária do artista, desde a juventude até à velhice, nos campos que explorou: Arquitectura, Escultura, Pintura e Poesia. — (A. N. I.).

A «PRAYDA» FAZ O ELOGIO DE BUONARROTI

MOSCOVO, 18. — Trezentos anos antes do ensinamento de Marx, Miguel Ângelo — no dizer da «Pravda» — já fazia realismo socialista, inconscientemente.

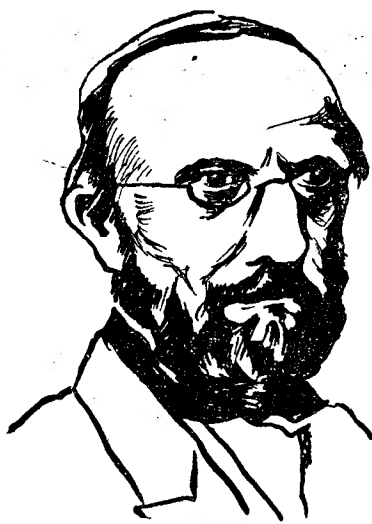
O jornal acrescenta: «Miguel Ângelo empenhou-se em luta renhida contra as forças reacçãoárias... Combateu como humanista convicto e foi sempre um republicano autêntico, fiel aos seus ideais democráticos».

Há dois dias, Galileu foi alvo de elogio idêntico. Em artigo comemorativo do quarto aniversário do seu nascimento, a mesma «Pravda» qualificou de «dogmáticos» os adversários do cientista e prestou homenagem aos seus trabalhos, «que lançaram as bases da descoberta do Cosmos». — (F. P.).

DEUSES E DEMÓNIOS DA MEDICINA

4

por FERNANDO NAMORA



VIRCHOW

Virchow, médico e militante da democracia

O ano de 1848, na Alta Silésia, propagou-se entre os tecelões uma epidemia de tifo exantemático. Havia quem chamasse ao morbo «febre da carência, febre da fome», e as autoridades escolheram um jovem médico, de nome Rudolph Virchow, saído havia cinco anos da Universidade, para decifrar as causas da doença. A escolha não fora ao acaso: Virchow era «dinâmico, tenaz e já se revelara um investigador de brilhante futuro, conquanto até aí arredado das tais febres de carência. Conseguiu certa nomeada como docente dos cursos de anatomia patológica e, sobretudo, por ter intervido com sangue na guerra nas polémicas sobre as teorias humorais de um professor de Viena, o discutido Carl Rokitansky. Virchow desmoronara, com violência, os conceitos do vienense, pois não só localizava os fenómenos vitais na célula, recentemente descoberta, em oposição às abstrações dos humoristas, que tinham chefiado despoticamente a medicina desde a Antiguidade, como se recusava a todo o critério científico que não se solidasse nos factos. Mofava dos que vagueiam, delirados, acima do que a experiência testemunha, até que um sopro de objectividade os obriga a despenhar-se, desamparados, sobre as evidências. «Factos!», exigia ele coléricamente de Rokitansky, desviando-o para uma controvérsia realista, e de tal modo confundiu o teorizador, para o qual a doença era uma discrasia hemática e os fenómenos primordiais decorriam no sangue e não na célula, que este, isolado num movimento impetuoso que conduzia a medicina, irresistivelmente, para a indagação positiva, nunca mais se compôs da dura crítica do obscuro médico prussiano, ainda um infante, que lhe reduzira a doutrina às proporções de um desatino.

Virchow partiu para a Silésia sem ideias preconcebidas, disposto a não desvalorizar a pista menos verossímil, e, ao estudar os diferentes tipos de caquexias devidas ao tifo, logo o impressionaram as condições económicas dos miseráveis tecelões. O morbo era um incidente numa paisagem degradante. O que vinha encontrar era gente esgotada, com alimentação deficiente e morando em tugúrios, gente ao abandono, e isto num país que bozoflava poderio e abundância. A doença não era obra de patologia exótica e não pedia mezinhas de botica; a doença provinha do Estado, que a inoculava e difundia, ao fingir ignorar as agruras do povo, ao dissimulá-las no aparato bélico que excitava a burguesia e num histerismo rânico que era andado não menos grave. O tifo gerava-se no esforço desmedido, na miséria, na ausência de higiene. Só mais tarde, em 1909, Charles Nicolle haveria de acrescentar a esse quadro terrível e exacto a responsabilidade do pioho como agente transmissor, esclarecendo, desse modo, um dos aspectos fundamentais do combate à doença.

Tudo isso foi dito, sem peias, no relatório com que Rudolph Virchow escandalizou as autoridades. Não bastava desinfetar os casebres dos tecelões, eliminar a rataria; a barreira devia iniciar-se entre os poderes públicos: o primeiro esteio da saúde do povo estava numa verdadeira democracia, que lhe reflectisse as aspirações e os problemas.

Esta primeira tomada de posição de Virchow perante o novo conceito de que muitas doenças devem ser encaradas de um ângulo económico-social, fizeram dele um precursor do «direito à saúde», da melhoria das condições de vida através da medicina. A criação de grandes indústrias, com o consequente desenvolvimento urbanístico, preparava o advento da medicina política, chamada não só ao estudo das moléstias profissionais mas também a uma interferência mais viva, mais actuante, no concerto social: o mé-

dico aparecia assim investido de tarefas mais vastas e de maior ponderância, que o punham em contacto directo com o povo e o prestigiavam. A prosperidade material da medicina do século XIX, reflexo da confiança que lhe era tributada, deriva, em grande parte, da sua ingerência nos acontecimentos históricos e da difusão da cultura, que, vulgarizando noções de higiene, incitava as populações a protegerem-se contra a doença.

Virchow foi imediatamente demitido do seu cargo e desligado da Universidade. Os governantes tinham encomendado uma devassa científica, que lhes atestasse os bons propósitos, e não um panfleto revolucionário. Mas o castigo em nada moderou esse jovem honesto e corajoso, que foi mais longe ainda: Bismark teve de ouvir da sua boca estas palavras: «Excelência: o médico é o advogado natural dos pobres».

II

A história dos tecelões da Silésia influenciou decisivamente o futuro de Virchow: ele foi daí em diante não só o cientista de génio, de uma operosidade incansável, a quem a moderna patologia deve quase tudo, mas também o indomito defensor dos humildes e da democracia. A sua vida foi um exemplo do quanto a ciência se prende com as vicissitudes e conquistas sociais do homem e do quanto ao intelectual cabem as maiores responsabilidades na luta política dos povos. Já em 1842, com vinte e um anos e assobado pela licenciatura, ele clamava: «urge não ficarmos inactivos perante os grandes acontecimentos dos nossos dias».

Nascido em Schivelheim, na Pomerânia, a 13 de Outubro de 1821, de ascendência eslava, Virchow fez os estudos médicos em Berlim e aí se fixou. O pai era proprietário de uma estalagem, vivia na mediania satisfeita de quem não tem relações quanto aos gastos do dia seguinte e mais não deseja para dormir em paz. Família vulgar, sem requintes de espírito ou de trato, como apagadas decorreram a infância e a adolescência do moço Rudolph. Mas foi nessa vulgaridade que, sem o prévio rasto de algum parente que se tivesse distinguido com prendas da inteligência, ele rompeu como astro fulgurante que fende uma noite coagulada de breu.

A medicina, a participar de uma época histórica revolucionária, era um fervilhar de ideias e realizações, uma Primavera criadora de searas em gestação. Mas nessa euforia de criar, não deixava nada ao acaso. Cada novidade nascia logo impaciente de se confirmar, tanto como os velhos conceitos, ainda válidos, se vestiam de outros trajes que melhor quadrassem ao empenho da ciência em se tornar rigorosa e demonstrável. A técnica viera emprestar segurança a essas directrizes realistas. Em Delft, um curioso, chamado Leuwenhoek, inventara o microscópio, oferecendo a nova vaga de pesquisadores uma ferramenta de extraordinários recursos, que, embora por algum tempo rudimentar e sem o apoio de métodos de coloração eficientes, permitira que Schleiden e Schwann descobrissem a célula vegetal e animal, base da doutrina celular, que iria presidir à nova orientação da patologia. Ebrehruger confirmara o postulado de Harvey *Omnia vivum et vivo*, liquidando definitivamente a hipótese da geração espontânea. A medicina, enfim, após ter hesitado entre o dogmatismo e o racionalismo, escolhia, com energia, a direcção positivista, apoiando-se nos factos observados e inventariados, deslocando o seu centro de operações para o laboratório. Manifestava desse modo a sua vigorosa reacção contra o idealismo do século anterior. No entanto, enquanto a morfologia prosperava em França, como reflexo da maré positivista, na Alemanha ainda resistia a atmosfera romântica, ca-

racterizada pelo culto da natureza, mais propício aos estudos fisiológicos. Mas a transição já se fazia notar e seria Virchow a apressar-lhe o desfecho, tendo em Vesálio, Morgagni, cuja obra *De sedibus et causis morborum* foi a pedra angular da patologia organica, Magendie e outros da mesma estirpe, os seus mais influentes patronos. Nesse rumo, e animada pela fé criada e pela ardorosa crença no progresso de Virchow, a medicina envergaria, definitivamente, a sua personalidade de disciplina científica, liberta das hipóteses fundamentadas em construções metafísicas.

Durante o curso, já Rudolph Virchow, dotado de memória privilegiada e de singulares qualidades de trabalho, era tido como uma autoridade em anatomia. Aos vinte e dois terminava a licenciatura, colocando-se na Charité de Berlim como ajudante do prospector Robert Froriep, que veio a substituir depois como docente da Universidade. Os seus cursos de anatomia patológica, disciplina jovem mas que fruía um surto de crédito e de labor contínuo, repercutiram depressa nos meios científicos da Alemanha. Embora no começo do século não houvesse ainda cátedras de anatomia patológica, o seu desenvolvimento célere forçava a que se reconhecesse que os estudantes deveriam possuir uma sólida aprendizagem dessa matéria. Em 1847, com o seu colaborador Reinhardt, funda os *Archivos de Patologia, Fisiologia e Medicina Clínica*, neles postulando que a fisiologia patológica era o alicerce dos estudos médicos. As ideias de Virchow, para quem a vida nada mais era «do que a soma de fenómenos submetidos às leis ordinárias físicas e químicas», coincidiam com o movimento que derruía princípios filosóficos e políticos e governos reacçãoários, que desacreditava o romantismo idealista, tal como a reforma de Paracelso coincidia com a de Lutero; integrando-se na evolução que vinha a afirmar-se desde o século XVIII, e testemunhando-a com uma energia contagiosa, não admira que essas ideias tenham sido festejadas por toda a Alemanha, suscitando uma revoada de trabalhos e comunicações que as perfilavam.

Quando regressou da Silésia, e após ter sido destituído das suas funções, a Universidade de Wurtzburg apressou-se a convidá-lo para professor ordinário da anatomia patológica. Mas Virchow estava interessado em problemas mais instantes: o povo francês derrubara a monarquia dos Orleães, que restabelecera os privilégios da aristocracia, o Norte de Itália e a Hungria insurgiam-se contra o domínio austriaco, os republicanos de Roma expulsavam o Papa, em Paris e Berlim a luta das ruas assinalava o advento do socialismo; no fundo de todas essas revoltas, que eram a voz irrefreável, ainda que mal dirigida, de descontentamentos sociais e do desencontro entre os interesses populares e os concertos políticos engendrados artificialmente pela diplomacia das Grandes Potências, irrompiam as novas correntes políticas e religiosas que iam dar corpo à viragem da mentalidade europeia. Era o século de Augusto Comte, de Engels, que nesse mesmo ano de 1848 publicava o *Manifesto do partido comunista*, e de Karl Marx, a quem a experiência de comerciante judeu evidenciara o antagonismo entre a propriedade e o trabalho e que conseguira congregar o movimento proletário, iniciado em 1824, para obter melhoria de remunerações e horários menos desumanos, com o movimento socialista que propunha não um pacífico entendimento com o capitalismo mas uma reorganização radical dos sistemas colectivos.

Sob o impulso da revolta popular, a Alemanha, incluindo a Alemanha austriaca, esteve transitóriamente

unificada sob o Parlamento de Francoforte, pois o ideal de liberdade fundira-se ao da unificação dos trinta e nove Estados, que as conveniências dos grandes senhores feudais contrariavam. Bismarck, mais tarde, haveria de consolidar essa aspiração, mas sob outros designios: a supremacia da Prússia e da casta militar.

Virchow, sob tal clima revolucionário, ardente e fecundo, adia os seus projectos de uma carreira científica e participa, ao lado das massas de operários e burgueses, nas barricadas de Berlim, provocadas pela mobilização da milícia contra as manifestações públicas. De mistura com os agitadores, percorrendo as associações de estudantes, os bairros pobres, auscultando, documentando-se e esclarecendo — pronunciou um discurso tão corajoso num clube proletário, em que reclamava reformas imediatas, uma democracia de justiça social, que o elegeram representante do povo à Assembleia Nacional. A eleição, porém, não pôde ser ratificada, visto Virchow ter menos de trinta anos. Resolve, então, prosseguir a luta através da imprensa, e chega a fundar um semanário médico, de características polémicas e reivindicativas, que foi suprimido no ano seguinte.

Após essa experiência de intervenção directa nos eventos sociais, já pode reatar a vida profissional. Mas também nesta póe o mesmo ardor de renovação, a mesma vitalidade surpreendente, que nunca se dava por esgotada, do seu temperamento insubmisso. E, assim, em Wurtzburg, onde se conserva até 1856, insufla um dinamismo desconhecido à vida universitária, que ele desejava que fosse centro de ensino e de pesquisas e foco de irradiação de uma cultura que não tivesse fronteiras a isolá-la. Aliás, os acontecimentos políticos à escala intercontinental, a atmosfera libertadora e a proliferação dos meios de convívio, empurravam a medicina para a universalidade, fomentando uma acção recíproca e frutuosa entre escolas que traduziam a mentalidade e as tradições de cada país; as universidades transformavam-se em oficinas laboriosas, de portas abertas a multiplas correntes, influenciando-se mutuamente.

Estudantes de toda a Europa, atraídos pela sua palavra original, correm a ouvi-lo. A sua reputação de cientista, como o seu porte autoritário mas estimulante, impõe-se de tal modo que o ministro prussiano, por insistência de Johannes Muller, que abraçara o naturalismo positivista, vê-se coagido a reintegrá-lo na Universidade de Berlim, já como catedrático. Virchow, no entanto, fez-se rogado: aceitaria a cátedra desde que lhe construíssem um novo edifício para o Instituto de Patologia, que ele, no decurso de quarenta e seis anos de faina incessante, havia de elevar aos cumes do prestígio. Ai, com efeito, incitou e dirigiu um programa científico exaustivo, estruturando as suas primeiras descobertas.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES ADMINISTRAÇÃO SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Previnem-se os portadores de obrigações da emissão a seguir indicada de que em 2 de Março p. f., pelas onze horas, se procederá na Sede desta Companhia, em sessão pública, ao sorteio dos títulos a amortizar em 1 de Abril deste ano, em conformidade com o respectivo plano de amortização, a saber:

Emissão das Linhas de Mirandela e Viseu, de 4 1/2% — 1889

330 Obrigações respeitantes à amortização do 2.º semestre de 1963

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1964

O Conselho de Administração

bertas no domínio da histologia e reunindo e catalogando uma imensidade de peças anatómicas. O Instituto possuía três mil e quinhentas preparações quando ele assumiu o cargo; tinha vinte e três mil quando o abandonou. Por isso, de modo algum era desajustada esta sua frase: «Não tenho dúvidas em afirmar que, para nós, a ciência se transformou numa religião».

III

O microscópio de Leeuwenhoek permitira a Schleiden observar nos vegetais minúsculas formações a que se deu o nome de células. O conceito celular foi depois desenvolvido em 1839 por Schwann, que o ampliou aos animais, mostrando que tanto estes como os vegetais são edificados por células, elementos basilares da arquitectura organica, cuja forma varia consoante as tarefas a que se destinam. Tratava-se de formações anatómicamente independentes, com um núcleo central e vida própria. Schwann certificou ainda que o ovo dos animais é uma simples célula, da qual, por um processo de divisão, derivam todas as outras, propondo a designação de «metabolismo» ao conjunto de transformações químicas que exprimem a actividade celular. Hellen, por seu lado, particularizou que os tecidos se diferenciavam porque as células que os constituem pertencem à mesma tribo especializada numa determinada função.

Este novo conceito de que os fenómenos vitais se reduzem aos fenómenos celulares, destruindo as remotas e sempre reverenciadas teorias de que a doença correspondia a uma perturbação dos humores, significava um sismo na patologia. Rokitansky fora um dos sobreviventes da velha cepa de humoristas. Ele julgava que «as doenças organicas localizadas deviam provir de uma prévia discrasia hemática geral, consistindo numa alteração oxidativa da «fibrina ou da albumina». Rendi-se à existência de células, visto que o microscópio as evidenciava, mas não lhes admitia qualquer significado: para ele, os processos nobres decorriam no sangue. Quando Virchow terminava a licenciatura, já a teoria celular se impusera, mesmo aos recalitrantes, mas as hipóteses sobre a gênese da célula tingiam-se ainda de uns restos de humorismo, pois supunha-se que ela era gerada de um primitivo blastema vivo, formando-se, por cristalização, em redor do primeiro elemento aparecido, que era o núcleo. Em 1855, no terceiro volume dos seus *Archivos*, Virchow recusa, sem hesitações, o conceito de blastema, reduzindo a uma tolice histórica o pretensioso papel do magma e do humor linfático na gênese celular e enunciando a sua famosa lei: *omnis cellula a cellula* (cada célula deriva de outra célula). A teoria celular adquire precisão e maioridade em 1858, quando Virchow traçou o seu esquema: a célula provém sempre de outra célula; as células são unidades de vida; as células são unidades de doença; as células formam «uma espécie de arranjo social, do qual os vários elementos estão dependentes e em cada um cumpre o seu papel»; a doença pode ser considerada uma guerra civil dentro desse Estado.

Para alguns, estas analogias foram inspiradas pelas convicções políticas de Virchow; outros, porém, frisam o seu parentesco com o que Aristóteles, numa intuição genial, escreveu sobre a vida organica: «o organismo animal deve ser encarado com o todo semelhante perfeita com uma comunidade bem governada. Uma vez estabelecida a ordem dentro da comunidade deixa de existir a necessidade de um monarca que presida separadamente às várias tarefas. Cada indivíduo desempenha as que lhe pertencem».

(Continua)

Surgiu a oportunidade de um amplo e efectivo povoamento florestal

—afirmou o ministro da Economia no acto de posse dos dirigentes do Fundo de Fomento Florestal e Aquícola

Elaborado um amplo plano de política de povoamento florestal, com base no que já se encontra realizado e estruturado num conjunto de iniciativas que vão ser concretizadas positivamente graças ao Fundo de Fomento Florestal e Aquícola, criaram-se recentemente um Conselho Administrativo e uma Comissão Consultiva desse Fundo, tendo em vista a imediata aplicação do que está planeado.

Compõem estes dois organismos o sr. eng.º silvicultor Jorge Brito dos Santos, presidente, sendo vogais os srs.: dr. Sabino Silva da Costa Teixeira, pelo Ministério das Finanças; eng.º Segismundo do Carmo Camara de Saldanha, e eng.º agrónomo Manuel Siervo Agostinho Dias, pela Secretaria de Estado da Agricultura; prof. Baeta Neves, do Instituto Superior de Agronomia, pelo Ministério da Educação Nacional; dr. Manuel Artur Cotta Agostinho Dias, pela Secretaria de Estado do Comércio; Manuel Francisco de Assis Peixoto de Amorim, pela Corporação da Indústria, e eng.º Amaral Neto, pela Corporação da Lavoura.

Em sessão que se efectuou no seu gabinete, o ministro da Economia deu-lhes hoje posse. Encontravam-se, também, presentes o secretário de Estado da Agricultura e o subsecretário da Indústria, assim como dirigentes dos organismos de coordenação económica.

Lido o auto de posse, o sr. prof. Teixeira Pinto começou por dizer: «Poucos duvidarão da necessidade de intensificar a política de povoamento florestal iniciada antes da

Segunda Guerra Mundial com a Lei de Povoamento Florestal de 1938, na base da qual se têm vindo a arborizar os baldios serranos e continuada com a lei n.º 2069, de 1954, destinada a fomentar a arborização do património particular. Os trabalhos de ordenamento agrário agora concluídos e em curso permitem, de facto, concluir que, mesmo em estimativa prudente, a ocupação racional da terra implicará uma extensa conversão cultural a favor da mata».

Depois de apontar tal necessidade, afirmou: «Surgiu agora a oportunidade de atribuir ao Fundo de Fomento Florestal e Aquícola funções ligadas ao povoamento florestal do património particular com a maleabilidade e autonomia de acção necessárias a esta tarefa. Deste modo, a par da actividade da Direcção-Geral dos Serviços Florestais que tanto vem contribuindo para a arborização dos baldios, surge em novos moldes um organismo destinado fundamentalmente a trabalhar com o sector privado».

Recursos materiais postos à disposição do povoamento florestal

Aludindo à função e objectivos do Fundo de Povoamento Florestal e Aquícola, o ministro declarou: «Não serão diminuídos os recursos materiais postos à sua disposição, escasseando antes os meios humanos para poder levar a cabo com a rapidez desejada a sua tarefa. Esperemos, que a acção e entusiasmo dos dirigentes do Fundo possam atrair novas vontades e acelerar ou estimular a formação de técnicos ao nível superior e médio».

Concretamente, quanto à acção do Fundo, o sr. prof. Teixeira Pinto fez um breve esboço do plano que se pretende venha a ser executado imediatamente:

«A acção do Fundo será, certamente, difícil porque terá de se



O ministro da Economia no uso da palavra

afirmar pelas realizações, de persuadir pelo exemplo e de apoiar pela assistência técnica os proprietários de terrenos que não tenham aptidão económica ou técnica diferente da florestal. E tem, por outro lado, de não escutar o apelo da arborização a todo o custo, atribuindo uma maior ponderação económica aos projectos de florestação e contribuindo assim para disseminar conceitos económicos que, por vezes, eram diminuídos pelo aspecto técnico e beleza da mata. Isto é, para além da escolha das espécies não poderá esquecer que a instalação da cultura florestal é susceptível de abrir novas perspectivas ao pastoreio e à agricultura. E não deve também olhar exclusivamente ao rendimento económico imediato de uma espécie, defendendo antes a fertilidade a prazo do meio e dos solos mediante técnicas adequadas entre as quais avultarão os povoamentos mistos. E terá de trabalhar com critérios que o aproximem do sector privado quer quanto à rentabilidade dos povoamentos directos quer no referente ao apoio financeiro e técnico que venha a conceder».

Integração nas economias regionais e nacional

Depois de proporcionar uma visão do que virá a resultar da execução do plano florestal, baseado

nos recursos do Fundo, o ministro da Economia terminou as suas considerações, afirmando:

«O sector florestal desde a influência contra a erosão até à criação de cinturões verdes, desde o clássico lenho para queimar até à matéria indispensável ao alojamento do homem e à difusão da cultura, participa em muitos e importantes aspectos da vida das populações. Papel singular e obra de vulto estarão por isso reservados ao Fundo de Fomento Florestal e aos seus técnicos e servidores no desenvolvimento económico do País. A tarefa é aliciente e como em muitas acções do homem esperamos que para além da árvore se atenda também à floresta».

Em nome dos empossados, o sr. eng. Brito dos Santos manifestou a sua satisfação por lhe ter sido dado ensejo de contribuir com a sua experiência e dedicação às actividades do povoamento florestal, fazendo uma resenha das fases essenciais que o caracterizavam no nosso País: D. Dinis — povoamento do Pinhal de Leiria; 1824 — Administração-Geral das Matas e 1938 — estabelecimento do Plano de Fomento Florestal.

Disse, então, que uma nova fase, decisiva e dinamizadora, ia iniciar-se, tendo em vista a reconversão do continente português ao seu carácter florestal, com as implicações nos aproveitamentos industriais e integrando-se todo o plano de acção no conjunto dos interesses e das economias regionais e nacional. Aludiu aos dois milhões de hectares destinados ao povoamento florestal e às determinantes do clima, erosão e terra, que orientarão o empreendimento, de forma a dar-lhe a continuidade e rentabilidade de uma produção economicamente aceitável. Referiu-se aos novos moldes dos aproveitamentos e aos recursos técnicos e financeiros para tão grande realização, fazendo algumas considerações sobre as dificuldades de organização de equipas de trabalho, assim como sobre as espécies a cultivar. Destacou a necessidade de um equilíbrio económico florestal em paralelo com as indústrias afins, pelo que a acção, que vai empreender-se, terá de ser cautelosa e deverá contar com a colaboração dos particulares. No final, os empossados foram cumprimentados pelas individualidades presentes.

Mais notícias (fantasiosas) sobre a venda do «Vera Cruz»

A revista técnica espanhola «Oficema», que se consagra aos problemas da Marinha Mercante, anunciava, no seu último número, que o paquete «Vera Cruz» foi vendido (sic) no ano passado... a armadores gregos, os quais o rebaptizaram com o nome, aliás, fatídico, de «Lakonia».

Por seu turno, num dos seus últimos números, o «Journal de la Marine Marchande», de Paris, noticiava a venda do «Vera Cruz» a armadores japoneses, mas não dizia qual o novo nome do belo paquete.

Estamos habilitados a informar, porém, que tais notícias são pura fantasia e que o «Vera Cruz» continua a ser um navio português, ao serviço da Companhia Colonial de Navegação, e a cumprir com regularidade os itinerários estabelecidos para as missões que lhe estão confiadas.

ENCERRA-SE ESTA NOITE O I COLÓQUIO DE PROBLEMAS DA INDÚSTRIA DE CERÂMICA

No anfiteatro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil iniciou-se esta manhã, às 9 e 30, a 3.ª sessão do 1.º Colóquio de Produtividade da Indústria de Cerâmica (barro vermelho), ontem inaugurado. Presidiu o sr. eng.º J. Ferry Borges, chefe do Serviço de Edifícios e Pontes daquele organismo de investigação, que tinha a secretaria-ria os srs. engenheiros Barata da Rocha e Dias Coelho.

Antes de se iniciarem os trabalhos, o representante do L. N. E. C. exprimiu a sua satisfação por se efectuarem ali algumas sessões deste colóquio que tanto interesse despertou entre os industriais do barro vermelho, e referindo-se, também, à colaboração conjunta das três entidades organizadoras, da iniciativa que tanto contribuirá para o maior desenvolvimento e progresso industrial do País.

Seguidamente foi apresentada a comunicação do sr. Jean Vigne, presidente da Comissão da T. B. E. (Federação Europeia de Telhas e Tijolos), cujo trabalho versou a «Pré-fabricação em tijolo».

Referindo as implicações causadas pela última guerra, na construção, este técnico francês historiou a utilização da pré-fabricação, citando a certa altura o exemplo do que no momento ocorre em Chartres, em pleno coração da França, onde se encontra em construção uma cidade nova com 1500 habitações executadas totalmente pelas empresas locais ao ritmo de 500 casas por ano prontas a habitar. No final, aludiu à concorrência do barro vermelho com os outros materiais de construção, nomeadamente a pré-fabricação em betão.

Seguiu-se o trabalho do sr. Julio Redol, da direcção do Grémio dos Industriais de Cerâmica e conhecido industrial, intitulado «Técnicas actuais na indústria de barro vermelho», ao longo do qual demonstrou uma perfeita actualização do conhecimento dos modernos métodos de fabrico. A sua interessante exposição foi ilustrada com a projecção de diversos diapositivos e de um pequeno filme mostrando vários fornos nalguns países europeus, com o que terminou o primeiro período das actividades do programa de hoje do colóquio.

A última sessão

A quarta e última sessão, reunida às 14 e 45, teve a presidência do sr. Frederico Gorjão Henriques, vice-presidente da Corporação da Indústria, e destinou-se à apresentação de três comunicações de engenheiros do departamento oficial onde decorreram as sessões de hoje. A primeira, intitulada «Informação coordenada sobre produtos cerâmicos para a construção», era da autoria dos engenheiros Rui Gomes e Eduardo Zúquete. Esta

INSTITUTO DE ESTUDOS EXAMES DE FREQUÊNCIA

Os exames da 1.ª frequência realizar-se-ão, na Lisboa, no próximo mês de Março, com o seguinte

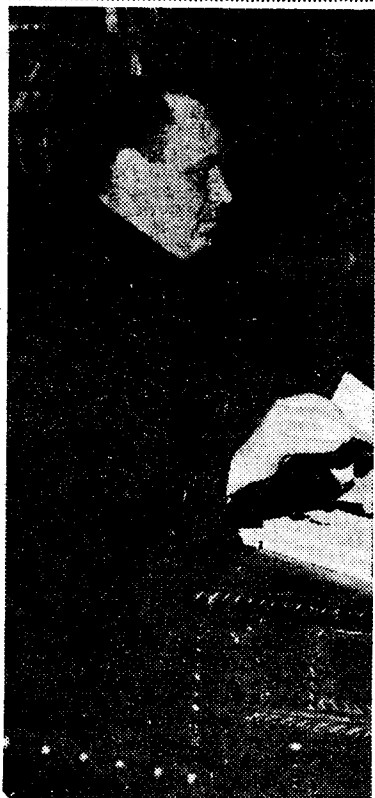
DIA	HORA	TURMA	MATÉRIA
9	18,30	A	História das Ideias
9	21,30	B	Organização Política
10	18,30	A	Economia Política
10	21,30	B	Introdução ao Estudo
16	18,30	A	Introdução ao Estudo
16	21,30	B	História das Ideias
17	18,30	A	Organização Política
17	21,30	B	Economia Política

Turma — A — Compreende os alunos n.º 1 a 44 inclusive.

Turma — B — Compreende os alunos n.º 441 de Joaquim em diante).

Os alunos que, residindo fora de Lisboa, desejarem as disciplinas nos dias 9 e 10, poderão fazê-lo desde o corrente mês de Fevereiro imprevisivelmente, e dirigido ao Director do Instituto. Só serão considerados para a matrícula até ao dia 29 do corrente.

Serão excluídos da frequência, não podendo concorrer aos referidos exames, os alunos que até o próximo dia não tenham sido matriculados.



O dr. Caetano Vidal presta provas

Foi aprovado professor extraordinário de Ciências Económicas o dr. Caetano Vidal

Sob a presidência do sr. prof. Leite Pinto, reitor da Universidade Técnica de Lisboa, terminaram hoje, ao princípio da tarde, as provas do sr. doutor Caetano Vidal, para professor extraordinário do 5.º grupo de disciplinas do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

A última lição versou o tema escolhido pelo candidato, que falou sobre «O recurso ao crédito no financiamento das empresas».

Foram arguentes os srs. profs. João Baptista de Araújo e José Pires Cardoso, que apresentaram as dúvidas suscitadas pela lição do candidato e fizeram o elogio do seu trabalho.

Terminada a prova, o júri reuniu-se, a fim de deliberar sobre a classificação a atribuir ao examinando, que decidiram aprovar.

VIDA POLÍTICA

Ministro do Ultramar

O sr. ministro do Ultramar trabalhou, hoje, com os srs. dr. Duarte Pinheiro e prof. André Navarro, respectivamente, secretário provincial e reitor dos Estudos Gerais Universitários de Angola.

Subsecretário da Administração Ultramarina

O sr. dr. Duarte Pinheiro, secretário provincial, em Angola, foi hoje recebido pelo subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, sr. prof. dr. Silva Cunha.

Novo governador civil de Vila Real

O novo governador civil de Vila Real, sr. dr. Torquato de Magalhães, que deve tomar posse do seu cargo na próxima semana, foi hoje alvo de uma homenagem de despedida em Alijó, onde durante cerca de oito anos, exerceu as funções de presidente do respectivo Município.

Governador do distrito de Cuando-Lubango

Parte esta noite para Angola, a fim de assumir as suas funções, o sr. comandante Sousa Machado, novo governador do distrito de Cuando-Lubango.

A União Zoófila

galardoou o bombeiro que salvou uma pomba

A União Zoófila comunicou-nos hoje que a sua direcção deliberou galardoar o bombeiro voluntário de Bragança, sr. Manuel do Nascimento Pires que, conforme ontem noticiámos, salvou ali uma pomba com risco da própria vida.

A entrega da medalha concedida será feita oportunamente por intermédio do «Diário de Lisboa».

do-Cubango, que se avistou com os srs. ministro do Ultramar e subsecretários de Estado da Administração e do Fomento Ultramarinos.

Uma conferência

do dr. Vasco da Gama Fernandes na Ordem dos Advogados

O insigne advogado e nosso ilustre colaborador dr. Vasco da Gama Fernandes profere uma conferência, na Ordem dos Advogados, no próximo dia 20, às 21 e 30. Versará o tema «Um novo Direito Romano: imagens da Itália de hoje».

A sua verve brilhante, o seu espírito de observação e virtudes literárias estarão presentes na explanação daquele tema, o que está a suscitar muito interesse e expectativa nos meios intelectuais da capital.

APLAUSOS

A UM ARTIGO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

No última reunião do Rotary Clube da Figueira da Foz, o sr. dr. Melo Biscaia associou-se à intervenção do deputado dr. Antão Santos Cunha na Assembleia Nacional, lendo um artigo do «Diário de Lisboa», «A pureza dos princípios», com o qual concordou inteiramente. Isso deu ainda oportunidade a que o dr. Alvaro Malafaia, antigo presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, também manifestasse idêntica concordância e se mostrasse defensor da tradição municipalista. Nessa reunião debateram-se diversos assuntos de interesse do «Rotary».

SE ESTA NOITE UIO DE PRODUTIVIDADE NDÚSTRIA DE CERÂMICA

laboratório Na-
Civil iniciou-
30, a 3.ª ses-
e Produtivi-
e Cerâmica
em inaugura-
g. J. Ferry
ço de Edifi-
organismo
nha a secre-
eiros Barata

o. em os traba-
L. N. E. C.
ação por se
sessões des-
interesse des-
riais do bar-
ndo-se, tam-
onjunta das
zadoras, da
ntribuirá pa-
ento e pro-
ais.

representada
Jean Vigne,
da T. B. E.,
de Telhas e
versou a
plo.

ações causá-
na constru-
bricação, ci-
o exemplo
ocorre em
coração da
ra em cons-
ra com 1500
totalmente
ao ritmo de
as a habitar.
corrência do
outros ma-
omeadamen-
betão.

do sr. Julio
Grémio dos
e conhe-
«Técnicas
e barro ver-
ual demons-
alização do
ernos méto-
interessante
com a pro-
positivos»

mostrando
países euro-
inou o pri-
vidades au-
olôquio, fê-
clar

ão
essão, reuni-
a presi-
Henriques,
poração da
á apresen-
ções de en-
ento oficial
ções de ho-
ada «Infor-
re produtos
trução», era
heiros Rui
quete. Esta

«Portugal na O. N. U.»
é o título de uma conferência
do embaixador Vasco Garin

O sr. embaixador Vasco Garin
profere amanhã, às 19 horas, na
aula magna do Instituto Superior
de Ciências Sociais e Política Ul-
tramarina, uma conferência subor-
dinada ao tema «Portugal na O. N.
U.».

DE ESTUDOS SOCIAIS ES DE FREQUÊNCIA

frequência realizar-se-ão, na Faculdade de Direito de
de Março, com o seguinte horário:

JURMA	DISCIPLINA
A	História das Ideias Políticas e Sociais
B	Organização Política e Corporativa da Nação
A	Economia Política
B	Introdução ao Estudo do Direito
A	Introdução ao Estudo do Direito
B	História das Ideias Políticas e Sociais
A	Organização Política e Corporativa da Nação
B	Economia Política

ceende os alunos n.º 1 a 440 (até ao nome de João

ceende os alunos n.º 441 e seguintes (desde o nome

do fora de Lisboa, desejem realizar o exame de todas
10, poderão fazê-lo desde que o solicitem até o dia 29
reiro impreterivelmente, em requerimento justificado
nstituto. Só serão considerados os requerimentos que
a até ao dia 29 do corrente.

quência, não podendo consequentemente ser admitidos
unos que até o próximo dia 29 não paguem a 2.ª pres-



Gago Coutinho com os componentes da delegação portuguesa ao Con-
gresso que se reuniu em Roma. Vêem-se na gravura, junto do palácio
do Capitólio (além do embaixador da Espanha, conde de la Viña, e
do ministro do Siao, nos dois extremos), da esquerda para a direita:
prof. Lobo de Avila, com o traje universitário; capitão-aviador Jorge
Castilho, almirante Gago Coutinho e dr. Trindade Coelho, ministro
de Portugal em Itália

A FIGURA GLORIOSA DE GAGO COUTINHO evocada no aniversário da sua morte

Desapareceu do nosso convívio
há precisamente cinco anos, que
hoje se completam, o almirante
Gago Coutinho, companheiro de
glória de Sacadura Cabral, no épico
voo Lisboa-Rio de Janeiro, dois no-
mes aureolados de invulgar prestí-
gio, que têm merecido, nestes últi-
mos tempos, algumas homenagens
representativas de gratidão.

Honrar a memória destes dois
bravos e sábios que tanto elevaram
o nome português não deve tradu-
zir-se apenas em lembranças efê-
meras, mas em atitudes plenas de
significado e de magnífica gran-
deza. A capital ainda não teve opor-
tunidade de perpetuar no bronze a
glória de Gago Coutinho e de Sa-
cadura Cabral, apesar da insistên-
cia com que se solicita essa home-
nagem ao longo de quarenta e dois
anos! Ficou-se — o que também é
uma atitude — na contemplação do
maravilhoso acolhimento que se
lhe fez quando regressaram à Pá-
tria, nessa chuvosa tarde de Outu-
bro de 1922, que foi também de
flores, de lágrimas de contenta-
mento, de emoção sem fim!

Mas o mundo português de além-
mar não navega na mesma qui-
tude e na ingratidão dos metropo-
litanos. Ao lapso aqui verificado
opõe rutilante gesto, pois certo é
ter-se anunciado que, na cidade da
Beira onde, já existe o «Aeroporto
Sacadura Cabral», vai erguer-se o
monumento ao glorioso aviador es-
culpido pelo notável artista Leopoldo
de Almeida. E em Lourenço
Marques do mesmo modo vai pro-
ceder-se em relação a Gago Couti-
nho, que é, também, o patrono do
aeroporto da capital moçambicana.

Podemos pensar que a África
não quer apartar-se destes dois
imortais portugueses, que a servi-
ram, primeiro como geógrafos de
excepcional valor, e, depois, como
navegadores insignes pelos seus fe-
itos de projecção na história, de re-
tumbância à maneira antiga.

Passa este ano — já se escreveu
há tempos — o 40.º aniversário da
morte de Sacadura Cabral, que de-
sapareceu voando, com o seu hu-
milde e dedicado mecânico Pinto
Correia, no Mar da Mancha, rumo
a Lisboa. A seu tempo eles serão
evocados.

Falemos hoje — aniversário da
morte de Gago Coutinho, seu ex-
-chefe no sertão e no espaço —,
através de alguns preciosos papéis
que nos ficaram das nossas visitas
matutinas a sua casa, não sempre
para o entrevistar, mas quase sem-
pre para nos ouvir... e aconselhar.

Esses papéis, que pertencem à
história, bem podem vir a lume
porque são a voz do prestígio de
que já gozavam os dois bravos an-
tes do voo, e que depois, e com
razão, mais ainda se acentuou. São,
também, alguns desses numerosos
documentos, o retrato puro e sim-
ples da personalidade de Gago Couti-
nho, traçada por outros nomes
ilustres, ou até muito simplesmente,
por ele.

Documentos expressivos

A carta particularmente curiosa
que se segue escreveu-a treze dias
antes do glorioso voo, o almirante
José Nunes da Mata, grande figura
da Armada e da vida nacional, e

julga-se até que o primeiro com-
ponente das forças armadas que
voo em Portugal, em Belém, em-
bora como passageiro:

Parede, 17-3-922. — Meu preza-
do Camarada e Amigo. Apesar de
há muito me constar que o nosso
camarada Sacadura andava trata-
do de preparar uma boa aeronave
para atravessar o Atlântico até ao
Rio de Janeiro, ao ter ultimamente
a certeza de que ele e o meu ami-
go vão levar a efeito esse acto arro-
jado e mesmo heróico e patriótico,
experimentei uma tal comoção e
entusiasmo que, sem querer, não
penso noutra coisa. Entretanto,
apesar de eu ter a convicção de
que não de com boa sorte levar a
efeito esse grande empreendimento,
ando nervoso, como se, porventura,
eu também fosse na arriscada via-
gem aérea. E em tal afinação anda
o meu espírito que, na noite passa-
da, acordei em sobressalto, ouvindo
o meu amigo gritando «Fernando
de Noronha!». Dei um pulo para o
chão e reconheci que não me en-
contrava no espaço, voando, mas
na prosaica terra firme.

«A propósito da pequena ilha de
Fernando de Noronha, reconheço
que o meu último opusculo a res-

MARIO COSTA PINTO

(Continua na 11.ª página)

O embaixador da Noruega entregou hoje em Belém as suas cartas credenciais

Com o costumado cerimonial, fez
hoje entrega das suas credenciais,
ao sr. Presidente da República, que
para o efeito o recebeu em audiên-
cia especial no Palácio de Belém,
o novo embaixador da Noruega, sr.
dr. Carl Eric Dons, que substitui
naquele cargo o sr. dr. Christian
Rensh.

O novo diplomata chegou a Be-
lém pouco antes das 11 horas, es-
cortado por um grupo de esquadões
da G. N. R. Na Praça Afonso de
Albuquerque, foi-lhe prestada con-
tinência por uma companhia de
Infantaria daquela corporação, que
a passagem do cortejo apresentou
armas ao mesmo tempo que a ban-
da de música executou os hinos
nacionais dos dois países.

Na Sala das Bicas, soldados de
Cavalaria da G. N. R., de espada
desembaçada, perfilarão-se, tan-
to á entrada, como á saída do em-
baixador da Noruega, que se fazia
acompanhar dos srs. dr. Pinto de
Mesquita, chefe do Protocolo do Es-
tado; Sigvald Wiborg, segundo se-
cretário da Embaixada da Norue-
ga e dr. Carlos Wemans, adjunto
do Protocolo.

Depois de introduzido na sala
das recepções, onde decorreu a ce-
rimónia, o novo diplomata acredi-
tado em Lisboa fez a entrega das
credenciais ao Chefe do Estado, que
tinha a seu lado os srs. drs. Franco
Nogueira, ministro dos Negócios Es-
trangeiros, e José Luís Archer, se-
cretário-geral daquele departamento
do Estado, estando, também, pre-
sentes os srs. dr. Luís Pereira Cou-
tinho, secretário-geral da Presidên-
cia da República; general Humberto
Pais, chefe da Casa Militar do
sr. Presidente da República e res-
tantes elementos.

Nas saudações trocadas foram
salientadas a amizade e as boas re-
lações existentes entre os dois paí-
ses.

Depois de alguns momentos na
Sala do Conselho de Estado em
conversa com os srs. almirante
Américo Thomaz, dr. Franco No-
gueira e embaixador Luís Archer,
o sr. dr. Carl Eric Dons, retirou-se
com o mesmo cerimonial da entra-
da.

O planeamento económico do arquipélago da Madeira e a necessidade de se criarem portos francos em Portugal

Proseguiram esta tarde, sob a
presidência do sr. prof. Mário de
Figueiredo, secretariado pelos srs.
drs. Cid Proença e Folhadela de
Oliveira, os trabalhos da Assembleia
Nacional, que está a discutir um
aviso-prévio sobre a crise agrícola
nacional, apresentado pelo sr. eng.
Amaral Neto.

No período de antes da ordem do
dia, o sr. dr. Alberto de Araújo
ocupou-se dos estudos feitos para o
estabelecimento de zonas ou portos
francos em Portugal, tendo-se refe-
rido, com palavras de apreço e de
elogio, ao trabalho elaborado pela
comissão em tempos nomeada pelo
Ministério das Comunicações para
estudar as possibilidades da criação
de portos francos em Lisboa e Se-
tubal, e de que foi relator o sr. eng.
Salvador Sá Nogueira.

Depois do estudo e das conclusões
formuladas por aquela comissão —
acentuou o orador — formaram-se
na Europa dois blocos de países que
prosseguem uma política de desmo-
bilização paula e de um dos quais
Portugal faz parte. Por outro lado,
criou-se o espaço económico portu-
guês, destinado precisamente a fo-
mentar o intercâmbio comercial en-
tre todas as parcelas do território
nacional. Marcouse, também, uma
orientação definitiva no sentido da
maior industrialização do País.

O sr. dr. Alberto de Araújo de-
clarou que é em face destas realida-



O novo embaixador cumprimenta
o Chefe do Estado

— assuntos tratados na Assembleia Nacional pelo dr. Alberto de Araújo

des que tem de rever-se o problema
do estabelecimento de zonas fran-
cas, que continuam a ter a maior
importância, sobretudo em países
possuidores de portos situados nas
encruzilhadas da navegação ou nas
proximidades dos grandes mercados
consumidores.

Ao abordar este assunto, o orador
tinha em vista dois objectivos: o
primeiro é que se tomem em consi-
deração os trabalhos efectuados, pa-
ra rever o problema da criação de
portos francos em Portugal, em fa-
ce da actual conjuntura económica
interna e externa; o segundo, o de
afirmar que se há porto que, pela
sua localização no cruzamento das
grandes linhas marítimas da África,
da América Central e da Améri-
ca do Sul, possa todas as condições
para ser um grande centro reexporta-
dor de mercadorias, esse porto é
o do Funchal, na ilha da Madeira.

O ideal — disse aquele deputado
— seria fazer de toda a ilha uma
zona franca, mas, enquanto esse
objectivo não pudessem ser atingido,
devia estabelecer-se um regime de
franquia aduaneira, pelo menos pa-
ra todos os artigos essenciais ao
consumo publico e, ainda, para
aqueles que são necessários ao tu-
rismo ou que o turista gosta de ad-
quirir nas estâncias ou terras que
visita, como acontece nas Caná-
rias, em Tanger ou Gibraltar.

Segundo o sr. dr. Alberto de
Araújo, para já e nesta mesma li-
nha de orientação, os armazéns a
construir no molhe da Pontinha
deviam ser depósitos ou armazéns
gerais francos, administrados pela
Junta Autónoma dos Portos do Ar-
quipélago da Madeira, e que seriam,
assim, num futuro próximo, uma
zona franca limitada.

Depois de afirmar que isso seria
o primeiro passo para, posterior-
mente, se estabelecerem naquela
ilha fórmulas mais amplias de fran-
quia aduaneira, o orador defendeu
a necessidade de se efectuar o pla-
neamento económico da Madeira,
imposto, sobretudo, pelo desenvol-
vimento turístico, que se deve acen-
tuar com a regularização das comu-
nicações aéreas. E concluiu:

— A criação de regimes de fran-
quia aduaneira, o fomento da agri-
cultura, a defesa dos produtos pela
sua melhor qualidade, a prospecção
dos mercados, a reconversão de cer-
tas actividades, a protecção a obter
para novas industrias e para o arte-
sanato, o conveniente aproveitamen-
to da riqueza florestal, as razões de-
terminantes do alto custo da vida
e as medidas a tomar para lhe fa-
zer face são, entre tantos, assuntos
que urge considerar e estudar num
planeamento económico do arquipé-
lago. Espero, por isso, que o Gover-
no não deixará, com a possível bre-
vidade, de o orientar e conduzir, na
certeza de que a Madeira, através
do sector publico e do sector priva-
do, dará a sua melhor colaboração
a um empreendimento que é de vi-
tal importância para o seu futuro
e para o seu progresso.

Estão inscritos para intervir no
debate sobre a crise da agricultura,
os srs. eng.º Mário Galo, dr. Gam-
boa de Vasconcelos, prof. Vitória
Pires, Francisco António da Silva
e drs. Nunes Fernandes e Quirino
Mealha.

TENTATIVA de assalto

a dois edifícios públicos

MÉRTOLA, 18 — Os gatuños ar-
rombaram na ultima noite a porta
da teouraria da Fazenda Publica
mas não tentaram arrombar o co-
fre, nem levaram qualquer objec-
to, mas apenas uma bicicleta que
se encontrava na rua, e pertencia
a um vendedor ambulante.

Os larápios tentaram também for-
çar a porta da Central dos Correios,
mas não o conseguiram.

Morto na praia

LOURENÇO MARQUES, 18. — Na
zona da praia foi encontrado o corpo
de um jovem de 19 anos, de nome Ra-
fael Procópio Ferrão Gomes. Supõe-se
que a morte tenha sido devida a con-
gestão. — (L.).

As minhas entrevistas com Kruchchev

(Continuação da 1.ª página)

gumas concessões de Kruchchev, pensou ser possível entabular negociações directas entre a Alemanha e a U. R. S. S. no sentido do estabelecimento de um regulamento da questão alemã. O chanceler Adenauer não quis, porém, segui-lo por esse caminho, receando levantar suspeições nos seus aliados ocidentais — e especialmente os americanos — e traumatizados ainda pelas recordações de Rappallo e do pacto Molotov-Ribbentrop. O chanceler deu a conhecer este ponto de vista ao seu enviado diplomático em Moscovo, que ficou desorientado e um pouco despitado por ver que a sua política não coincidia com a de Bonn. Irritavam-no, ainda, os ataques de certos jornalistas de além-Reno, a quem desagradavam as suas maneiras e processos burocráticos. Deu-se, então, o seu chamamento a Bonn, em 1962. E' preciso confessar que Hans Kroll nunca deixou de se tornar simpático, nem escondia a sua ambição. A sua pequena estatura e a sua cara redonda assemelhavam-se um pouco ao seu amigo Kruchchev, possuindo igualmente um carácter vivo.

As suas origens silesianas — nasceu há 65 anos nessa província que foi, durante dois séculos, território prussiano — transparecem na sua expressão e na sua atitude de «rigidez germânica».

Seja como for o homem, o político, que está em si, pode gabar-se, com toda a justiça, de ter recolhido, no sequeiro do Kremlin, autênticas confidências, tanto mais importantes e significativas quanto é certo elas terem partido de um estadista que fala pouco e de quem pouco se sabe.

Baseado no que Hans Kroll escreveu, Gilles Anouilh transcreve, agora, as suas considerações mais relevantes.

«A minha missão histórica é garantir a paz para o meu povo»

Em Maio de 1958, pouco depois da minha chegada a Moscovo, assisti a uma recepção dada pela embaixada da Índia. De súbito, vi o sr. Kruchchev atravessar o salão na minha direcção. Agarrou-me, com muito à vontade, no casaco, bateu-me no ombro e disse-me, sem mais aquelas: «Vós sois contra a paz. A única coisa em que pensais, no fundo, é fazer a guerra contra nós, a fim de, pela terceira vez desde o início deste século, tentardes apoderar-vos de Moscovo...»

Durante um momento, escutei, sem dizer nada, um ataque cerrado contra o chanceler Adenauer, a quem eu não conhecia.

UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE INFANTIL em Vila Franca de Xira

A Secção Cultural da União Desportiva Vila-Franquense, com o patrocínio do Município de Vila Franca e sob a égide da Associação Portuguesa para a Educação pela Arte, promove a organização do III Salão de Arte Infantil de Vila Franca de Xira.

O respectivo regulamento foi elaborado pelo júri de admissão dos trabalhos, do qual fazem parte o prof. Calvet de Magalhães, director da Escola Técnica Francisco Arruda, e os arquitectos D. Maria Isabel Cottinelli Telmo, presidente da Associação Portuguesa da Educação pela Arte, e José Antunes da Silva, subdirector daquela escola.

O salão é aberto a todas as crianças, dos 5 aos 15 anos, residentes ou a estudar no concelho de Vila Franca de Xira e os trabalhos devem ser enviados, pelo correio, à secção cultural da União Desportiva Vila-Franquense ou entregues, pessoalmente, na sede do clube organizador, Rua Curado, 5, 1.ª, naquela vila.

Cada concorrente pode apresentar três trabalhos (desenhos ou pinturas), sem obedecer a qualquer restrição quanto aos materiais empregados (papel ou tintas). O formato mínimo é de 22x32 cm.

As crianças têm liberdade de escolher os seus próprios assuntos e materiais de trabalho. Os desenhos ou pinturas não podem ter montagem nem devem dobrar-se; têm de ser apresentados direitos ou em rolo, devidamente acondicionados.

Todas as demais condições e outros pormenores constam do regulamento.

Bundeswehr, os grandes industriais do Reno. Depois subiu-me a mostarda ao nariz...

Então, agarrei-o também pela banda do casaco e interrompi-o: — A verdade é que nós queremos a paz, muito mais do que vós. Mas as propostas que nos fizestes estão muito longe de um tratado honroso e sério. Se as aceitarmos, teremos um «diktat» pior ainda do que o de Versalhes!

Kruchchev tentou, em vão, cortar-me a palavra, enquanto, atraídos pelo barulho da nossa discussão, algumas dezenas de diplomatas e jornalistas fizeram círculo à nossa volta. Depois, a nossa entrevista terminou tão repentinamente como havia começado. A laia de conclusão, Kruchchev pediu-me que o visitasse no Kremlin, no dia seguinte.

«Isto vai recomçar», pensei ao entrar no meu gabinete, na manhã seguinte à recepção. Efectivamente, desde a primeira frase, critiquei vivamente a política da Republica Federal. Disposto a não deixar repetir o que acontecera na véspera, interrompi-o: «Vejo, senhor presidente do Conselho, que estais mal informado. Vou explicar-vos claramente a nossa política e esclarecer-vos, pois não a conheceis». Kruchchev atalhou: «Não vamos discutir, de novo. Estamos aqui para estudar, juntos, a forma possível de melhorar as relações germano-soviéticas».

Devo dizer que, após este dia, nunca mais o chefe do Kremlin teve qualquer palavra desagradável para comigo, durante os quatro anos e meio que estive em Moscovo. Visitei-o, várias vezes, no Kremlin e fez-me dois convites para passar alguns dias de férias na sua «dacha» de Gagra, nas margens do Mar Negro. Em todas as recepções oficiais, encontramos tempo e momento para trocas de impressões, nós os dois apenas. Teve sempre tempo para me escutar e para me responder.

Qual a razão? Porque falo o russo correctamente e, com a falta de intérprete, as nossas conversações eram mais livres e animadas. Mas há outro motivo: Kruchchev tem um temperamento muito vivo e diz-se que eu também o tenho. Estou convencido de que o meu «carácter rude» — ele próprio me disse — não lhe desagradava, antes pelo contrário. Ficava satisfeito por encontrar um diplomata diferente dos outros, não se contentando em repetir apenas as instruções do seu Governo, mas sempre pronto a segui-lo nas discussões e a replicar-lhe vigorosamente, fosse qual fosse o tema de conversa. Ele é um apreciador de boas histórias e de anedotas populares e eu fiz uma razoável provisão delas, antes de partir para Moscovo. Também neste campo, eu estava apto a segui-lo.

Vou contar, agora, uma das mais importantes confidências que me fez. Um certo dia, disse-me: «Veja você, Lenine tomou um lugar na história universal levando a revolução comunista à vitória e criando a União Soviética. A Estaline cabe o mérito de ter ganho a guerra e salvo o nosso país da ruína. Qual poderá ser a minha missão histórica? No meu entender, penso que deverá ser garantir definitivamente a paz para o nosso povo, assegurando-lhe uma vida melhor no quadro de um país perfeitamente comunista».

«Uma guerra atómica significaria a morte biológica da nação soviética»

O primeiro daqueles pontos foi, várias vezes, tema das nossas entrevistas. Era particularmente impressionante para mim falar disso, pois, durante a minha primeira estadia na embaixada de Moscovo, de 1923 a 1925, assisti ao último discurso publico de Lenine:

«Há já muito que o capitalismo e o socialismo persistem lado a lado, e um dos dois acabará por triunfar. Aconteça o que acontecer, o imperialismo internacional não pode admitir a existência da U. R. S. S. E' inevitável um conflito entre estas duas forças».

Esta declaração categórica havia-me impressionado muito. E, eis que, ao fim de vinte e cinco anos, também em Moscovo, ouço Kruchchev afirmar-me:

«Eu quero entrar na História como o homem que evitou a guerra. A época dos conflitos entre as grandes potências acabou, definitivamente, pois estamos na era atómica. A guerra está excluída como

meio político, pois conduziria ao aniquilamento recíproco». No seu espírito não há pacifismo ou sentimentalismo, mas um cálculo perfeitamente frio e racional.

Kruchchev repetiu-me várias vezes: «Uma guerra global entre grandes potências será forçosamente nuclear. Não acredito nas teses destes teóricos militares, segundo as quais, para evitar o Apocalipse atómico, os beligerantes se limitariam às armas convencionais. Não é lógico, pois uma guerra convencional deverá acabar pela capitulação, sem condições, de um ou outro adversário. Tanto nós como os americanos, lançáramos mão de todos os recursos para evitar uma tal situação. Logo, uma guerra terá de ser, desde o início, uma guerra nuclear».

Nunca tive dúvidas de que Kruchchev não alimentava quaisquer ilusões quanto aos perigos que a U. R. S. S. corria, em caso de conflito nuclear. Ao princípio, começou por se gabar, dizendo-me: «Temos todas as armas de que precisamos — explosivos e mísseis — para atingir qualquer ponto do Globo. Podemos aniquilar os Estados Unidos e a Europa Ocidental. Em contrapartida, os americanos causar-nos-ão ruínas, mas não nos destruirão completamente, dada as características dos territórios».

Mas, pensaria verdadeiramente assim o chefe dos soviéticos? Não estou muito seguro sobre isso, e duvido de que, realmente, o pensasse. E, assim é, que mudou de ideias e teve ensejo de me declarar: «Nós também seríamos aniquilados. Uma guerra atómica significaria a morte biológica da nação soviética».

«Quero fazer da U. R. S. S. a primeira potência económica para tomar a direcção do planeta»

Sem que eu tenha confessado, penso que esta evolução se deve às suas informações sobre os esforços de armamento dos americanos após o malogro do encontro Kennedy-Kruchchev, em Viena, em Junho de 1961. Digam-se, de passagem, que Kruchchev anda, notavelmente, bem informado sobre tudo o que se passa no Mundo, e particularmente no Ocidente. Fê-lo sentir, diversas vezes, durante as nossas trocas de impressões.

A SEGUIR: «Erros de cálculo e transformações das indústrias atrasaram a execução do plano económico russo».

Diário da Outra Banda Cinemas

ALMADA — Incrível — As 21: «Quatro no Texas» (17 anos); Academia — As 21: «A pantera negra» (17 anos).

BARREIRO — Cine-Barreirense — As 21: «Hipnose» e «Golpe sensacional» (17 anos).

COVA DA PIEDADE — Club Recreativo — As 21: «Um Verão de amor» (17 anos); União Artística — As 21: «Romeu e Julieta» e «Ódio entre irmãos» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100).

ALMADA — Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Tel. 271297).

BARREIRO — Pimenta — Rua Conselheiro Joaquim A. Aguiar, 258 (Tel. 2273012).

COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — Praça 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).

MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO — Montepio — Rua Almirante Reis, 93 (Tel. 230035).

SESIMBRA — Leão — Av. Salazar, 12 (Tel. 229025).

SETÚBAL — Marques — Rua Arronches Junqueiro (Tel. 22783); Bonfim — Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558).

SEIXAL — Godinho — Largo da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Estrada Nacional, 174.

ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Candido dos Reis, 30 (Telef. 224020).

TRIBUNAIS

Julgamento no Plenário

Reuniu-se, esta tarde, o Plenário Criminal da Boa Hora, presidido pelo sr. desembargador António de Almeida Moura, para julgar um processo no qual são arguidos os srs. Pedro Rodrigues dos Santos, de 40 anos, casado, serralleiro, de Lisboa; Joaquim Amaro, de 59, casado, trabalhador, natural do Crato, e Elias Alberto Martins Ramos, de 29, casado, gravador, de Lisboa. Segundo o Ministério Público, desenvolveram actividades subversivas, na qualidade de membros do Partido Comunista Português; constituíam, dentro dos estaleiros navais da Companhia União Fabril (Lisnave), onde trabalhavam, um «organismo de empresa», do qual o primeiro foi responsável; efectuaram encontros de carácter partidário; mantiveram contactos directos com os dirigentes do partido e usavam pseudónimos para mais facilmente encobrirem as suas actividades delituosas; e receberam e divulgaram imprensa clandestina. Os seus pseudónimos eram: «Joel», «Sousa», «Osório» e «José». O primeiro, há cerca de dois anos, fora aliciado por um mecânico, de nome Artur, ao tempo seu colega nos estaleiros; o segundo voltou ao partido no Verão de 1958, e o terceiro, no Verão de 1961, aliciado pelo sr. Mário Ricardo da Silva («Pratas»).

No julgamento figuram duas testemunhas de acusação e quinze de defesa. A sentença, talvez seja conhecida à noite.

Absolvido, dezasseis anos depois, em segundo julgamento

No 2.º Juízo Criminal da Boa Hora, em audiência colectiva, sob a presidência do sr. corregedor Manuel dos Santos Vitor, que tinha como delegado do Ministério Público o sr. dr. José da Cruz Rodrigues, respondeu, pela segunda vez, Eduardo Saraiva da Silva, de 45 anos, casado, canalizador, natural do Porto, o qual, julgado, em 31 de Julho de 1947, foi condenado, à revelia, como autor de um crime de furto doméstico no montante de 10 000\$00, em cinco anos de prisão maior celular, ou, em alternativa de sete anos e meio de degresso, dezasseis meses e dezasseis dias de multa a 1\$00 por dia, 1000\$00 de imposto de justiça e declarado delinquente habitual.

Sucedeu que, no dia 15 de Outubro do ano passado, decorridos dezasseis anos, foi descoberto e preso em Miranda do Douro. Conduzido para Lisboa, onde teria sido praticado o delito, recolheu ao Limoeiro. O sr. dr. Eduardo Fernandes, patrono do acusado, estudou o processo, e requereu novo julgamento, o que foi deferido.

Durante a audiência, o réu protestou a sua inocência, manifestando completo desconhecimento dos factos anteriores. Não foi possível localizar nem queixoso nem testemunhas. Aquele caudado demonstrou que o seu constituinte levava uma vida honesta e proba, e nesses longos dezasseis anos trabalhando como operário na construção de barragens.

Findos os debates, o colectivo, em conferência, deu o crime como não provado e absolveu o arguido que voltou a fazer a sua vida normal em terras do Norte do País.

Sentença confirmada pelas instâncias superiores

O proprietário Nuno da Costa Pereira Chaves de Almeida, de 40 anos, casado, natural de Lisboa, fora condenado na pena, suspensa por três anos, de 18 meses de prisão, 90 dias, de multa a 30\$00 por dia e em 3000\$00 de imposto de justiça.

Estava pronunciado por, na qualidade de representante de uma sociedade comercial, a qual, por sua vez, representava uma firma alemã, ter recebido determinada importância para o único fim de a entregar a outra firma nacional, à qual era devida, tendo-a gastado em seu proveito. Teria assim praticado, um crime de abuso de confiança.

O réu recorreu do despacho de pronúncia, que foi confirmada na Relação e no Supremo. O tribunal deu como provada a acusação e condenou-o na pena referida. Foram ouvidos um declarante e cinco testemunhas de acusação. O advogado constituído era o sr. dr. José Paulo de Almeida Monteiro.

Condenado por crime grave

No 10.º Juízo Correccional de Lisboa foi julgado o pedreiro Possidónio Lopes, casado, sob a acusação de um crime grave na pessoa de uma menor, filha do sr. Artur Lopes Ferreira, natural de Pombeiro da Beira (Arganil), agente da P. S. P., que se constituiu assistente, e teve como advogado o sr. dr. Vasconcelos Carvalho.

Ouvidos os declarantes e as testemunhas, o tribunal deu o crime como provado, e condenou o arguido em seis meses de prisão, remíveis a 25\$00 por dia, indemnização à ofendida e imposto de justiça.

FOI ALARGADA A INCIDÊNCIA de uma taxa sobre a batata e reduzido o seu valor

Numa portaria do secretário de Estado do Comércio, hoje publicada, diz-se que se verificou a conveniência de alargar o âmbito de incidência e de diminuir de \$06 para \$02 a taxa por quilograma de batata de consumo destinada à construção de armazéns, e bem assim de modificar o sistema de cobrança.

O mesmo diploma e tabelas depois que a taxa sobre a batata de consumo, prevista no artigo 4.º do decreto-lei n.º 42 516, de 10 de Setembro de 1959, a cobrar pela Junta Nacional das Frutas, é fixada em \$02 por quilograma de batata transaccionada no mercado interno.

A taxa é devida por todas as pessoas singulares ou colectivas que exercem no continente as funções de armazenistas de batata de consumo, como tal inscritas na Junta Nacional das Frutas e que, para este efeito, se dividem em duas categorias: armazenistas que exercem como actividade principal a de intermediários entre a produção e o comércio retalhista; e organismos corporativos da lavoura, cooperativas de produtores ou de consumidores e associações afins.



Para apresentação do novo director-gerente, sr. Andrew H. Masset e esposa, e a convite do senhor e senhora Joseph R. Roda, presidente do conselho de administração da Ford Lusitana, foi oferecido um «cocktail», aos membros do Corpo Diplomático e do Governo e outras altas individualidades, que se fizeram acompanhar das suas esposas. Entre a assistência encontravam-se presentes as seguintes personalidades: embaixadores dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da Alemanha e da Espanha, ministros das Corporações, das Finanças e das Obras Publicas, dr. Manuel Espírito Santo Silva, dr. Jorge de Mello, marquês de Sabugosa, prof. António Pereira Forjaz, conde de Caria, eng.º Carlos Alves, eng.º Paulo de Barros e eng.º Roberto Espregueira Mendes. A foto mostra um aspecto da reunião, num dos salões do Hotel Ritz

A figura gloriosa de Gago Coutinho

(Continuação da página central)

peito de aeronáutica, entre outras falhas, teve a de não possuir uma carta geral das ilhas a percorrer até se chegar à América e regressar à Europa, e bem assim um ou mais esboços como o que lhe mandou, para as travessias mais difíceis. Numa aeronave é difícil pôr o ponto na carta e saltar o rumo para o ponto de destino, sendo indispensáveis, desde o momento que haja um meio fácil de verificar a simples vista, se vamos na linha desejada ou se nos encontramos a direita ou a esquerda. Possuindo-se um traçado igual ao que lhe mando, rapidamente verificamos a nossa situação relativamente à trajectória que pretendemos seguir.

«Em tempo mandei ao nosso camarada Sacadura um exemplar do meu último opusculo, mas como o nosso camarada e amigo tinha ido para Londres, não sei se o recebeu. Como não sei para onde o devo mandar, peço ao meu amigo a fineza de lhe entregar o exemplar que junto. Com os ardentes votos por um completo e feliz êxito, um grande abraço do velho camarada e amigo — José Nunes da Matta».

Não era um conselho esta carta: eram palavras do sábio para outro sábio com manifesto espírito de colaboração, a bem da Pátria e das asas que ambos amavam, verdadeiramente, sem pertencem a elas...

Não menos interessante o documento que segue. Assina-o um nome grande das letras portuguesas, Branca de Gonta Colação, sua vizinha na Madragoa. Reza assim: «Senhor almirante Gago Coutinho, nosso bom amigo; Restituo, com os maiores agradecimentos, a conferência que fez o favor de me emprestar, realizada por V. Ex. na Academia Brasileira de Letras, acerca de «A Rota de Vasco da Gama nos «Lusiadas»».

«Há muito que não leio trabalho que tanto me encante e me interesse, não só pelo que contém de original, como pela forma admirável por que a lição nos é dada, dentro da mais alta literatura. O senhor almirante navega pelos «Lusiadas» como pelo Atlântico, o que é o mais que se pode dizer. Os seus argumentos são irrefutáveis. Admira-me, mesmo, que alguém tenha tentado abrir controvérsia, quando a ciência, a natureza e a realidade tão claramente se patenteiam para demonstrar o que o senhor almirante ensina. É indispensável publicar esta conferência, que pertence, como todas as suas obras, ao património de Portugal e do Brasil. Cumprimenta a Admiradora — Branca de Gonta Colação».

A viagem do «Argos»

Assim, com admiração profunda, se lhe dirigiam aqueles que, também, na vida nacional tinham um nome, mas Gago Coutinho não se envergonhava com o seu. No entanto, ele não queria que se ousasse esquecer alguém do número daqueles outros que partilhavam da sua glória imensa. E demonstrava es-

ses preclaros sentimentos quando, ao dirigir-se ao ministro de Portugal em Itália, o ilustre escritor e jornalista dr. Trindade Coelho, a propósito do Congresso dos Avia- dores Transoceânicos, que na bela cidade de Roma ia reunir-se, escrevia as seguintes afirmações numa carta que nos facultou a distinta senhora D. Maria Cristina Trindade Coelho, que foi esposa do diplomata:

«Fui nomeado para ir a Roma e vai comigo o capitão Jorge de Castilho, o que foi navegador astronómico do «Argos», sobre cuja viagem pretendo chamar as atenções. Nela não se fala, mas, além de ser a maior travessia atlântica em hidroaviões, é, também, a única que dependeu de navegação astronómica nocturna, portanto, astronómica. Conquanto nós não tivéssemos sido prevenidos a tempo para podermos apresentar memórias, creio que teremos ocasião de falar sobre o assunto».

E reafirma as suas intenções noutra carta ao mesmo saudoso diplomata:

«O Castilho e eu estamos preparando para o Congresso uma exposição dos processos de navegação aérea astronómica seguidos e estudados pelos portugueses, os quais têm sido os únicos aviadores que têm publicado os seus processos, o que prova que os têm originais. Não sei mesmo até que ponto se deveria ir na publicação das nossas conferências».

Esta viagem que classificava de valor científico superior à sua, e que tantas vezes divulgou no estrangeiro, merecia de Castilho, navegador extraordinário e sábio também, o comentário seguinte, inspirado nos processos de navegação aérea postos em prática por Coutinho e Cabral:

«Os cálculos astronómicos a bordo do «Argos» foram feitos segundo processos tão fáceis e intuitivos que, muito possivelmente, disposições semelhantes serão adoptadas por outros aviadores em outras viagens, e bom seria que ficasse bem assente que, na noite de 16 para 17 de Março de 1927 um oficial português, tripulando um aparelho da aviação portuguesa, e servindo-se de um sextante também português, os empregou antes de qualquer outro avião de qualquer outro país, e não se possa mais tarde, ao fazer-se a história dos pioneiros da navegação aérea regatear aos portugueses as honras de iniciadores a que têm direito, sem a mínima discussão».

Estas palavras do navegador Jorge de Castilho devem ficar no monumento que, um dia, venha a erguer-se na cidade de Lisboa em honra dos iniciadores dos voos transatlânticos. Gago Coutinho e Sacadura Cabral, e depois, Castilho, Beires e Gouveia foram, na verdade, iniciadores. Por num só padrão estes nomes será prestar homenagem a quem bem a merece desde longa data.

Evocação de Gago Coutinho

Gago Coutinho — esse incomparável vulto nacional, a quem já se chamou com propriedade o maior português do século — era bem sóbrio na sua maneira de descrever o que fizera, chegando a falar do seu glorioso voo quase com indiferença. Assim: «Em 1920 comecei a dedicar-me ao estudo da navegação aérea astronómica, e em sequência desse trabalho, depois de praticadas experiências no ar com um sextante de horizonte artificial, fiz com Sacadura Cabral uma viagem aérea à Madeira e outra ao Rio de Janeiro em 1922, esta última tocando nas Canárias, Cabo Verde, e Penedo de S. Pedro, a vista do qual ao amarar, se partiu o primeiro avião».

Contudo, da sua longa vida de geógrafo não falava vagamente, mas com notável pormenorização, e muito lhe agradava que a tanto se lhe referissem aqueles que com ele mantinham habitual diálogo sobre a sua carreira.

No 5.º aniversário da sua morte, o sábio foi, mais uma vez, singela, mas saudosamente, evocado. As flores voltaram a beijá-lo, como nas horas quentes do voo ao Brasil; só não voltaram a movimentar-se as multidões, que, embora o tenham ainda presente, se vão distanciando da sua figura de homem simples, de homem bom, diariamente atravessam, na cidade de Lisboa, a grandiosa avenida que tem o seu glorioso nome — sem notarem, sem pensarem, que falta ali uma estátua! — M. C. P.

Roubaram um carro (o caso foi participado) e a P.V.T. não sabia...

Nestes últimos tempos têm-se verificado numerosos roubos de automóveis, numa insistência que parece não poder ser contrariada pelas constantes acções policiais levadas a efeito, algumas delas aparatosas, com a melhor intenção de dar caça a tais «especialistas», entre outros objectivos de regularização do trânsito.

No entanto, acontecem por vezes alguns casos estranhos, pouco compreensíveis, que podem sugerir a ideia de não existir — como existe — a indispensável coordenação entre os serviços da P. S. P. e da P. V. T. Esta foi a dúvida que veio pôr, esta manhã, ao «Diário de Lisboa» o sr. Clementino Maria Silva Nogueira, da Amadora, que, ontem de manhã, deu por falta do seu automóvel — uma furgoneta utilitária com a matrícula DD 37-51 — junto da sua residência, onde o havia arrumado, na noite anterior. Em contrapartida, encontrou um carro ligeiro, que fora roubado ao sr. Joaquim Miranda, sócio de uma pastelaria de Campolide.

Logo o sr. Clementino Nogueira se dirigiu à esquadra local da P. S. P., a participar a ocorrência. Eram 9 e 15. Pouco depois, o graduado de serviço comunicava o sucedido ao Comando-Geral e, algum tempo após, algumas esquadras solicitadas pelo proprietário lesado, tinham já todos os dados do veículo desaparecido.

Esta manhã, porém, dirigindo-se o sr. Clementino Nogueira a um posto da P. V. T., a inquirir se o seu carro já havia sido encontrado, soube com surpresa que ali nada se conhecia do roubo, pois o respectivo comando tal não comunicara. Com efeito, cerca das 10 horas, o lesado esteve naquele departamento e confirmou a falta de informações por parte da P. S. P. «Tudo isto é para estranhar — confessou-nos o nosso interlocutor —, pois eram decorridas mais de 24 horas...»

O PORTO PELO TELEFONE

Colhida mortalmente por uma chapa de ferro

PORTO, 18.—Os Bombeiros Voluntários da Aguda conduziram ao Hospital de Santo António, onde chegou já sem vida, a sr.ª Maria de Lourdes Pereira Maia, de 35 anos, casada, residente na praia da Granja, concelho de Gaia.

A inditosa mulher tinha sido, como de costume, levar o almoço ao filho, que trabalha numa fábrica, naquela localidade, e deteve-se um momento à entrada a conversar com o patrão daquele, quando uma rajada forte de vento tombou uma pesada chapa de ferro que caiu violentamente sobre ela vindo a causar-lhe a morte.

Temporal na cidade e nos arredores

Após um largo período de tempo primaveril voltou o temporal com chuva e vento abundantes.

«Durante a madrugada pairou sobre a cidade e arredores violenta trovoadas, chovendo ainda, por vezes, com grande intensidade. Contudo não há notícias de desastres graves originados pelo mau tempo». Mas a chuva e o vento tiveram, porém, uma oportuna utilidade: lavaram com esmero as ruas da cidade.

Por outro lado, a barra do Douro está fechada devido ao mau estado do mar, enquanto que em Leixões o movimento é normal.

Tribunal Plenário

Prossegue esta tarde, no Tribunal Plenário, o julgamento ontem iniciado dos srs. Artur Augusto Ferreira da Silva Saldanha, residente em Fafe; José Maria Pimentel, morador em Miranda do Douro; António Baltasar Jerónimo Barata, domiciliado no Mogadouro; Abílio Pinto Salgado, Fernando Ferreira de Castro, Semeão de Jesus Lopes e Manuel Ferreira, estes de Miranda do Douro; e Arnaldo Augusto Pereira, de Coimbra.

São todos acusados de actividades subversivas ao serviço do chamado

Partido Comunista português. Os arguidos são defendidos pelos srs. drs. Mário Cal Brandão, Araújo de Barros e Martins da Fonte.

Vice-presidente da Câmara de Matosinhos

Efectua-se ao fim da tarde, no Governo Civil, o acto de posse do dr. Manuel Seabra, antigo vereador da Câmara Municipal de Matosinhos e agora designado para exercer o cargo de vice-presidente daquela edilidade.

Queda grave

Recolheu ao Hospital de Santo António o inválido sr. Carlos Fernandes da Silva, de 69 anos, viúvo, residente na Rua Senhora da Lapa, 120, que deu uma queda na via pública, sofrendo fractura da coluna lombar.

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — As 21 e 45: «Força de mestre».

RIVOLI — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Constança, o marido e a outra» (12 anos).

COLISEU — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Pathelin» (12 anos).

S. JOÃO — As 15 e 30 e às 21 e 30: «O homem do monóculo» (12 anos).

BATALHA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «O assassino de Nice» (17 anos).

AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «Marisol no Rio» (12 anos).

TRINDADE — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Um homem em fuga» (17 anos).

OLIMPIA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Poder diabólico» (12 anos).

CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e às 21: «A bala de prata» (12 anos).

JULIO DINIS — As 21 e 30: «Furacão de saias» (12 anos).

SA DA BANDEIRA — As 21 e 30: «Mocidade em férias» (12 anos).

VIDA RELIGIOSA

Um encontro de catequistas de oito concelhos

SANTARÉM, 18 — Promovido pelo Patriarcado de Lisboa effectua-se amanhã, nesta cidade, o encontro dos catequistas de toda aquela região, que engloba concelhos de Almeirim, Alpiarça, Azambuja, Carvalhal, Chamusca, Salvaterra de Magos, Santarém e Rio Maior.

O encontro inicia-se pelas 10 horas e prolonga-se até às 17 e 30. É orientado pelo secretário diocesano da Catequese do Patriarcado, beneficiado Policarpo Canas, com a colaboração dos vigários da vara, dos visitadores das catequese e de alguns párocos.

Apesar desta zona não ser das mais cristãs da diocese, espera-se que todas as 62 freguesias estejam representadas, de sorte que, ao effectuar-se o acender simbólico do cirio votivo de cada uma das paróquias, não fique um único apagado, muito embora em algumas freguesias ainda em nenhuma se extinguiu.

Espera-se que esta jornada catequística vá ajudar a despertar um maior entusiasmo pelo Movimento Catequístico nesta zona, que é a mais vasta de todo o Patriarcado.

COLÓNIAS de férias da F. N. A. T. abertas em Março

De 26 a 30 de Março, estarão abertas as Colónias de Férias da F. N. A. T., «A. Correia d'Oliveira» em São Pedro do Sul, e «Marechal Carmona», na Foz do Arelho, além da Colónia «Dr. Pedro Theotónio Pereira», em Albufeira, que, dado o belo clima do Algarve, está aberta permanentemente.

As inscrições fazem-se na sede da F. N. A. T., Calçada de Santana, 180, até 16 de Março.

FOI ASSALTADO em Évora um estabelecimento de vinhos

ÉVORA, 18. — De madrugada, foi assaltado um estabelecimento de vinhos e comidas que o sr. Francisco Ribeiro possui nesta cidade, nas ruas 5 de Outubro e Alcárcova de Cima.

Os assaltantes entraram no estabelecimento abrindo a porta da Rua 5 de Outubro, com chave falsa, e depois de se terem apoderado de maços de cigarros e algum dinheiro, e de terem comido pão com paio e bebido vinho, saíram por uma das portas de Alcárcova.

A P. S. P. tomou conta da ocorrência.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGES — Stadium — As 21: «Avançada em Marrocos» (12 anos).
OBRAS — Oeiras-cine — As 21: «Processo sensacional» (17 anos).
PAREDE — Royal-cine — As 21: «O testamento do médico e o monstro» (17 anos).
ESTORIL — Casino — As 21 e

30: «Bravos até ao fim» (17 anos).
CASCAIS — S. José — As 21 e 30: «Salvatore Giuliano» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGES — Combatentes — Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 213953).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 186 (Tel. 2420039).
OBRAS — Godinho — Rua Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — Aisir — Bairro das Caixas de Previdência, lote A.
ESTORIL — Lopes — Rua Hangar, 3 (Tel. 260008); S. João — Est. Nacional, 18 (Tel. 261186).
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078); A. Costa — Rua Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

Distribuição de bacalhau

Por intermédio da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, está a proceder-se à distribuição, aos armazénistas de todo o País, de 120 655 fardos de bacalhau nacional e estrangeiro, no total de 7 239 300 quilos. A distribuição está a ser acompanhada por brigadas de fiscalização da Intendência-Geral dos Abastecimentos, de forma a que o produto chegue ao consumo público o mais rapidamente possível.

A fiscalização continua atenta aos preços de venda ao publico, reprimindo os casos de especulação ou a tentativa de alta de preços, verificando, ao mesmo tempo, quaisquer irregularidades no abastecimento.

Por não terem exposto à venda os tipos de bacalhau que possuíam em armazém, foram levantados 17 processos contra retalhistas de mercearia no Porto, Vila Nova de Gaia, Gondomar, São Pedro da Co-va, Maia, Muiães (Viana do Castelo), Sabugal, Porto de Mós, Alfeizerão, Alandroal, Malarranha (Mora) e Algoz (Silves).

Em casa ou no restaurante
pese e beba vinho
de prova e graduação
de origem

12º
LITRO

BOA CEPA

TINTO E BRANCO
COM AGULHA

CALDEIRA, LDA
LISBOA

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

EXERCÍCIO DE 1963

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO — BALANÇO, DOCUMENTOS E PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

1—O ano de 1963, a que respeitam o Balanço e as Contas que juntamente com o presente documento vos submetemos, constituiu um período notoriamente demonstrativo do alto grau de dinamismo que caracteriza a actuação do nosso Banco no mercado monetário e exprime, na representação contabilística do exercício, a prestigiosa posição por ele ocupada nos postos cimeiros do sistema de crédito nacional.

2—Com efeito, os números do Balanço evidenciam um assinalável movimento de afluxo de capitais à nossa instituição, que lhe permitiu acorrer às crescentes solicitações de crédito apresentadas pelas actividades económicas do País. Esses surtos exprimiram-se por um acréscimo notável do volume dos depósitos, com uma subida de mais de um milhão e quatrocentos milhares de contos em relação aos do Balanço de 62 — de 4 212 541 096\$18 para 5 656 871 350\$28 —, e por uma expansão não menos significativa do crédito distribuído, que cresceu em mais de 30 % e apresentava em 31 de Dezembro último o saldo de cerca de quatro milhões duzentos e cinquenta milhares de contos.

Assim, o movimento crescente dos depósitos — encaminhados para o nosso Banco sem alteração saliente do seu conjunto da participação da componente a prazo — possibilitou-nos não apenas conceder um mais vasto apoio ao comércio interno e externo do País, como ainda prestar activo concurso financeiro a empreendimentos industriais, sempre ajustando a nossa linha de orientação ao imperativo do desenvolvimento económico nacional.

3—Paralelamente ao notável incremento da actividade creditícia do nosso Banco, merece relevo o crescente volume das operações de Garantias que se acham representadas no Balanço por mais de um milhão e duzentos milhares de contos, e o alto conceito com que os nossos Serviços de Títulos continuam a ser distinguidos pelo público, conforme se deduz da verba de quatro milhões quatrocentos e cinquenta milhares de contos, constituída pelo valor dos títulos confiados à nossa guarda e administração.

4—No capítulo de Valores Mobiliários, será útil referir que, por efeito da nossa intervenção, em Janeiro de 1963, a SOGELUX — Société de Gestion Luxembourgeoise resolveu adquirir valores de Bolsa portuguesa, o que fez por nosso intermédio. Foi a primeira compra de títulos efectuada no País por um Fundo de Investimentos Internacionais. O nosso Banco orgulha-se de ter participado na iniciativa que reabriu, assim, as portas do mercado internacional de capitais aos valores da Bolsa de Lisboa.

A SOGELUX — Société de Gestion Luxembourgeoise gere um dos mais importantes Fundos Europeus de Investimentos Internacionais e é administrada por delegados do nosso Banco e ainda dos Bancos: Banque Internationale à Luxembourg, Banque de Bruxelles, Banque Belge pour l'Industrie, Banca Nazionale del Lavoro, Den Norske Creditbank, Bankhaus C. G. Trinkhaus, Banque de l'Union Parisienne, Rotterdamsche Bank e Commerzbank A. G.

5—A fim de servir a expansão, modernização e robustecimento das nossas indústrias e incentivar iniciativas no campo da produção nacional e do turismo, associámo-nos, com outros importantes organismos bancários nacionais e estrangeiros, à fundação da LUSOFINA — Sociedade de Estudos Financeiros SARL, que iniciou a sua actividade há poucos meses.

6—O propósito, que sempre nos animou, de proporcionar aos nossos clientes uma ampla rede de serviços bancários concretizou-se, em 1963, por mais duas iniciativas que tiveram assinalável êxito: o Serviço de Administração de Propriedades, posto a funcionar nos dois estabelecimentos principais do Banco, no Porto e em Lisboa, e o Serviço de Cheques de Viagem que cobre toda a Metrópole.

Os novos cheques, utilizados largamente pela nossa clientela, têm tido aceitação generalizada, graças à forma como servem a comodidade dos portadores e o interesse turístico do País.

7—No decurso de 1963, o capital social do nosso Banco, que desde 1960 era de cem milhões de escudos, foi elevado para duzentos milhões de escudos.

Esta medida operou-se pela incorporação no capital de uma retirada de cem milhões de escudos das nossas reservas, constituindo para os senhores accionistas

justa compensação do sacrifício que aceitaram ao aprovarem modestas remunerações ao seu capital, e atesta, simultaneamente, a solidez patrimonial obtida através da orientação dada aos negócios do Banco.

8—De acordo com as autorizações ministeriais expressas no termo de 1962, o nosso Banco instalou no ano findo, uma Agência na vila de Alhos Vedros e uma Dependência na cidade do Porto, no Amiel. A nossa extensa rede de clientela nesta cidade foi ainda, em 1963, servida pela abertura de uma outra Dependência em Júlio Dinis, que foi superiormente deferida em Agosto último.

A par desse movimento, estabelecemos as directrizes tendentes à modernização e reequipamento das instalações em diversas Agências, por forma a que as mesmas possam continuar a corresponder à comodidade do público e à desejável eficiência dos serviços. Em seguimento dessa orientação, foram amplamente remodeladas as instalações das Agências de Coimbra, Estarreja, Funchal, Ponta Delgada e Horta.

9—Também foi notável a progressão registada pelo nosso afiliado Banco Comercial de Angola, que hoje representa uma das forças económicas mais relevantes daquela Província Ultramarina, com um volume de depósitos que ultrapassa o milhão de contos, permitindo-lhe ampla e frutuosa intervenção no desenvolvimento da riqueza daquela parcela de Portugal.

Aquando da visita, verdadeiramente triunfal do Venerando Chefe do Estado à Província de Angola, o Presidente do vosso Conselho de Administração ali compareceu. Foi essa uma oportunidade para se reintegrar do apreço em que são tidos os serviços daquele Banco e a sua preponderante acção no fomento das actividades económicas.

10—Como consequência do aumento do volume de operações realizadas pelo Banco, a Conta de Lucros e Perdas apresenta um nível de Receitas Gerais sensivelmente superior ao do ano anterior — 243 557 237\$58 contra 200 768 862\$00 — tendo esta diferença excedido a subida verificada dos Encargos Gerais — 202 171 799\$28 contra 165 743 281\$10 — facto que conduziu ao apuramento de um lucro líquido mais elevado do que o dos exercícios anteriores.

Efectivamente, abatidos os encargos e despesas do Banco, amortizado competentemente o custo de obras, máquinas e utensilagem e ainda feitas as provisões correspondentes às dívidas de cobrança demorada ou incerta e diversas outras, resultou um lucro líquido de 41 385 438\$30 que, adicionado ao saldo do exercício de 1962 totaliza

Esc. 41 425 342\$00

para o qual propomos a seguinte distribuição:

Fundo de Reserva Legal	4 142 534\$20
Fundo de Reserva Variável	18 357 465\$80
Dividendo	16 000 000\$00
Conta Nova	2 925 342\$00

41 425 342\$00

Se esta proposta merecer a vossa aprovação, as Reservas, Legal e Variável, ascenderão a 85 000 000\$00 e a soma do Capital e Reservas será de 285 milhões de escudos.

11—Ao abrigo das disposições estatutárias foi chamado, em Setembro, para o exercício do cargo de Administrador o Sr. Eng. Alberto Saraiva e Sousa que, na Administração pública e privada, desempenhara já altas funções.

Terminou o triénio para que foram eleitos os actuais Corpos Gerentes. Deveis, portanto, proceder a novas eleições.

12—Não queremos terminar o Relatório sem testemunhar ao Conselho Fiscal o nosso reconhecimento pela pronta e esclarecida colaboração que dispensou aos nossos trabalhos.

Igualmente é devido o mais rasgado louvor aos Directores-Gerais, Srs. Eng. Carlos Sobral Meireles e Dr. José Fernando Rivera Martins de Carvalho, e Secretário-Geral, Sr. Artur Luís Cupertino de Miranda, pelo devotamento e proficiência com que exerceram os seus cargos.

Os Directores, Subdirectores e restantes Procuradores, bem como os demais funcionários e correspondentes, são também dignos do vosso melhor apreço pela inteligência, dedicação e zelo com que serviram o Banco.

Porto, 14 de Janeiro de 1964.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

(aa) Arthur Cupertino de Miranda — PRESIDENTE
Dr. Acácio Domingos Barreiro
Dr. Alberto Pires de Lima
Braz Cabrita de Almeida Conde
Eng.º Alberto Saraiva e Sousa

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1963

ACTIVO			PASSIVO		
DISPONÍVEL E REALIZÁVEL			EXIGÍVEL		
Caixa e Depósitos no Banco de Portugal	956 289 969\$89		Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	3 809 135 609\$99	
Depósitos noutras Instituições de Crédito	161 069 307\$37		Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	807 555\$90	
Promissórias de Fomento Nacional	81 000 000\$00	1 198 359 277\$26	Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	1 846 317 717\$69	
Correspondentes no Estrangeiro	494 113 367\$57		Depósitos a Prazo — Moeda Estrangeira	610 466\$70	5 656 871 350\$28
Ouro, Moedas e Notas Diversas	7 536 935\$07		Cheques e Ordens a Pagar	42 470 308\$21	
Carteira de Títulos e Cupões	163 685 383\$81		Exigibilidades Diversas	2 660 251\$47	
Carteira Comercial	3 067 572 491\$64		Correspondentes no País	1 577 555\$04	
Letras sobre o Estrangeiro	313 143 956\$75		Correspondentes no Estrangeiro	430 161\$60	
Correspondentes no País	136 070 758\$15		Empréstimos e Contas Correntes Caucionadas	10 977 402\$88	
Empréstimos e Contas Correntes	416 384 838\$68		Devedores e Credores	131 993 802\$92	5 846 980 832\$40
Devedores e Credores	370 007 309\$18	4 989 354 128\$95			
Outros Valores Realizáveis	20 839 088\$10	6 187 713 406\$21	NÃO EXIGÍVEL		
IMOBILIZADO			CONTAS DIVERSAS E PROVISÕES		
Participações Financeiras		78 260 967\$60	CAPITAL E RESERVAS		
Imóveis	40 813 596\$49		Capital	200 000 000\$00	
Amortização (a deduzir)	5 957 128\$00	34 856 468\$49	Fundo de Reserva Legal	22 085 407\$86	
Outros Valores Imobilizados	2 250 000\$00		Outros Fundos de Reserva	40 414 592\$14	262 500 000\$00
Amortização (a deduzir)	2 000 000\$00	113 367 436\$09	LUCROS E PERDAS		
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			Saldo do exercício anterior	39 903\$70	
Contas Diversas		61 816 224\$52	Resultado do exercício	41 385 438\$30	41 425 342\$00
CONTAS DE ORDEM			CONTAS DE ORDEM		
Valores de Conta Alheia		4 865 920 671\$73	Credores por Valores de Conta Alheia		4 865 920 671\$73
Valores Recebidos em Caução		2 590 261 439\$34	Credores por Valores Recebidos em Caução		2 590 261 439\$34
Devedores por Garantias e Avals Prestados	1 210 444 232\$55		Garantias e Avals Prestados	1 210 444 232\$55	
Devedores por Aceites	541 830 223\$79		Aceites	541 830 223\$79	
Devedores por Créditos Abertos	159 720 097\$19	1 911 994 553\$53	Créditos Abertos	159 720 097\$19	1 911 994 553\$53
Outras contas de Ordem		437 435 051\$06	Outras Contas de Ordem		437 435 051\$06
		16 168 508 782\$48			16 168 508 782\$48

O Chefe da Contabilidade,
Fernando Barbosa

O Presidente do Conselho de Administração,
Arthur Cupertino de Miranda

CONTA DE «LUCROS E PERDAS» DO EXERCÍCIO DE 1963

DÉBITO			CRÉDITO		
Juros e Comissões a nosso cargo	83 775 475\$51		Saldo do exercício anterior		39 903\$70
Contribuições e Impostos	6 650 968\$90		Juros e Comissões a nosso favor	207 536 209\$51	
Despesas com o Pessoal	52 348 533\$10		Resultados em operações cambiais e sobre títulos	24 691 812\$02	
Despesas Gerais	15 750 758\$73		Rendimento de títulos de crédito	4 666 826\$98	
Encargos Diversos	1 104 981\$20		Outros rendimentos, receitas e lucros	6 662 389\$07	243 557 237\$58
Provisões e Amortizações	42 541 081\$84	202 171 799\$28			
Saldo		41 425 342\$00			
		243 597 141\$28			243 597 141\$28

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

O Relatório, o Balanço e as Contas, que o Conselho de Administração apresenta, merecem a vossa aprovação. Referem claramente a actividade do Banco durante o

exercício findo, e traduzem com fidelidade a sua situação patrimonial, no termo desse exercício.

Feita esta apreciação, há que juntar uma palavra de regozijo pelos resultados

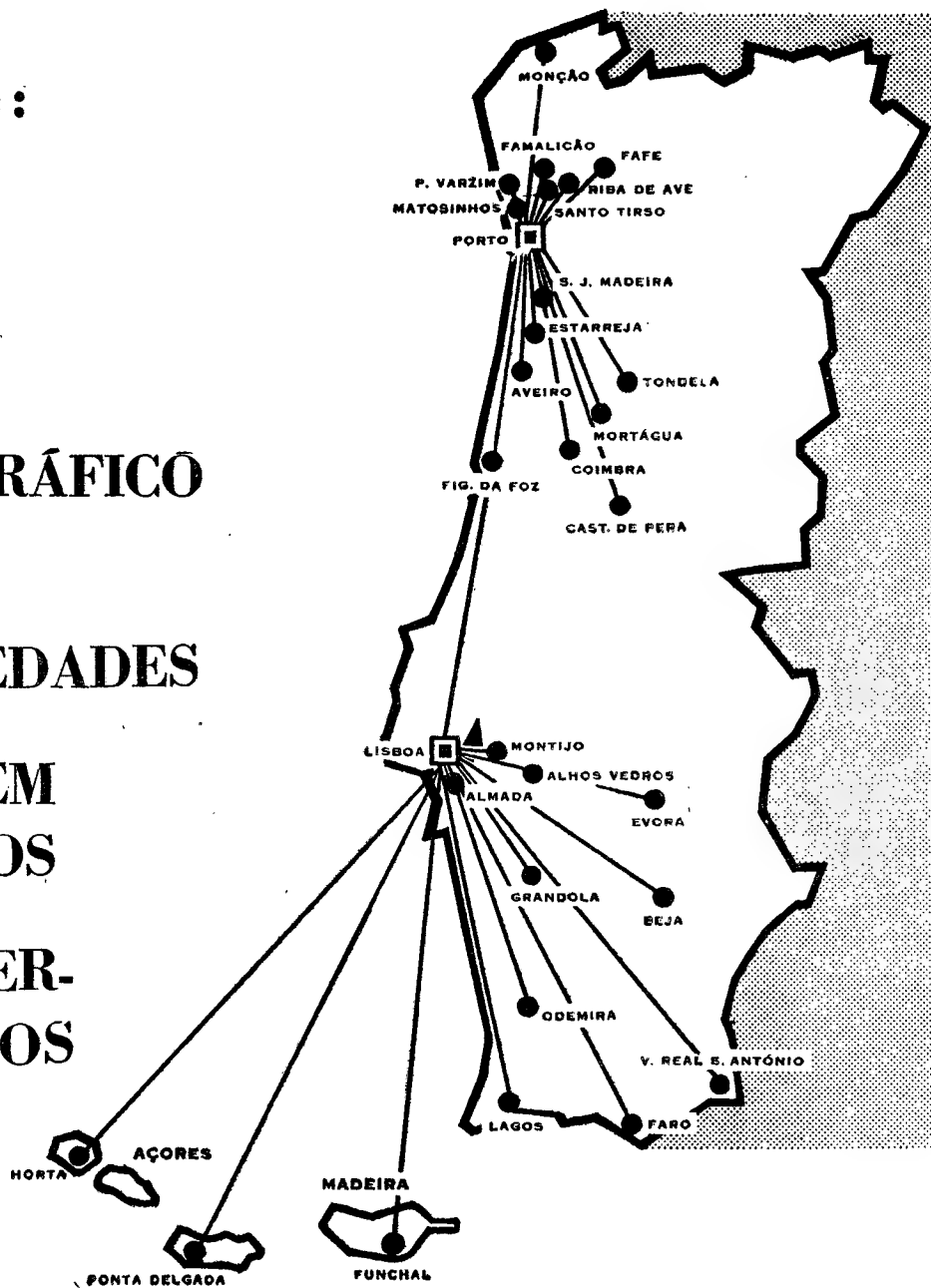
(Continua na 14.ª página)



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

O primeiro Banco do País que:

- INSTALOU TELEX
- MONTOU COFRES NOCTURNOS
- CRIOU UM SERVIÇO MECANOGRÁFICO
- ORGANIZOU UM SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES
- LANÇOU O CHEQUE DE VIAGEM EM ESCUDOS
- PARTICIPOU NUM FUNDO INTERNACIONAL DE INVESTIMENTOS



1943	49.326	DEPÓSITOS
1953	769.728	CONTOS
1962	4.212.541	CONTOS
1963	5.656.871	CONTOS

APOIO FIRME AO TRABALHO NACIONAL

Banco Português do Atlântico

(Continuação da 12.ª página)

Obtidos no período em exame. Manter o nosso Banco o ritmo crescente do seu desenvolvimento; aumentar sempre, visivelmente, a sua solidez patrimonial; abrir caminhos novos, onde tudo parece já andado, e conseguir isto lado a lado com uma concorrência cada vez mais pertinaz — é certamente demonstração da continuidade do génio administrativo que veio informando a vida desta Instituição e nos garante o futuro dela.

Creemos que a Assembleia Geral dos Ex.ªs Accionistas deste Banco Português do Atlântico se sentirá feliz, como nós, anotando a presença em Angola do Presidente do seu Conselho de Administração, durante a memorável visita que Sua Excelência o Senhor Presidente da República fez àquela província atlântica de Portugal.

Ao Sr. Arthur Cupertino de Miranda e aos seus Colegas e Colaboradores, com a nossa admiração, é devido, e gostosamente dado, o nosso louvor.

Já este Conselho formalmente se pronunciou acerca da oportunidade da duplicação do Capital Social do Banco por incorporação de reservas. Mas deve registar-se aqui quanto essa medida foi bem acolhida, pois, sobre ser um acto de bom e justo serviço aos Accionistas, valorizou e prestigiou a própria Instituição.

Muito nos distingue a gentileza das palavras que, a nosso respeito, o Relatório consigna.

Este Parecer é o último elaborado nos termos do mandato honrosamente recebido de VV. Excelências, e que foi agora, por ele e pelo prazer que tivemos em desenhá-lo, aqui fica o nosso agradecimento.

Assim, somos de

PARECER:

1. — Que devem ser aprovados o Relatório, Balanço e Contas apresentados pelo Conselho de Administração;
2. — Que deve ser aprovada a proposta de aplicação de lucros, ali feita;
3. — Que deve ser aprovado um voto de louvor ao mesmo Conselho, ao seu Presidente, e a todos os seus colaboradores, pela forma por que, no exercício findo, foi gerido o Banco;
4. — Que deve proceder à eleição, por três anos, da Mesa da Assembleia Geral e dos vogais dos Conselhos de Administração e Fiscal.

Porto, 14 de Janeiro de 1961.

O CONSELHO FISCAL,

António Albuquerque de Sousa Lara
António Correia de Sá (Visconde d'Assoca)
Bernardo Pinto Basto de Lencastre
Jaime Amador e Pinho
Dr. José de Castro Corte Real (Conde de Fijô)

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Dr. D. António Pereira Coutinho

Faleceu no passado dia 13, na sua residência, em Cascais, o sr. dr. D. António Pereira Coutinho, de 85 anos, médico, natural de Lisboa e que exercia clínica naquela vila, onde era muito estimado e considerado, pelas suas qualidades de carácter e espírito de generosidade.

O extinto deixa viúva a sr.ª D. Olímpia Pereira Coutinho e era irmão dos srs. generais D. Fernando e D. Miguel Pereira Coutinho, antigos governadores militares, e do sr. D. Luís Pereira Coutinho, administrador do Banco Nacional Ultramarino, e tio do sr. dr. Luís Pereira Coutinho, secretário-geral da Presidência da República.

O funeral do sr. dr. D. António Pereira Coutinho, cuja morte não foi participada por expressa determinação do finado, efectuou-se no dia 14, para o cemitério da Guia, em Cascais.

Amanhã, serão celebradas missas de sufrágio nas igrejas da Misericórdia, em Cascais, às 9 e 30, e das Mercês, em Lisboa, às 12 e 30.

Augusto de Campos Costa

Faleceu o sr. Augusto de Campos Costa, de 57 anos, natural de Pombal, fotomecânico, casado com a sr.ª D. Elvira de Oliveira Elbling de Campos Costa e pai do menino Alvaro Eduardo Elbling de Campos Costa. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, às 15 horas, da Rua Fábrica das Sedas, 22.ª, para o cemitério do Alto de S. João.

D. Zilda Cardeal de Andrade

Faleceu a sr.ª D. Zilda Cardeal de Andrade, de 71 anos, natural de S. Paulo, Brasil, viúva, mãe da sr.ª D. Maria Teresa Cardeal de Andrade Martins Salgueiro, sogra do sr. dr. Emílio Martins Salgueiro e irmã das sr.ªs D. América Cardeal da Rocha Melo e D. Jordina Cardeal Bento de Sousa (ausentes).

O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, às 12 horas, da sua residência, Av. da República, 48.ª, Dt.º, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João. Às 11 horas, haverá missa de corpo presente.

José da Costa

Na sua residência, na Rua de Santo António dos Capuchos, 80, 1.ª, faleceu o sr. José da Costa, de 60 anos, empregado bancário, natural de Couto de Cima, Viseu, casado com a sr.ª D. Carolina Rocha de Barros da Costa e pai da sr.ª D. Maria Alzira Barros da Costa.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, às 10 horas, da Igreja da Pena (na Calçada de Santana) para o cemitério do Alto de S. João. Às 9 horas, será celebrada missa de corpo presente.

D. Mariana Eugénia Paim Betâmio d'Almeida

BENAVENTE, 18. — Causou profundo pesar nesta vila a morte da sr.ª D. Mariana Eugénia Paim Betâmio d'Almeida ontem ocorrida na sua residência. Doente há muito tempo, nem por isso o falecimento deixou de ser surpresa dolorosa para muita gente já que tanto D. Mariana como seu marido, o dr. Alvaro Betâmio d'Almeida, advogado e conservador do registo predial e antigo presidente da Câmara Municipal, são estimados de todos os benaventinos.

Senhora muito distinta e bondosa, D. Mariana Eugénia Paim Betâmio d'Almeida, que contava 67 anos, era natural de Benavente onde sempre viveu, tendo sido a impulsora de muitos movimentos de caridade. Há anos adoeceu seu marido, que continua reido no leito, de quem ela foi a mais desvelada enfermeira.

O funeral, realizado hoje às 11 horas da manhã para o cemitério local, constituiu uma imponente manifestação de pesar.

D. Mariana Eugénia Paim Betâmio d'Almeida era mãe do advogado em Coimbra dr. Roque Paim Betâmio d'Almeida, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Xavier Paim Betâmio d'Almeida, e avó da menina Maria Eugénia Xavier Paim Betâmio d'Almeida. Era ainda irmã do sr. João Paim dos Reis, casado com D. Maria Natália Barahona Paim dos Reis.

D. Adolfinia da Silva Carriço Portugal

LEIRIA, 18. — Faleceu nesta cidade a sr.ª D. Adolfinia da Silva Carriço Portugal, de 82 anos, viúva do comerciante sr. José Gaspar Carriço Portugal, natural desta cidade.

Dotada de excepcionais qualidades de carácter, e tendo dedicado toda a sua vida ao bem-comum, gozava de grande estima e consideração, pelo que a sua morte foi muito sentida. Era tia dos srs. José Domingos Carriço Portugal, comerciante em Leiria, e António Domingos Portugal, funcionário dos Serviços Municipalizados locais.

O funeral realizou-se, com grande acompanhamento, para o cemitério desta cidade.

Armando Manuel Cançado

EVORA, 18. — Da igreja da Misericórdia, para o cemitério desta cidade.

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

Armando Manuel Cançado

sericórdia para o cemitério dos Remédios, efectuou-se, com grande acompanhamento, o funeral do sr. Armando Manuel Cançado, de 71 anos, natural de Evora, funcionário aposentado da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, o qual faleceu subitamente quando se encontrava na sede da Escola do Grupo de Amadores de Musica Elborense.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria da Conceição Neixa Cançado.

SUFRAGIOS

Pedro Henrique Pais Santos

Passando amanhã o primeiro aniversário da morte do sr. Pedro Henrique Pais Santos, a sua família manda rezar missa de sufrágio, amanhã, às 9 horas, na igreja de Alcantara.

FUNERAIS

Conde de Castelo Melhor

Constituiu sentida manifestação de pesar o funeral, que hoje se realizou, do sr. D. Bernardo da Silveira de Vasconcelos e Sousa, 15 conde de Castelo Melhor.

Durante a noite e a manhã o corpo do saudoso extinto, que se encontrava na capela do Palácio da Rosa, onde o falecido residia, foi velado pela família e numerosos amigos. Pelas 11 horas foi celebrada missa de corpo presente. O acto religioso foi muito concorrido. Uma hora depois, a urna encerrando os restos mortais do sr. conde de Castelo Melhor foi retirada da câmara ardente, após a encomendação do corpo e conduzida para um auto fúnebre que a transportou ao cemitério dos Prazeres, onde o corpo ficou depositado em jazigo de família.

Na capela privativa do cemitério foram rezados os responsos.

O preito foi largamente concorrido e nele tomaram parte, entre muitas outras personalidades, os srs. prof. Soares Martinez, general Frederico Villar, drs. Fernando Olavo, José Megue, Augusto de Castro, Alexandre Pinto Basto, Fausto Figueiredo, Lopo de Carvalho Cancelela de Abreu, Rui Andrade, Fernando Tavares de Carvalho, Martins de Carvalho, Joaquim da Silva Pinto, Silva Garcia, J. A. Cid Oliveira e Bastos Mendes, eng.ª Sã e Melo, João Bianchi, Melo e Castro, Luís Azevedo Coutinho, D. Luís Vaz de Almada, Pedro de Brion, Themudo Barata e António Calheiros Lopes; cônego José Correia de Sá (Assoca); marqueses do Funchal, de Belas, da Foz, da Praia e de Monforte, de Viana e de Santa Iria; condes de Almada, Vila Flor, das Alcáçovas, Penhalva d'Alva, de Palmela, de Avelos, Agueda, Azinhaga, Fornos, Lencastre e da Torre; viscondes da Mercana, Botelho e de Majorca; coronéis Reimão Nogueira, Carvalho Nunes e Cabral de Campos; Carlos Carvalho, Rui Correia Leite, Mário Tavares de Carvalho, D. Luís Vaz de Almada, Manuel Rodrigues Logos, Mário Gabriel Fernandes Oliveira, Vasco Pinto Magalhães, Fernando Pais Vasconcelos, Manuel Leitão, Alexandre Almeida Fernandes, José Coelho da Cunha, Eduardo Perestrelo, João Rocheta, José Amoedo e Francisco Mota.

PARTICIPAÇÃO

O Curso de Ciências Económicas e Financeiras 34/38 cumpre o doloroso dever de participar aos colegas o falecimento do seu querido amigo e condiscípulo dr. Adriano Augusto da Silva Jordão, cujo funeral se realiza amanhã, 19, às 11 horas, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira, para o cemitério do Alto de S. João.

Augusto de Campos Costa

Costa

FALECEU

Elvira Elbling de Campos Costa, Alvaro Eduardo Elbling de Campos Costa, Maria Sara Elbling e mais família, participam o falecimento do seu muito querido marido, pai, genro e parente e que o funeral se realiza amanhã, às 11 horas, saindo da Rua Fábrica das Sedas, 22-2.ª, para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA MAGNO — Tel. 734167

JOSÉ DAVID BAENA NUNES DA SILVA

MAJOR DE CAVALARIA

FALECEU

Maria Emília Caldeira Barroso Tierno Nunes da Silva e filhos, Josefina Baena Nunes da Silva, Eurico Barroso Tierno e mulher, Ana Josefina Margarida Baena Nunes da Silva Barbas e filhos, Maria Margarida de Baena Nunes da Silva Tierno Bagulho, seu marido e filhos Maria Luiza Baena Nunes da Silva, Josefina Margarida do Carmo Baena Nunes da Silva de Baena, seu marido e filhos, Maria del Carmen Baena Nunes da Silva da Cruz Almeida e marido, Maria del Pilar Baena Nunes da Silva de Sousa Lopes e marido, David Luiz Baena Nunes da Silva, mulher e filhos, Fernando Alberto Baena Nunes da Silva, mulher e filhos, José Caldeira Tierno, Ana Julia Nunes da Silva Sardinha e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido de Chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, filho, genro, irmão, cunhado, tio, sobrinho e parente, cujo funeral se realiza amanhã, dia 19, pelas 9 horas, da Capela do Hospital da Estrela para o cemitério de Elvas, onde deve chegar cerca das 14 horas.

AGÊNCIA ALMEIDA

JOSÉ DA COSTA

FALECEU

Carolina Rocha de Barros da Costa, Maria Alzira Barros da Costa, e mais família, participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, irmão, cunhado, tio e parente, e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja da Pena (na Calçada de Santana), onde, pelas 9 horas, será celebrada missa de corpo presente, para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA BARATA

Zilda Cardeal de Andrade

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Maria Teresa Cardeal de Andrade Martins Salgueiro e seu marido, Emílio Martins Salgueiro, América Cardeal da Rocha Melo, Jordina Cardeal Bento de Sousa e seu marido (ausentes), sobrinhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença sua muito querida mãe, sogra, irmã, cunhada, tia e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, às 12 horas, saindo da sua residência, Av. da República, 48-1.ª Dt.º, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

As 11 horas, será celebrada missa de corpo presente.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — Tel. 734167

Boletim do dia

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 18 de Fevereiro de 1934 publicava, a propósito da morte do rei Alberto da Bélgica:

«A morte do rei Alberto da Bélgica, mesmo que não se tivesse dado nas circunstâncias trágicas em que ocorreu, teria causado a maior impressão em todo o Mundo, tal eram o prestígio e a aura de popularidade que rodeava a figura deste monarca austero, simples, estudioso e democrata...

... O rei dos belgas, cuja vida é um alto exemplo de nobreza e de carácter, acabou tragicamente os seus dias, como um simples desportista que deixa uma bela noite a sua casa em Bruxelas, e se dirige de automóvel para a montanha em busca do ar puro das grandes altitudes e do espectáculo surpreendente da neve».

RÁDIO

EMISSIONA — Programa A — 451 m — 655 kc/s — As 17: Melodias; 17 e 15: Orquestras ligeiras; 17 e 30: Canções hispano-americanas; 17 e 45: O pianista Henri Segers e orquestra; 18: Noticiário; 18 e 10: Música de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Opereta; 19 e 20: Um conto radiofónico, pelo dr. Paulo Pombal; 19 e 50: A guitarra espanhola, por José Motos; 20: A Orquestra de André Kostelanetz; 20 e 15: Jornal sonoro; 20 e 35: O povo canta e dança; 21: Noticiário — Comentário e crónica de Angola; 21 e 40: Variedades: «Nova Onda»; 22 e 25: Orfeão do Ateneu Artístico Vila-Françense; 22 e 45: O conjunto de Jacky Nogueira; 23: Música de dança; 23 e 45: Noticiário; 0 horas: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s — As 18: «Canções, op. 68», de Ricardo Strauss, pelo soprano Erna Berger, acompanhado ao piano por Michael Raucheisen; 18 e 20: Ciclo Brahms. «Quinteto n.º 2, em sol maior, op. 111» (Brahms); violinos: Isaac Stern e Alexander Schneider; violas: Milton Katims e Milton Thomas; violoncelo: Paul Porteliet; 18 e 50: Noticiário regional; 19: Ópera: trechos da ópera «L'Oca do Cairo» (Mozart), coro de câmara e Orquestra da Academia de Salzburgo; maestro Bernhard Paumgartner; e «Elektra, op. 58» (Strauss): coro e Orquestra Sinfónica de Chicago; maestro: Fritz Reine; 20: Noticiário; 20 e 15: «Fantasia Cromática e Fuga, em ré menor» (João Sebastião Bach); pianista Carl Seemann; 20 e 30: Orquestras de câmara: «Concerto em ré menor», para cordas e cravo (Vivaldi), e «Danças Concertantes» (Strawinsky); 21: Teatro dos nossos dias; 22: A Voz do Ocidente; 0 horas: Encerramento.

Modulação de frequência — As 22: Música portuguesa: obras de Frederico de Freitas; 23 e 45: Noticiário; 0 horas: Encerramento.

RADIO CLUBE — As 17: Banda de som; 17 e 15: Boa tarde; 17 e 30: Momento brasileiro; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Orquestra; 18: Canções de todo o mundo; 18 e 30: Orquestras e fantasias; 18 e 45: Interlúdio feminino; 19: Variedades; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Seleção musical; 20 e 30: As mais belas histórias de amor; 20 e 45: Carta de Berlim; 21: Noticiário; 21 e 15: Orquestras; 21 e 30: Exibidos da Broadway; 21 e 45: Solistas; 22: Melodias de Espanha; 22 e 45: Vedetas americanas; 23: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário.

Frequência modulada — As 17 e 34: Estrelas em FM; 17 e 45: Noticiário — Estrelas em FM; 19 e 2: Ronda musical; 19 e 45: Noticiário — Ronda musical; 20 e 2: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 21 e 45: Noticiário.

PLANO de urbanização de Leiria

LEIRIA, 18 — A Câmara Municipal de Leiria deliberou encargar o seu presidente, sr. Bernardo das Neves Pimenta, de entrar em contacto com o sr. arquitecto Célio Lopes Cantante para informar em que condições fará o estudo da urbanização de Leiria — obra há tanto tempo reclamada e esperada.

A Câmara Municipal tomou conhecimento de que a Direcção-Geral do Ensino Primário solicitou a Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias, a construção do edifício de três salas para o núcleo de Macinhada, deste concelho, em vez de duas salas como estava inicialmente previsto. Esta decisão veio ao encontro das necessidades que se impunham.

21 e 15: Ritmo 64; 22 e 15: Vozes e orquestras; 22 e 45: Ritmos modernos; 23: Estrelas da canção; 23 e 30: Música para dançar; 23 e 45: Noticiário; 0 horas: Fecho.

Emissor de Miramar — As 17 e 30: Solos ligeiros; 17 e 45: Noticiário; 18: Ritmos de baile; 19: Interlúdio feminino; 19 e 15: Orquestras e vocalistas; 19 e 45: Noticiário; 20 e 30: Seleção musical; 20 e 40: Do Minho ao Algarve; 21: Noticiário; 21 e 15: Programa Sô-Rádio; 21 e 30: Intermédio musical; 21 e 45: Seleções; 22 e 15: Canções eternas; 22 e 30: Variedades; 23 e 15: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 0 horas: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — As 17 e 2: Nota de abertura; 17 e 5: Tribuna desportiva; 17 e 20: Uma tarde em...; 17 e 35: Passatempo musical; 17 e 40: Feira do livro; 17 e 50: Noticiário.

RÁDIO RENASCENÇA — As 18: Passatempo para o lar; 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5: Deixai vir a mim as criancinhas; 19 e 25: Boletim do S.C.R.; 19 e 30: O seu programa; 20: Canções de Paris; 20 e 15: O ritmo do chá-chá-chá; 20 e 30: Noticiário e boletim de rádio rural; 20 e 55: Meditando; 21: Coisas e coisas; 21 e 15: Orquestras; 21 e 30: Programa «na Escola de Jesus»; 21 e 45: Para ti jovem estudante; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Conjuntos vocais; 22 e 45: Melodias; 23: A 23.ª hora; 2 horas: Encerramento.

Estação do Porto — As 18: Portugal e Brasil, nações irmãs; 18 e 15: Canções românticas; 18 e 30: Terço da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Deixai vir a mim as criancinhas; 19 e 15: Boletins religioso e de filmes; 19 e 20: O seu programa; 20: Música para o

seu jantar; 20 e 30: Noticiário e boletim de rádio rural; 20 e 45: Boletim de filmes; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Programa na escola de Jesus; 21 e 45: Para ti jovem estudante; 22: Peça se faz favor; 22 e 30: Concerto; 23: A 23.ª hora; 2 horas: Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 17 às 22: Rádio Graça; 22 a 1: Rádio Peninsular; 1 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

HOJE — As 18 e 45: Abertura; 18 e 47: TV Educativa — «Educação Física, Masculina», pelo prof. Moura e Sá; «Francês», pela prof. Yvonne Lemoine; 19 e 30 — Telejornal — edição da tarde; 19 e 45: Programa Feminino — realização de Ruy Ferrão; 20 e 45: Relatório do Progresso; 21: «Como fomos dizendo...», pelo dr. Mário Madeira; 21 e 20: Telejornal — edição da noite; 21 e 50 — Boletim meteorológico; 22: Loretta Young Show; 22 e 25: A Broadway na América Latina; 22 e 55: «Tertulia de Artes Plásticas», orientada pelo crítico Fernando Guedes, a propósito da figura e obra do escultor Diogo de Macedo; 23 e 25: Uma história filmada; 23 e 40: Telejornal — últimas notícias; 23 e 45: Meditação; 23 e 50: Fecho.

Amanhã — Música gravada (durante a mira técnica); 15: Concerto, abertura de «A Noiva Vendida», de Smetana, Orquestra Philharmonia, sob a direcção de Paul Kletzki; 15: sinfonia «Novo Mundo», de Dvorak, Orquestra Sinfónica da N. B. C., sob a direcção de Arturo Toscanini; «Concerto de piano», de Lalo; «O Pássaro de fogo», de Stra-

winsky, Orquestra Filarmónica de Nova York, sob a direcção do autor; música para quinteto de sopros. Hindemith, «Kleine Kammermusik», op. 24, n.º 2; H. Vila-Lobos, «Quinteto em forma de choro»; Jacques Ibert, «Três peças breves».

Emissão: As 18 e 45: Abertura; 18 e 47: TV educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV escolar; 20 e 15: As aventuras do «Mascarilha»; 20 e 40: Enciclopédia; 21 e 20: Telejornal; 21 e 50: Boletim meteorológico; 22 e 7.ª arte: «A Ilha do Tesouro»; 23 e 45: Telejornal — Últimas notícias; 23 e 55: Meditação; 0: Fecho.

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

TRINDADE — As 21 e 30: «O Casamento».

CINEMAS

TIVOLI — «As noivas do papá».
S. JORGE — «Norman no hospital».
POLITEAMA — «A noite do rio Kwai».
ODEON — «9 rapazes e 1 cão».
COLISEU — «Kerim, o filho do sheik».
OLIMPIA — «Massacre».
PROMOTORA — «Duelo de traidores».
CINE MOSCAVIDE — «Os filhos do capitão Grant».
ARCO-IRIS — «As neves de Killmanjaro».
LYS — «Aqui há fantasmas».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

NACIONAL — As 21 e 45: «Delírio» («Frénésia»);
MONUMENTAL — As 21.45 — «A idiota».
CAPITOLIO — As 20 e 45 e 23 — «O que é bom é pra se ver».

CINEMAS

MONUMENTAL — «O dia e a hora».
EDEN — «Pão, amor e... totobolas».
IMPÉRIO — «Os sorrisos do destino».

S. LUIZ — «Hotel internacional».

ALVALADE — «Hotel internacional».

CONDES — «O império de Roma».

ROMA — «Totó e Cleópatra».

RESTELO — «Mais uma vez adeus».

AVIS — «A última vontade».

ROYAL — «A maior atracção».

CAMPOLIDE — «O homem que luta».

JARDIM CINEMA — «A moldura negra».

IDEAL — «A história daquela noite».

BELGICA — «A janela indiscreta».

CHIADO TERRASSE — «Treze raparigas aterrorizadas».

FARMACIAS

TURNO L

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

ALCANTARA — Nogueira, R. da Cro-

che, 2 (631635).

ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes,

120 (843381).

ALVALADE — Paris, Est. da Portela,

lote 5 (710131) * Cartaxo, Av. da

Igreja 21-C (766358) * São João de

Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (725140).

AMOREIRAS — D. João V. R. D.

João V, 16-C (682772).

ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho,

10 (404712).

AREIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C

(776070) * João XXI, Av. João

XXI, 16-A (726462).

ARROIOS — Fonseca, R. Carvalho

Araújo, 46-B-C (841708).

AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. de

Berna, 24-B (763107) * Avenidas,

Avenida da República, 27-A (733688)

* Império, R. Filipe Folque, 40-A-B

(48002).

BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av.

Ressano Garcia, 7-A (51451).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — As-

censo, R. 27, n.º 41 (389216).

BAIXA — Americana, Calç. de San-

tana, 3 (863984) * Nacional, R. do

Salitre, 7 (46858) * Avelar, R. Au-

gusta, 225 (323977).

BELÉM — Remigio, R. dos Jerónimos,

14-C (631699) * Sepol, Calç. da Boa

Hora, 94-A (631958).

BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nu-

nes, lote 2 (703393) * Sousa, Est. do

Benfica, 429-431 (780027).

CAMÕES — Combro, Calçada do Com-

bro, 78 (326059) * Azevedo, Irmão

& Veiga, R. da Misericórdia, 24

(323540).

CAMPO DE OURIQUE — Castro Fon-

seca, R. 4 de Infância, 28-A

(688857) * Ourique, R. Freitas Ga-

zul, 32-B (671667).

CAMPOLIDE — Lab, R. Rodrigo da

Fonseca, 101-101-A (682333) * Pá-

tria, Calçada dos Mestres 30-A

(680627).

CHARNECA — São Bartolomeu, Quint-

a dos Balseiros de Baixo, Vila Paulo

Jorge 1 (790969).

CONDE DE REDONDO — Capuchos,

Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076).

ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Oscar

Monteiro Torres, 38-A (774920).

ESTEFANIA — Mundial — Largo de

D Estefânia, 9 (45578).

ESTRELA E LAPA — Lapa, Rua dos

Navegantes, 10 (661734) * Janeiro,

Av. Álvares Cabral, 100 (660627)

GRACA — Monte, Rua Senhora do

Monte, 30-A-B (867842) * Rosa e

Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351).

* Bastos Andrade, Cal. de St. An-

dré 107-111 (860450) * Santo An-

tónio, R. Leite de Vasconcelos, 72-C

(862333).

LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas

de Torres, 201-B (790942).

MADRAGOA — Lealdade, R. do Oli-

val, 226 (663441).

OLIVAIS — Olivais, R. Alves Couveia,

19 (389237).

PALHAVÁ — Aguiar, Av. Columbano

Bordalo Pinheiro, 98-A (764629).

PATRIARCA — São Marçal, R. de

S. Marçal, 100 (25318).

PENHA DE FRANÇA — Carrondo,

R. Padre Sena Freitas, 10-A (842518).

PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nas-

cimento Costa, n.º 16-A (Bairro de

St. Engrácia) (728395-720703).

ST. AMARO — Teles, R. João de Bar-

ros, 2 (638249).

SE — Nacional, R. de S. João da Pra-

ça, 26 (864351).

DE ST. APOLÔNIA AO BEATO —

Salter, R. de Xabregas, 63-65 (381185).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	660\$00	659\$00	—
Cons. 3 % T. 10 ...	710\$00	707\$00	712\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	—	825\$00	—
Centenário 4 % 1940 ...	—	1.890\$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942 ...	—	1.000\$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943 ...	—	1.000\$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944 ...	—	1.000\$00	—
Externo 1.ª série ...	1.250\$00	1.245\$00	1.250\$00
Ext. 1.ª série car. ...	—	1.225\$00	—
Externo 2.ª série ...	—	1.225\$00	—
Ext. 2.ª série car. ...	—	1.330\$00	—
Externo 3.ª série ...	1.350\$00	1.340\$00	1.400\$00
Ext. 3.ª série car. ...	—	237\$00	—
Caut. 3.ª série s/j. ...	—	—	—
Obrigações			
Águas Lisboa 5 % ...	—	475\$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	—	—
Gás Elect. 3 3/4 % ...	—	—	—
Gás Elect. 4 % ...	—	950\$00	—
Gás Elect. 4 1/2 % ...	—	965\$00	975\$00
Gás Elect. 5 % ...	990\$00	985\$00	995\$00
U. E. P. 3 3/4 % ...	—	82\$00	—
U. E. P. 4 % 1945 ...	—	86\$00	—
U. E. P. 4 % 1948 ...	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 % ...	—	92\$00	—
U. E. P. 5 % 1951 ...	—	93\$00	94\$50
U. E. P. 5 % 1952 ...	—	—	—
H. do Douro ...	940\$00	940\$00	945\$00
H. E. S. Estrela ...	—	960\$00	—
C. P. 4 1/2 % s/j. ...	1.005\$00	1.005\$00	1.006\$00
Metropolitano ...	—	—	—

Accções	Compra	Venda
Bancos		
Alentejo ...	—	—
Angola ...	1.600\$00	1.580\$00
Espírito Santo ...	2.150\$00	2.140\$00
Lisboa & Açores c/d ...	—	2.180\$00
Portugal ...	—	885\$00
Ultramarino ...	52\$00	51\$50
Agricultura ...	—	53\$00

Seguros	Compra	Venda
Fidelidade ...	—	—
Vundial ...	—	380\$00
Segres ...	—	—
Tagus ...	—	—
Cherana ...	—	—

C. Ultramarinas	Compra	Venda
Ag. Casseque ...	—	530\$00
Ag. das Neves ...	—	—
Ag. Colonial ...	—	—
Acucar de Angola ...	—	660\$00
Boror ...	—	115\$00
Cabinda ...	—	125\$00
Cadé ...	—	1.150\$00
Colonial do Buzi ...	59\$00	59\$00
Ilha do Príncipe ...	—	590\$00
Incomati ...	—	850\$00
Mocambique ...	—	30\$00
Zambézia ...	—	40\$00
Diamantes ...	435\$00	433\$00
Lobito ...	355\$00	355\$00

C. Diversas	Efec.	Compra	Venda
Cimentos Tejo.....	—	750\$00	—
Cimentos Leiria	550\$00	—	—
Crédito Predial	—	800\$00	—
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias ...	—	770\$00	775\$00
Nacional Navegação ...	—	670\$00	680\$00
Colonial Navegação ...	—	417\$00	430\$00
Port. de Celulose	—	—	4.300\$00
Portuguesa de Pesca ...	—	—	—
Port. de Tabacos	217\$00	216\$00	217\$00
Tabacos de Portugal ...	—	—	550\$00
Turismo Penina	—	1.100\$00	1.150\$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934 ...	—	365\$00	375\$00
Aguas Lisboa 1936 ...	—	340\$00	350\$00
Eléct. das Beiras	—	1.585\$00	—
Gás e Electricidade ...	353\$00	352\$50	353\$50
H. Alto Alentejo	168\$00	167\$50	168\$50
H. E. Cávado	1.200\$00	1.195\$00	1.205\$00
H. E. Zêzere	1.275\$00	1.270\$00	1.280\$00
Nac. de Electricidade..	1.300\$00	1.295\$00	1.310\$00
União Eléctrica Port...	173\$00	172\$00	173\$00
H. do Douro	1.115\$00	1.113\$00	1.117\$00
H. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
Sacor	4 300\$00	4.250\$00	4.350\$00

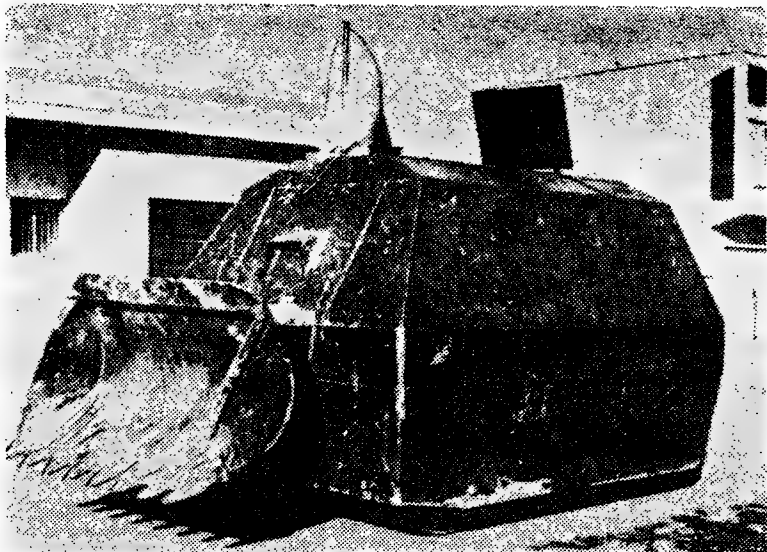
UM JORNAL AMERICANO COMENTA O PAPEL DOS ESTADOS UNIDOS NA QUESTÃO ANGOLANA

SHREVEPORT, 18. — «Uma vez que o «Governo no exílio» de Holden Roberto tem a sua sede em Léopoldville, é muito provável que as armas que lhe foram prometidas pelos comunistas passem por esta cidade protegida pela O. N. U. Assim teremos a O. N. U. — e os Estados Unidos, que largamente apoiam as Nações Unidas no Congo — a servir de escolta protectora para o tráfico vermelho de armas destinadas aos terroristas de Angola» — escreve o «Shreveport Times».

O jornal observa que «o chefe dos terroristas de Angola, um tal Holden Roberto, a quem já foram oferecidos vinhos e jantares em Washington como se fosse um chefe de Estado em vez do obscuro rebelde tribal que é, insistiu em que a sua rebelião não tem raízes comunistas e é unicamente mais uma «onda de liberdade» que inunda a África».

Mas recorda, em seguida, que o próprio Holden Roberto «deixará em breve de poder dizer que o seu movimento não tem apoio comunista: o chefe dos terroristas de Angola, numa declaração recente, disse que aceitaria o total auxílio da China continental e de outros países comunistas na «luta para a libertar Angola dos portugueses».

Salientando que, desde o primeiro momento do terrorismo em Angola, em 1961, Portugal denuncia a sua origem comunista, o jornal conclui: «Mas para os portugueses nada se modificou: os seus soldados continuam a combater um movimento largamente financiado e armado pelo mundo comunista» — (A. N. I.)



TANQUE IMPROVISADO — Este estranho veículo de guerra não é mais que um tanque improvisado pelos cipriotas gregos e utilizado nos combates de Limassol. Trata-se de um simples «bulldozer» protegido por uma carapaça de aço e cimento

O problema de Chipre

(Continuação da 1.ª página)

tante da Grécia, assim como Georges Ball, subsecretário de Estado americano.

No que se refere à constituição de uma força internacional, necessária — na opinião de todos — para pôr termo às manifestações de violência em Chipre, U Thant lembrou certamente aos seus interlocutores de que a Organização Internacional, esgotada com a operação Congo, não está apta a assumir as despesas de um corpo expedicionário em Chipre. Todos os governos participantes nessa força

deveriam suportar as despesas ocasionadas pelos seus efectivos. É possível que isto desanime alguns países membros da O.N.U., que tentavam oferecer contingentes ao secretário geral.

O CONSELHO DE SEGURANÇA OCUPA-SE DO CASO DE CHIPRE

O Conselho de Segurança da O.N.U. ocupou-se esta noite do problema de Chipre, cujo debate foi ontem adiado para dar ao secretário-geral U Thant oportunidade de conferenciar com representantes do Governo de Chipre, da Turquia, da Grécia, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos.

U Thant deverá informar o Conselho de Segurança sobre o resultado das suas conversações. — (A. N. I. e F. P.)

POSSÍVEL ENCONTRO DOS CHEFES DOS GOVERNOS GREGO E TURCO

ATENAS, 18. — Escreve a Imprensa local que o novo chefe do Governo grego, George Papandreou estaria disposto a encontrar-se com o primeiro-ministro turco, Ismet Inönü, a fim de tentarem encontrar solução para o problema cipriota. — (F. P.)

PROTESTOS DOS DIRIGENTES CIPRIOTAS TURCOS

NOVA YORK, 18. — Rauf Denktash, um dirigente cipriota turco, acusou Zenon Rossides, o embaixador de Chipre na O.N.U., de «actuar apenas no interesse da comunidade grega, com completo desprezo da Constituição e dos direitos e interesses dos cipriotas turcos».

Denktash acrescentou que pedirá para falar no Conselho de Segurança em nome da comunidade turca de Chipre. Entretanto, Fazil Kutchuk, chefe da comunidade turca da ilha, classificou de «violação da Constituição» o apelo do presidente Makarios ao Conselho de Segurança. Kutchuk afirmou ainda que «não há alternativa para a partilha» de Chipre entre os turcos e gregos. — (A. N. I.)

Um sociólogo defende os «Beatles»

WASHINGTON, 18. — «A «Beatlemania» constitui uma forma de protesto contra o mundo adulto» — afirma o prof. David Riesman, da Universidade de Harvard, considerando um dos maiores sociólogos norte-americanos.

Numa entrevista exclusiva com o «U. S. News and World Report», Riesman, comentando as reacções que os «Beatles» desencadeiam entre a juventude, nota que o agrupamento inglês não manifesta «o espírito, algo sinistro, que Elvis Presley encarnava para as pessoas adultas».

«Não contém aquela nota semi-sexual, semiagressiva, presente em Presley — prossegue. — Os jovens que aplaudem os «Beatles» aspiram, simplesmente, a alguma coisa em que possam depositar a sua confiança ou a corresponder a algo de novo que descobriram para si próprios». — (A. N. I.)

O sismo generalizou-se a todo o grupo central do arquipélago

(Continuação da 1.ª página)

Encontram-se a postos dois barcos para socorrer populações, mas o estado do mar torna impraticáveis alguns portos daquela ilha. — (A. N. I.)

Vento ciclónico sobre S. Jorge

ANGRA DO HEROISMO, 18. — Mantém-se a actividade sísmica na ilha de S. Jorge, que apresenta características vulcánicas. Recorda-se que, no mesmo local estiveram em actividade vulcões nos anos de 1580, 1757 e 1808, sendo o segundo o maior de todos verificado nos Açores, pois matou 1034 pessoas e arrasou a Vila de Calheta.

O vento ciclónico que se faz sentir agora na ilha de S. Jorge, tem impedido a navegação de conduzir alguns socorros às vítimas, incluindo plasma. — (L.)

A situação agrava-se na ilha de S. Jorge

CALHETA (Ilha de S. Jorge), 18. — Os abalos de terra continuam desde a manhã e estão a aumentar progressivamente de intensidade, agravando-se a situação na zona afectada pelos anteriores abalos e que constitui aproximadamente dois terços da ilha de S. Jorge.

Na ilha Terceira, na do Pico e na da Faial, também estão a sentir-se abalos de terra, não tantos, porém, como os que desde a meia-noite de sexta-feira fazem estremecer esta ilha.

Terminou, entretanto, a evacuação para a Calheta e para a vila das Velas da população de toda a freguesia da Urzelina, de uma parte da freguesia de Manadas e da maior parte da da freguesia de Santo Amaro.

Nos lugares de Toledo, da Queimada, de Terreiros e da Fajã, da freguesia de Santo Amaro, assim como na Ribeira do Nabo, já não há agora uma só casa habitada. Também já vieram para as Velas o pároco da Urzelina, rev. Manuel Silveira Brasil, e as oito pessoas que ali se mantinham com ele, para irem dando conta, pelo telefone, dos abalos que se registavam. — (A. N. I.)

Na ilha do Pico a terra tremeu durante toda a noite

S. ROQUE (Ilha do Pico), 18. — Durante toda a noite a terra tremeu frequentemente na ilha do Pico e com mais intensidade do que nos dias e noites anteriores.

O sismo mais prolongado registou-se às 6 horas da madrugada de hoje.

A população, até agora tranquila, começa a preocupar-se com a frequência dos abalos e com a sua crescente violência, escutando, com ansiedade, os noticiários que a esse respeito está a emitir o Rádio-Clube de Angra. — (A. N. I.)

Abriam-se fendas em 47 casas algumas das quais ruíram

VELAS (Ilha de S. Jorge), 18. — O violento abalo de ontem, às 18 e 25, fez estremecer toda a ilha.

O número exacto de casas danificadas pelos sismos era, até ontem à noite, de quarenta e sete, localizadas nas freguesias de Santo Amaro e da Urzelina. Algumas ruíram inteiramente, pelo que são já elevados os prejuízos.

A insistência com que os abalos se repetem está a provocar na população uma crescente angústia.

Pelas 22 horas, a actividade sísmica era mais intensa, especialmente, no lado Oeste, atingindo os lugares de Rosais e Ponta dos Rosais. A população destes dois lugares fugiu, imediatamente, para Velas. Entretanto, o mar enfureceu-se e o vento sopra com grande violência. — (A. N. I. e L.)

Forte sismo esta manhã na Horta

HORTA, 18. — Estão a sentir-se também abalos de terra no Faial, e em especial nesta cidade, se bem que de fraca intensidade, a qual aumentou ontem, às 18 e 18 e depois, durante a madrugada, principalmente às 3 e 50 e às 6 horas.

Esta manhã, às 10 e 18, sentiu-se porém um forte sismo. Não há ainda a registar prejuízos. — (A. N. I.)

Instruções à população

VELAS (Ilha de S. Jorge), 18. — Procedente do Faial, chegou a esta ilha o vulcanologista Tomás Pacheco, conhecido pelo «Homem do vulcão dos Capelinhos», o qual está a dar instruções à população sobre

a maneira de se defender, se vier a registar-se, como é de temer, alguma erupção vulcânica, com torrentes de lava e chuvas de cinzas e de escórias. — (A. N. I.)

Evacuação do hospital de Velas

VELAS (São Jorge), 18. — Aumentando de violência os abalos sísmicos nesta ilha.

O hospital das Velas foi parcialmente abandonado. Outras casas, incluindo a do ouvidor eclesiástico, padre Garcia Pedro, ameaçam ruína. — (A. N. I.)

O governador do distrito segue para a ilha de S. Jorge

ANGRA DO HEROISMO, 18. — Às 23 horas de ontem e às 3 e 56 de hoje, a ilha Terceira foi novamente sacudida por abalos telúricos. Os dois últimos sentiram-se com grande violência na ilha de S. Jorge.

O governador do distrito autónomo, dr. Teotónio Machado Pires, vai seguir para aquela ilha, a fim de se inteirar da situação. — (L.)

A GENERALIZAÇÃO DO FENÓMENO

ANGRA DO HEROISMO, 18. — Desde há 12 horas que a terra treme em todas as ilhas do grupo central do arquipélago: Terceira, Graciosa, S. Jorge, Pico e Faial.

Em Angra, principiou a ameaçar ruína o edifício da delegação marítima. — (A. N. I.)

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era moderado de sudoeste com rajadas fortes, o céu estava muito nublado e chovia ou caíam aguaceiros em alguns locais para norte do rio Tejo por acção de uma massa de ar transportada na circulação de uma depressão localizada a noroeste da Península Ibérica.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, 14°; Portalegre, 10°; Penhas Douradas, 5°; Coimbra, 14°; Lisboa, 15°; Faro, 15°; Funchal, 16°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 15°3; na água do mar, 15°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ



Tempo de aguaceiros com céu muito nublado. Vento moderado de leste soprando por vezes com rajadas fortes. Condições favoráveis à formação de trovoadas nas regiões a norte do Tejo. Agravamento do estado do tempo para a tarde de amanhã, com períodos de chuva e vento forte de sudoeste.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS — Máxima, 16°6; mínima, 12°7. No mesmo dia do ano passado — Máxima, 16°2; mínima, 12°.

SOL **AMANHÃ:** Nascer às 7 e 25. Ocaso às 18 e 17.

FASES DA LUA

Dia 20 Dia 27 Dia 6 Dia 14

MARES

PRELIMINAR — Dia 18 — As 6 e 16 (3,90 m); e 18 e 41 (3,65 m). **Dia 19** — As 6 e 59 (3,71 m); 19 e 33 (3,50 m). **Dia 20** — As 7 e 59 (3,51 m); 20 e 35 (3,37 m). **BAIXA-MAR — Dia 18** — As 12,07 (0,99 m). **Dia 19** — As 0 e 25 (1,11 m); 12 e 59 (1,20). **Dia 20** — As 1 e 27 (1,31 m); e 14 (1,41 m).

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422, R. da Prata, 156, s/L (único no género).

Revolta no Gabão

(Continuação da 1.ª página)

os outros partidos políticos não estejam proibidos. — (A. N. I.)

TODOS OS PRESOS POLÍTICOS SERIAM RESTITUIDOS A LIBERDADE

YAUNDE, 18. — «Para evitar num futuro mais ou menos distante, manifestações incontroláveis, as Forças Armadas do Gabão decidiram pôr termo a esta situação. Por consequência, o Governo é dissolvido, o presidente Leon M'ba e os seus acólitos foram presos» — segundo uma nota transmitida perto do meio-dia pela Rádio de Libreville e captada nesta cidade.

A nota continua: «As liberdades públicas são restabelecidas, e todos os presos políticos restituídos imediatamente à liberdade».

Dirige, depois, uma «exortação instantânea à população para que se conserve ordeira e não sejam infligidos maus tratos a pessoa alguma. Afirmamos que não serão lesados os interesses pessoais e se respeitaram os compromissos assumidos relativamente aos indivíduos ou grupos de indivíduos».

Por outro lado, a mesma emissora, anuncia que dentro de 24 horas

Vai ser beneficiado no Alfeite um submarino francês

Encontra-se no Tejo, onde veio em visita de rotina, tendo atracado na Doca da Marinha, o submarino francês «L'Andromède», que navega sob o comando do primeiro-tenente Delcambre, que tem uma guarnição de 4 oficiais, 12 sargentos e 37 praças.

O comandante daquele vaso de guerra ofereceu hoje, a bordo, um almoço em honra das autoridades navais, a que compareceu, entre outros oficiais da Armada, o sr. comodoro Cunha Aragão, comandante da Força Naval do Continente. Amanhã, o Ministério da Marinha oferece, na «messe» da base naval do Alfeite, um almoço em honra da oficialidade do navio.

Em virtude do «Andromède» precisar de uma reparação, a largada para Cherburgo foi adiada para sábado, seguindo o referido navio depois de amanhã para o Arsenal do Alfeite, a fim de ser reparado no respectivo plano inclinado.

O Governo cipriota acusa os turcos de procurarem criar conflitos

NICÓSIA, 18. — O Governo cipriota revelou, oficialmente que, em virtude da Grã-Bretanha se ter recusado a vender-lhe armas, procurou obtê-las noutros países. A nota não especifica, porém, quais são esses países.

O Governo cipriota salienta que esta compra de armas «é perfeitamente legítima, uma vez que existe uma ameaça contra a integridade territorial do país».

A nota oficial acusa ainda os cipriotas turcos de procurarem criar conflitos na região noroeste da ilha, coincidindo com o debate no Conselho de Segurança.

Depois de afirmar que «grupos armados de cipriotas turcos marcham contra as aldeias cipriotas gregas», a nota salienta que «os cipriotas gregos estão a mostrar um notável autodomínio, pois sabem que novas perturbações só serviriam para prejudicar a causa de Chipre». — (A. N. I.)

UMA REUNIÃO para debater o desenvolvimento económico da Beira Baixa

CASTELO BRANCO, 18. — Está a decorrer no salão nobre do Governo Civil desta cidade, uma importante reunião presidida pelo sr. dr. Simplicio Barreto Magro, governador civil do distrito, e na qual tomaram parte as principais entidades oficiais.

A reunião que visa encontrar soluções para o desenvolvimento económico da Beira Baixa, tem como principal motivo a formação de três grupos de trabalho que se ocuparão da agricultura, da indústria e de turismo sectores que são tidos como fundamentais para os novos rumos a seguir no sentido de um maior aproveitamento das fontes de riqueza da região.

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PREMIO GRANDES

NÃO HAVERÁ problemas na pesagem simultânea de Liston e Clay

MIAMI, 18 — A comissão de pugilismo, desta cidade, decidiu ontem que o campeão do Mundo Sonny Liston e o seu adversário Cassius Clay serão pesados ao mesmo tempo, antes do seu combate do próximo dia 25, a contar para o campeonato mundial. Tinham-se levantado dúvidas sobre o risco de os dois pugilistas se agredirem durante uma pesagem simultânea, mas a comissão decidiu que esse risco não era real. — (R.).

LUTA GRECO-ROMANA

OS «REGIONAIS» DE INICIADOS

Ao cabo de três sessões do campeonato regional de iniciados, de luta greco-romana, estão efectuados perto de setenta combates, alguns deles extraordinariamente bem disputados, em especial alguns da reunião de sábado, em que se exibiram lutadores que até à altura se encontravam sem terem perdido pontos.

Destes, o mais bem disputado foi, sem dúvida, aquele em que participaram Joaquim Neto Ferreira, da Ordem e Progresso, e Artur Sampaio, do Ateneu, na categoria de «meios-leves», que decorreu com muito interesse durante os dez minutos, empregando-se os contendores com muito entusiasmo e espírito combativo. As situações de perigo sucederam-se em relação a ambos os adversários acabando por triunfar por pontos — a decisão só por si quase dá ideia do empenho demonstrado pelos dois lutadores — o representante da Ordem e Progresso.

Com esta vitória Joaquim Ferreira deu um passo em frente para a conquista do título tendo agora, como principal opositor outro atleta — Reinaldo Cristóvão, o único sem pontos perdidos na categoria.

O ultimo combate da sessão foi igualmente muito bem disputado. Nele tomaram parte Domingos Carvalho, do Runa, e Luis Grilo, do Alvalade.

Embora o primeiro se apresentasse como favorito, devido à sua melhor complexão física e ao comportamento em lutas anteriores, Luis Grilo, de aspecto frágil e franzino, logrou levar a melhor, vencendo por assentamento de espáduas em menos de dois minutos.

Além destes, quase todos os restantes combates decorreram com interesse, pois os intervenientes, como é natural, entregaram-se à luta com entusiasmo à procura da vitória — excepção feita para aqueles em que tomaram parte representantes do mesmo clube.

Até agora o combate mais rápido dos «Regionais» foi ganho por Alfredo da Silva, do Ferroviário, que bateu Manuel Figueiredo, do Benfica em 22 segundos.

A sessão foi menos tumultuosa do que as anteriores e os casos surgidos — não muitos — foram convenientemente esclarecidos pelo director geral da prova.

Nesta sessão foi conhecido mais um vencedor de categoria, o benfiquista Carlos José Nunes, em «meios-leves».

A prova deve concluir-se hoje com a realização da quarta sessão, no ginásio do Atlético de Alvalade.

«Nacionais» de 3.ª séries

Encontra-se já marcado para o próximo dia 1 de Março o início dos «Nacionais» de terceira séries. A primeira sessão desta competição, que deve reunir elevado número de concorrentes, efectuar-se-á, à tarde, em Torres Vedras, na sede da Tuna.

SILVA MARTINS

Na ultima reunião os resultados verificados foram os seguintes:

Levíssimos — Nelson Amaral (Ferroviários) derrotou Fernando Silva (Benfica), por assentamento de espáduas; Domingos Carvalho (Runa) venceu Manuel dos Santos (Alvalade), por pontos; Luis Grilo (Alvalade), José Cabrita (Alvalade),

Foi de 572 contos o saldo positivo da gerência do Belenenses

Só amanhã será entregue, pela topografia, o relatório da gerência do Belenenses, em 1963, a fim de ser distribuído pelos sócios.

Entretanto, na delegação do clube, estão afixadas, desde o passado dia 6 do corrente, as contas do exercício, que apresentam os seguintes números:

6 151 407\$57, receita e 5 578 754\$20,

despesa, pelo que o saldo positivo foi de 572 653\$37.

A quotização atingiu a verba de 1 928 185\$60.

A secção de futebol gastou 4 019 025\$10, enquanto as secções amadoras dispenderam 363 361\$70.

O jogo Porto-Benfica está a despertar grande interesse

Grande número de adeptos do Sport Lisboa e Benfica deslocou-se ao Porto no próximo domingo. A comissão central do clube dos «carnados» está a organizar várias excursões, calculando-se que venham a inscrever-se cerca de duas mil pessoas.

O F. C. Lisboa, filial do F. C. Porto, leva a efeito também uma excursão, em autocarro, no dia 22, com partida às 14 e 30, assegurando aos utentes bilhetes de ingresso no Estádio das Antas.

Vacinas contra o tétano

A D. G. D. determinou que fosse prorrogado até ao dia 30 de Junho do próximo ano o prazo para a apresentação do certificado de vacina contra o tétano a que estão obrigados todos os jogadores de futebol.

Os juniores continuam a sua preparação amanhã

Gastão Silva, seleccionador nacional de juniores, marcou para amanhã, às 9 horas, no campo de treino do Estádio Nacional, mais uma sessão de preparação dos jogadores convocados.

Hoje, de manhã, os juniores realizaram exercícios físicos, com carácter individual.

Três treinos de conjunto esta semana no Sporting

A preparação do Sporting, esta semana, obedecerá a um novo esquema.

O sr. arq. Anselmo Fernandez, como orientador técnico, de colaboração com Gentil Cardoso e Sair Raposo, determinou que se efectuem três treinos de conjunto, a partir de amanhã e até sexta-feira, com vista ao jogo de domingo.

Hoje, de manhã, houve uma sessão que consistiu em exercícios individuais.

O problema dos jogadores lesionados tem no caso de Lucio o caso de maior preocupação.

O protesto do F. C. Porto não deu ainda entrada na Federação

Tendo feito declaração de protesto, em relação ao jogo de Olhão, a direcção do F. C. Porto elaborou ontem o respectivo documento que poderá dar entrada na F. P. F. até às 24 horas de amanhã.

Na sede da Federação não foi recebido hoje o referido protesto.

Handebol de onze O «NACIONAL» COMEÇA NO PRÓXIMO DOMINGO

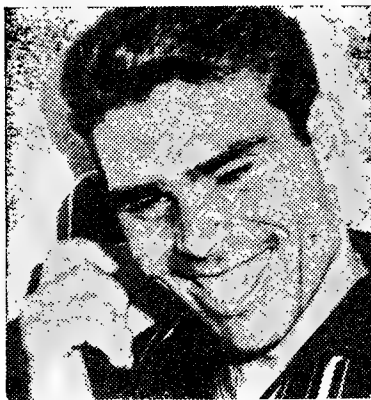
O Campeonato Nacional de handebol de «onze», cujo sorteio se efectuou ontem, à noite, na sede da F. P. H., terá o seu início no próximo domingo, com os seguintes encontros:

F. C. Porto-Salgueiros, na Constituição e Belenenses-Sporting, no Restelo, ambos às 11 horas.

A competição prosseguirá no sábado seguinte com os jogos: Salgueiros-Belenenses, no campo Eng.º Vidal Pinheiro, e F. C. Porto-Sporting, na Constituição, ambos às 16 horas, terminando a primeira volta no dia imediato, domingo, com os encontros: Salgueiros-Sporting e F. C. Porto-Belenenses, nos mesmos campos, às 11 horas.

Os jogos da 2.ª volta serão disputados nos dias 8, 14 e 15 de Março.

Os árbitros pertencerão às comissões das equipas visitantes, suportando as despesas de deslocação a Comissão Central e os clubes os respectivos prémios.



João Roque e José Pacheco

João Roque e José Pacheco vão correr na Venezuela para onde seguem amanhã

CARACAS, 18. — Cesare Pinarello, detentor da marca mundial dos 500 metros, e Valentino Gasparella, ambos italianos, foram os primeiros a chegar a esta cidade para o Torneio Internacional Ciclista a começar em 20 do corrente. O certame constará de três provas a que foram dados os nomes de «Embaixada de Espanha», «Embaixada de Itália» e «Embaixada de Portugal».

Portugal estará representado por João Roque e José Pacheco. — (F. Presse).

N. da R. — O Sporting recebeu ontem o convite e, assim, amanhã, às 16 e 20, Roque e Pacheco seguirão, por via aérea, para Caracas. Os dois categorizados ciclistas «leoninos» vão exhibir-se em festivais de pista, a disputar depois de amanhã, sábado e domingo.

As homenagens ao dr. Salazar Carreira

Realiza-se, esta noite, no restaurante Castanheira, o banquete de homenagem ao sr. dr. José Salazar Carreira que, recentemente, deixou o cargo de inspector dos desportos por ter atingido o limite de idade.

No próximo dia 20, no Estádio de Alvalade, pelas 21 horas, realizar-se-á um festival de consagração, cujo programa é o seguinte: às 21 horas, exibição de raguebi, por duas equipas juvenis do C. D. U. L. e do Belenenses; 21 e 30, provas de atletismo: 700 metros para aspirantes; 1500 metros para principiantes; 1 milha para juniores e 3000 metros para seniores; 22 e 15, exibição de ginástica pela classe feminina do Sporting; 22 e 45, ciclismo: 20 minutos de perseguição; 23 e 15, demonstração de handebol pelas equipas do Belenenses e do Sporting.

No intervalo destas provas, far-se-ão demonstrações de pugilismo, 3 assaltos simultâneos de 3 minutos cada um, sendo os mesmos feitos em ringues desenhados na pista em frente às bancadas central e de topo.

O festival é com entradas totalmente gratuitas, sendo os convites distribuídos por todas as Federações e diversas colectividades da capital e estabelecimentos de ensino para onde a comissão fez distribuir os 50 000 bilhetes de convite, pelo que o público ali os poderá levantar.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Carnide-Física de Torres Vedras (22 horas) e Pena-Campolide (21 horas), ambos no recinto do Carnide, e Lisgás-Sporting de Torres (22 horas), em Campo de Ourique.

LUTA — Nova sessão dos campeonatos regionais no Atlético de Alvalade.

VOLEIBOL — No ginásio do Técnico, a partir das 21 horas, prossegue a disputa da taça «Imprensa» com os encontros: Benfica-Técnico e Belenenses-Lisboa Ginásio.

PEDALADAS

Dois elementos em foco nas provas de domingo: José Pacheco, que regressou às provas, e Carlos Correia, recém-transferido para o Benfica. O primeiro não revelou boa forma, e o segundo, apresentando dificuldades, desistiu.

Os juizes e cronometristas que antecederam tiveram uma excelente oportunidade de ganharem direito a defesa, acabaram, inexplicavelmente, por provocar mais um reparo escusado à sua acção.

No primeiro caso viram-se coagidos a condescender que corresse em ambas as provas ciclistas com números idênticos, embora de cores diferentes. Podiam ter surgido complicações mas a entrada dos corredores na meta verificou-se praticamente escalonada e o trabalho dos juizes acabou por ser fácil.

Quanto ao reparo: só uma hora depois de chegar o vencedor da ultima corrida é que aqueles elementos se dignaram fornecer a classificação à Imprensa!

Se a demora fosse originada por dificuldades de classificação (não foi este o caso) admitia-se, mas como se tratou de birrões dos tais senhores, que só depois de copiada, com toda a calma, para os seus cadernos (por pouco mais tinham feito a acta da corrida!) é que se dignaram informar os jornalistas presentes, temos a declarar que o ciclismo pertence também um pouco ao público que a Imprensa representa.

Como não tínhamos a quem reclamar (os membros do júri da Associação de certo cansados de tanto esperar, como nós, já se haviam retirado...), aqui deixamos o reparo com vista ao futuro.

Notou-se o cuidado da A. C. S. em diversos pormenores de organização. Apreciamos o aviso feito pelo director da corrida aos ciclistas e dirigentes sobre as limitações de acesso dos carros de apoio ao pelotão.

Mag discordamos da «barragem», levada ao exagero na estrada marginal. E' que com a fuga já devidamente concretizada, e desde que o pelotão se mantinha calmo, é de autorizar a ida à frente dos respectivos carros de apoio. Isto no próprio interesse da corrida, pois uma avaria não reparada a tempo pode malograr a mais louvável das iniciativas do ciclista.

BILHETE TURÍSTICO

VIAGEM DE 5 DIAS COM TODAS AS DESPESAS INCLUIDAS POR 745\$00 PARTIDAS TODOS OS DOMINGOS

APROVEITE A AMENIDADE DO CLIMA ALGARVIO PARA UMA VISITA A OLHÃO, LAGOS E SAGRES E UMA AGRADÁVEL ESTADIA NA ILHA DE ARMONIA ALOJADO EM «BUNGALOW» DO CAMPO DA «ORBITUR» OS BILHETES SÃO VENDIDOS NAS ESTAÇÕES DO ROSSIO E DO TERREIRO DO PAÇO, NOS DESPACHOS CENTRAIS DA C. P. E NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS ATÉ 10 DIAS ANTES DO DOMINGO DE INÍCIO DA VIAGEM

PEÇA FOLHETO DESCRITIVO

Casa da Moeda nigeriana

O Governo da Nigéria decidiu construir na ilha de Victoria, próximo de Lagos, uma Casa da Moeda que imprimirá notas de banco e cunhará moedas.



CADA VEZ HÁ MAIS brasileiros nacionalizados

O ano passado, quatro mil novecentos e noventa e sete estrangeiros adotaram a cidadania brasileira. Em 1960 foram 3319 estrangeiros a adquirir a nacionalidade brasileira; em 1961, 2602; e em 1962 4638, segundo consta no relatório do sr. José Pires de Sá, diretor do Departamento do Interior e Justiça, dirigido ao ministro Abelardo Jurema, no qual informa haver aquele departamento batido o «record» na concessão de naturalizações em 1963. Portugueses e japoneses foram os que concorreram com o maior número de optantes pela nacionalidade brasileira.

A árvore que dá mais borracha

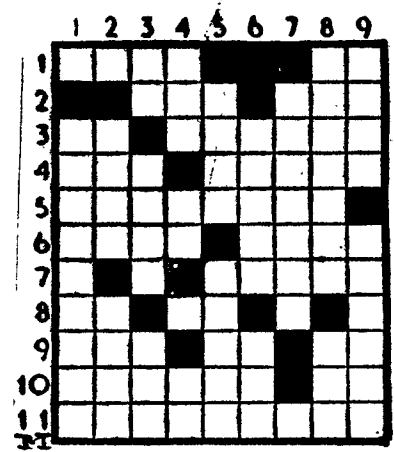
Cerca de noventa e sete por cento da borracha natural produzida em todo o Mundo é extraída da árvore hévea oriunda do Brasil.

A borracha sintética

O ano de 1963 ficou como um dos mais significativos na história do consumo da borracha. Pela primeira vez, sem se ter em conta os países de Leste, consumiu-se no Mundo, mais borracha sintética do que natural: 2 317 000 toneladas de borracha sintética contra 2 200 000 toneladas de borracha natural. O total de 4 517 000 toneladas representa um aumento sensível em relação ao ano de 1962, em que foram registadas apenas 4 357 000 toneladas.



PALAVRAS CRUZADAS



(COM PROVERBIO) Problema n.º 3301

HORIZONTAIS: 1 — Aquele que, símbolo químico do bário, 2 — Senhor (inglês). Possui, 3 — Freire (abrev.). Pequeno planalto, 4 — Zombar, flatulência, 5 — Adversários, 6 — Encapotada, Prega, 7 — Concederás, 8 — Pertences, Poetisa, 9 — Recusa, Reis (abrev.). Medida inglesa de cerca de 30 cm, 10 — Variedade de palmeira de cujas fibras se fazem redes e linhas de pesca, Parecência, 11 — Amarelencera.

VERTICAIS: 1 — Muito sensível ao frio, 2 — Parte inferior da região lombar, Ausentam-se, 3 — Pertences, Abastado, Escavada, 4 — Pronome pessoal, Nociua, Antiga cidade da Caldeia, onde importantes escavações puseram a descoberto principescos tumulos sumerianos, 5 — Dirigi, Descansa no sono, 6 — Benze, Cloro de sódio, 7 — Erário, 8 — Rua estreita, Pareilha, 9 — Patroas, Austera.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo pastatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 3300
HORIZONTAIS: 1 — Nós, Aço, 2 — Sairás, 3 — A. Crucial, 4 — Ia. Ara, 5 — Atadas, Id. 6 — Vê, Alugar, 7 — OCASIÃO, 8 — Ré, Osco, 9 — Arfar, Ti, 10 — Amo, Até, 11 — Onze, Umas.

VERTICAIS: 1 — Apagado, 2 — Os, Tecer, 3 — Sacia, FAZ, 4 — Tradas, Ame, 5 — Cru, Ali, Ró, 6 — AC, Suão, 7 — Asia, Gostam, 8 — Aria, Cita, 9 — O, LADRÃO, Provérbio: A OCASIÃO FAZ O LADRÃO.

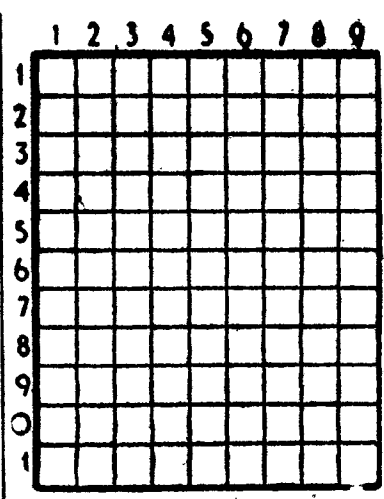
NOVA MODALIDADE Problema n.º 7146

HORIZONTAIS: 1 — Nome pelo qual, António Nobre se designava a si próprio nos seus versos, Fasco, 2 — Distrito da Índia Portuguesa, Calcas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em Vila Franca de Xira na Tabacaria de D. GUILHERMINA, AMOR PAIS QUINTELA, RUA ALMIRANTE REIS, 179.

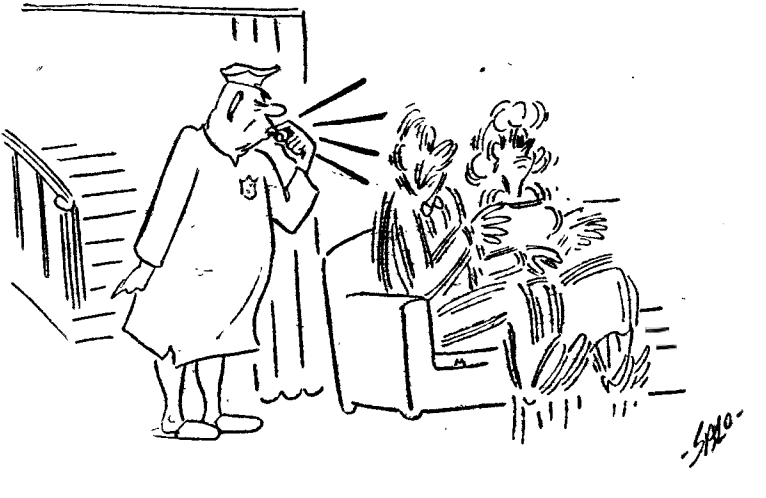
3 — Seguiam. Passado, 4 — Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Rio afluente do Mansoa, 5 — Língua vernácula indiana, Lista, 6 — Aves pernaltas, Triturava, 7 — Conjunção, Emblema, 8 — Viração, Tem em vista, 9 — Figura que simboliza o povo americano, Curso de água natural e bundante, 10 — Fruto silvestre, Czar da Rússia, cujo cognome foi «O Terrível», 11 — Vila e concelho do distrito de Évora, Extremidades dos braços.

Solução do problema n.º 7145
HORIZONTAIS: 1 — Deas, Acta, 2 — Alte, Alas, 3 — Armamar, 4 — Ira, Rás, 5 — Raça, Aero, 6 — Al, Ni, 7 — Voassem, 8 — Pó, Rei, Em, 9 —



Agem, Orna, 10 — Tá, Eis, Oc, 11 — Ales, Assa.

VERTICAIS: 1 — Dá, Irá, Pata, 2 — Elara, Vogal, 3 — Atracção, 4 — Sem, Alarres, 5 — Ai, Se, 6 — Aam, Ansiosa, 7 — Clareie, 8 — Tarar, Menos, 9 — As, Sor, Maça.



— Estacionamento proibido por mais de uma hora!

“ITALIA”
SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA: AMÉRICA DO SUL

«AUGUSTUS» 22 de Fevereiro RIO DE JANEIRO SANTOS MONTEVIDEO BUENOS AIRES

PARA: MEDITERRÂNEO

«GIULIO CESARE» 25 de Fevereiro BARCELONA CANNES GENOVA NÁPOLES

OS AGENTES:

Em Lisboa: AGENCIA MARITIMA TRANSATLÂNTICA, LDA. Rua do Alecrim, 20-F, 1.º Telefone 327264

No Porto: KENDALL, PINTO BASTO & C., LDA. Rua Nova da Alfândega, 12 Telefone 28421

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto
O «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda em PEDRAS RUBRAS a partir das 19 horas, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto e a partir das 20 horas nas Tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas.

A VIDA AVENTUROSA DE MARCO POLO 27

INFERNO! MARTINHO! HÁ TANTO TEMPO QUE ESTÁS AO SEU SERVIÇO E AINDA NÃO APANHASTE O COFRE!...

E IMPOSSÍVEL! TATAR NÃO O LARGA.

NÃO VOLTAS LÁ, AVISA A NOSSA GENTE, VAMOS FREAR UM BARCO...

SE QUIZERMOS IR AO PAÍS FÁBULO-SO DE QUE FALA POLO, É PRECISO A BARÇA DE OURO!...

E O COFRE, VAMOS TÊ-LOS!...

CLARO, VAMOS ATÉ AO ESTRITO DO ADRIÁTICO, DEPOIS VÊREIS!

CHEFE! NÃO É COM ESTA CASCALHA DE NÓS QUE PODEMOS ATACAR O BARCO DOS POLO!...

NA NOITE SEGUINTE UMA FALHA EQUIPADA POR ROCCO DEIXAVA VENTAR...

A CILADA

por W. T. BRANNON



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

6

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR — Jim Elliot, um influente cidadão de Palmview, foi assassinado a tiro. Toda a comunidade se sente chocada pela tragédia. O dr. Allison vai buscar o seu amigo, o excêntrico Alec Christianson, no caminho para o hospital da cidade. Alec horroriza o médico ao mostrar-lhe alguns instantâneos tirados durante uma entrevista de Jim Elliot com uma rapariga de Palmview. No hospital, o dr. Allison depára com um homem seriamente maltratado. Chama-se Terry Kane e está sob prisão. A enfermeira de serviço informa o médico que se trata do homem que assassinou Elliot.

CAPÍTULO II

— Com que então, é este o assassino de Elliot — repeti. — Hum... Trabalho rápido, não lhe parece?

— Sim — respondeu-me a enfermeira — mas não é de admirar. Toda a gente de Palmview gostava do sr. Elliot.

Era perfeitamente sincera ao dizer isso, de forma que nem discuti o seu ponto de vista.

— Suponho que a Polícia o traz bem guardado?

— Decerto! Além do guarda que o senhor vê ali, o edifício encontra-se cercado. — Sorriu e acrescentou: — Mas não o julgo em condições de tentar evadir-se.

Aproximei-me da cama de Kane. Era um homem magro, de estatura média, queixo decidido e cabelos castanhos, um pouco rebeldes. Não era o que se possa dizer bonito, mas o seu rosto reflectia carácter. Tinha a pele queimada do sol. Ocorreu-me o pensamento de que aquele sujeito devia ter bastante coragem para enfrentar um matulão como Elliot, ainda que armado.

— Sou o dr. Allison. Você é Terry Kane?

— Sim.

7

— Ouvi dizer que matou Jim Elliot.
— Já confessei — respondeu, franzindo o sobrolho.

— Eu sei. Mas foi realmente você?

— Já lhe disse que confessei — disse, impacientemente. — Não chega?

— Não é a mim que tem de satisfazer, Elliot não era meu amigo.

— Então é porque o senhor é diferente do resto — disse com cinismo.

— Sou apenas um médico. Como foi que arranhou essas equimoses?

Ela forçou um sorriso.

— Escorregou-me a navalha das mãos.

— A enfermeira disse-me que você caiu da tábua da cela.

— Foi essa enfermeira falou verdade.

— Não acredito nisso. Foram os polícias que o puseram nesse estado?

— Foram eles que cá o mandaram para saberem se eu dava com a língua nos dentes?

— Não. Fiz-lhe apenas uma pergunta. Foram os polícias que o espancaram?

— Bem, que acha o senhor?

Começava a simpatizar com aquele homem. Ainda não conseguira descobrir quem pretendia ele encobrir, mas não havia dúvida que o fazia de forma perseverante.

— Se foi você quem matou Elliot, devia ter um motivo muito forte para o fazer.

— É como diz.

— Que motivo era esse?

— Não gostava do camarada.

— Eu tão pouco, mas não é razão para o matar.

Qual foi o seu motivo?

— Já lhe disse. Irritou-me.

— Porque foi que o prenderam?

— Um dos vizinhos viu-me a sair da casa.

— E que foi lá você fazer?

— Matá-lo.

— Muito bem. Foi lá com o propósito de o matar. Porquê?

8

— Doutor, o senhor errou na profissão. Devia ser polícia.

— Já muitas vezes pensei o mesmo. Mas não respondi à minha pergunta. Que motivos o levavam a querer matar Jim Elliot?

Ele esboçou um sorriso maldoso.

— Lei a minha confissão. Está lá tudo escrito. Achei melhor desistir. Entretanto, a enfermeira trouxera água, pomadas e ligaduras. Comecei a fazer-lhe o curativo. O homem fora brutalmente espancado... por quem, não saberia dizê-lo. Mas de uma coisa tinha a certeza: não podia ter ficado naquele estado com a simples queda de uma cama abaixo, nem que tivesse caído uma duzia de vezes.

Kane era um bom doente. O curativo devia causar-lhe bastantes dores, mas só de vez em quando piscava os olhos.

— Sente-se melhor agora?

— Muito obrigado, doutor.

Vendo que me preparava para sair, acrescentou: — Lá espero a sua visita na cadeia.

Alec esperava por mim à porta do edifício.

— Que aconteceu aquele homem, doutor? Passou-lhe algum comboio por cima?

— Não sei, mas tenciono descobri-lo.

— E onde vamos nós agora?

— Tu espera aqui por mim.

— E o senhor onde vai?

— Ao posto da Polícia.

— Eu não posso ir?

— Não — respondi, atirando-lhe as chaves do carro. — Vai dar uma volta, tira algumas fotografias enquanto esperas por mim.

— Caramba! Que bela ideia, doutor!

O posto da Polícia ocupava a metade do primeiro andar da Câmara Municipal de Palmview, um edifício de três andares, em mármore branco. Mesmo antes de penetrar no átrio, tive o pressentimento de que devia parecer mais limpo do lado de fora que interiormente, pois era o quartel-general de um grupo de políticos falhos de es-

9

Não tardei a ingressar no gabinete do chefe Henry Graham. Era um indivíduo incrivelmente gordo.

O dia estava quente e o chefe Graham tirara o casaco e abria o colarinho da camisa. Tinha o boné puxado para trás e segurava na mão um lenço todo enegado. Faziam-lhe companhia dois homens bem conhecidos da terra. Um deles era baixo, tinha cabelos negros e hirsutos, olhos de conta e nariz adunco. Chamava-se Amos Scroggins, e era o Comissário das Obras Públicas.

O outro era alto e magro. Envergava um fato de cheviote azul, tinha feições regulares e cabelos loiros cor de estopa, cuidadosamente penteados para trás. Sentava-se numa cadeira em frente ao chefe Graham. Segurava na mão esquerda uma boquilha de fantasia, onde fumegava um cigarro. Chamava-se Frederic Martin e era o Superintendente das Escolas.

Eu sabia que aqueles homens eram os Três Grandes de Palmview. Controlavam os destinos da cidade e só recebiam ordens de Jim Elliot. Agora que este fora riscado do número dos vivos, deviam sem dúvida já ter combinado tudo para partilharem os poderes entre si.

Graham estendeu-me a mão empapada de suor.

— Como vai, doutor?

— Bem, obrigado; e o senhor?

— Ótimo, se bem que abalado pela trágica morte de Jim Elliot. Era um grande benfeitor. Palmview jamais encontrará quem seja capaz de o substituir.

— Estou certo disso.

Graham preparava-se certamente para prosseguir no discurso, mas lembrou-se dos presentes.

— O doutor já conhece o comissário Scroggins e o professor Martin, não é verdade?

— Julgo que já nos fomos apresentados — disse eu, apertando-lhes as mãos, enquanto pensava que espécie de vigarice estariam eles a conspirar quando os interrompera.

Após as apresentações, Graham continuou:

10

— Fosso ser-lhe útil em qualquer coisa, doutor?

— Estou a substituir o dr. Hartman no serviço do hospital e acabo de tratar um homem chamado Terry Kane. Disseram-me que o homem está sob prisão.

— Justamente! É o miserável que assassinou o sr. Elliot.

— O homem encontra-se em estado lamentável. Sabe como foi que ficou assim?

— Sei. Caiu do catre. Pessoalmente, não tenho a mínima pena dele. Elliot era um tipo às direitas, e eu *gramava-o* às carradas.

— Não duvido. Julgo saber que o preso assinou uma confissão.

— É como diz. Quando viu que o tínhamos bem fígado, resolveu abrir a boca.

— Não foi preciso empregar a força, há?

— Qual, nada!

— Importa-se que eu leia a confissão?

— Ora essa, doutor! — Estendeu a mão para a secretária e entregou-me uma folha de papel dactilografada — Prevendo que os jornais queriam vê-la, mandei tirar várias cópias.

Li a confissão. Era breve. Terry Kane declarara ter comprado uns terrenos a Elliot, alguns anos atrás. No dia fatídico, acusara Elliot de fraude e exigira um reembolso. Elliot recusara qualquer combinação. Tinham-se seguido palavras agrestes, daí tinham passado a vias de facto, e Kane admitira ter abatido Elliot a tiro. Era tudo. Uma confissão muito frágil e da qual eu não acreditara numa palavra só.

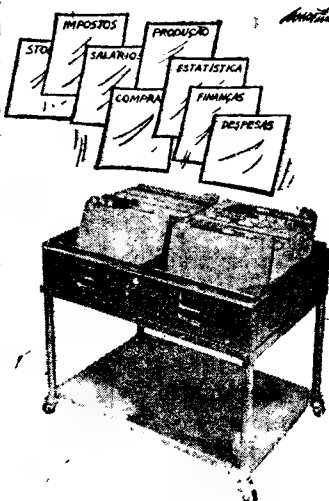
(Continua)



INFORMAÇÃO
COM MENOR DISPENDIO!
CARACTERÍSTICA
FUNDAMENTAL DA
CONTABILIDADE

Eficex

O MAIOR PROGRAMA DE MÁQUINAS
E SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO
ESTUDOS E MONTAGENS POR UMA
EQUIPA DE ESPECIALISTAS EM RACIONALIZAÇÃO DE TRABALHO COM
LONGA EXPERIÊNCIA DE ORGANIZAÇÃO
MAIS DE 4.000 INSTALAÇÕES
EFICEX, EM FUNCIONAMENTO
AVENIDA JOÃO XXI, 4 A - TELÉF. 72 70 28
72 50 34 EM LISBOA - R. PASSOS MANOEL
Fundada em 1947 226-21, D.T.O. TELÉF. 3 06 98 NO PORTO



A MAIS EXPERIENTE ORGANIZAÇÃO EM CONTABILIDADE MODERNA

GIRA-DISCOS

JORGE GONÇALVES
Av. 5 de Outubro, 53-1. andar

CARIMBOS

R. Nova do Almada, 64. Tel. 32 61 62
ANIBAL GRAVADOR

Rápido
e perfeito

FOLHA-DE-FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA. - RUA D. JOÃO V, 7-1.
LISBOA - TELÉF. 68 41 41/2/3

AR CONDICIONADO

COM CONDICIONADORES

Carrier

silenciosos

resistentes

económicos



Eng.º J. Nunes Correia

R. DO ALECRIM, 29 - TELF. 30901/4 - LISBOA
R. DA FIRMEZA, 482 - TELF. 28034 - PORTO

OS CONTABILISTAS PROFISSIONAIS PEDEM A ALTERAÇÃO DA PORTARIA N.º 20 317

Continuamos a receber de vários pontos do País, sucessivas exposições de contabilistas profissionais sobre a delicada situação criada á sua classe por efeito da doutrina da portaria n.º 20 317. Uma dessas exposições, feita pelo perito contabilista sr. José Augusto Pinto dos Santos, do Porto, formula judiciosos reparos aos efeitos resultantes da aplicação do referido diploma e apresenta alguns alvitre que nos parecem dignos de ponderar num estudo com vista á alteração daquella portaria para defesa dos justos interesses dos contabilistas profissionais. Segue-se a referida exposição, nos seguintes termos:

Alteração da portaria ou um período de transição

«Como leitor assíduo do conceituado jornal «Diário de Lisboa», tendo seguido com o maior interesse e simpatia o humano e justo movimento que VV., com tanta dignidade, estão a desenvolver em defesa dos obreiros contabilistas, que desde sempre, vêm servindo á economia nacional através dos serviços que prestam ás empresas comerciais, industriais e agrícolas. E como contabilista, com 58 anos de idade, sinto o dever de vir agradecer o equilíbrio, cheio de isenção, com que é feita essa defesa.

«Sou contabilista, com cerca de 40 anos de prática e 30 de perito, tendo prestado serviços á Polícia de Investigação Criminal (hoje Polícia Judiciária) e, ora da parte, ora oficialmente, como perito judicial, em processos nos tribunais civis e criminaes em diversas comarcas. Frequentei e quanto pude, o curso comercial e fui aluno do 3.º ano com boas classificações. Entendo que se não deve deixar de acautelar os justos interesses dos contabilistas diplomados pelos institutos comerciais, mas entendo, também, que aqueles que, autodidacta e objectivamente, se preparam para um bom exercício profissional, não devem ser lançados á valeta. Estabeleça-se, portanto, um período de transição, pelo qual, os que são práticos, ajudem os diplomados na respectiva habilitação prática, como succede a quem conclui cursos superiores, como os de Direito e Medicina, e que, á medida em que os lugares vaguem, possam ser preenchidos por eles.

«Os práticos que, como contabilistas ou peritos contabilistas, prestaram bons serviços á nossa economia e, por vezes, á simples requisição de quem de direito, á Justiça, não poderão suportar uma tal

injustiça. Entendo que os técnicos de contas possam ou sejam controlados na sua capacidade, mas parece-me irrazoável que, os que se afirmaram sejam ingratamente esquecidos. Entendo que a portaria n.º 20 317, deveria ser alterada, permitindo o reconhecimento, por igual, de todos os técnicos de contas, quer sejam práticos ou diplomados, quer estejam ao serviço de empresas dos grupos A, B ou C, pois ás direcções das empresas sempre incumbiu e incumba para a legítima defesa dos seus interesses, admitir quem mais lhes convenha, como co-responsáveis que são.

«Se se não alterarem as disposições da citada portaria, qual será o futuro dos técnicos de contas nas seguintes condições? a) que estejam em exercício, há anos, em algumas empresas classificadas para o Grupo A, se não forem aprovados no exame exigido; b) que estando a exercer a profissão nos grupos B e C, se se lhes deparar um lugar numa empresa do Grupo A; c) que, por força das circunstancias, estejam escondidos na classificação de «escriturários», na dependência de outros seus colegas em exercício; d) que estejam transitória e infelizmente desempregados».

Mensagens de apoio

Inumeros telegramas nos chegam também, das mais diversas procedências, sobre a situação criada aos contabilistas profissionais e contendo aplausos ao «Diário de Lisboa» pelo interesse dedicado á defesa dos justos interesses da classe.

Entre essas mensagens telegráficas referimos as que nos enviaram o sr. Alfredo Machado Lobo, contabilista com vinte anos de serviço activo, de Mogadouro, e outra firmada pelos corpos gerentes do Sindicato do Pessoal da Industria de Lanifícios, nos seguintes termos: «Contabilistas concelho Covilhã acompanham e apoliam, com todo interesse notável campanha desenvolvida vossa conceituado jornal legítima defesa direitos adquiridos anos árduo labor, affectados portaria 20 317, solicitam prosseguimento, que agradecem efusivamente».

E de uma comissão de contabilistas e da direcção do Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixaeiros do Distrito do Funchal: «Expressamos nosso caloroso apoio vossa legítima justa defesa milhares contabilistas affectados texto portaria 20 317. Respeitosos cumprimentos».

S. R.
Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos
É DITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Setúbal em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento de um ramal misto, a 30 kV, com 14 134 m. de apoio n.º 137 do ramal para Melides ao posto de transformação da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz, do Ministério da Justiça, na freguesia de Melides, no referido concelho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Fevereiro de 1964.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

S. R.
Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos
É DITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Setúbal em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento de uma modificação da linha aérea, dupla, a 30 kV, Cachofarra-Coina, sem alteração do traçado, com substituição e deslocação do seu apoio n.º 48 e ramal aéreo, a 30 kV, com 5693 m do apoio n.º 48 da linha dupla Cachofarra-Coina ao posto de seccionamento de Currallinhos, nas freguesias de S. Julião e Anunciada, no referido concelho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Fevereiro de 1964.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

DINHEIRO
TODAS AS MARCAS • TODAS AS SÉRIES
MENORES ENCARGOS • MAIORES PRAZOS
PREDIAL ROBREL
R. Barata Salgueiro, 15, 3. — Telef. 44602



Nos bastidores da emigração clandestina para França

(Continuação da 1.ª página)

rio das patrulhas são do seu conhecimento, como sabe também com antecedência das emboscadas que lhe foram preparadas. Possui, inclusive, a sua própria rede de espionagem: um lenhador, um pastor ou um caçador que lhes fazem sinais com fumo, tal como os «peles-vermelhas» nos filmes do Oeste.

Os seus homens conhecem, quase por instinto, os atalhos perdidos no interior das florestas, as pistas inextrincáveis por entre a imensidão dos castanheiros; todos os esconderijos da montanha, ravinas, grutas e ruínas lhes são familiares. Em Hendaya, Saint-Etienne de Baigorry ou Biarritou.

E os homens passam...

Num camião-frigorífico...

Depois, a viagem continua, sujeita aos azares da fortuna: em camiões de gado, em camiões-frigoríficos ou noutros veículos de carga. Tudo serve para levar os portugueses até Paris, até ás regiões do Norte e do Leste.

Ainda recentemente foi apanhado um camião-frigorífico em Mosela. Mas em lugar de carne, a carga eram 40 portugueses entrados clandestinamente em França... Marselha e a região provençal não têm interessado grandemente, até agora, aos traficantes de homens, pois as necessidades de mão-de-obra são menos imperiosas ali, do que em outras zonas industriais.

Aqueles que acabam por encalhar nas costas mediterrânicas, ao fim de penosas atribulações, são os pobres espertalhões, como o Francisco, que não quiseram passar pela «Organização». Sem carta de trabalho, nem relações, não conseguem colocar-se. Esgotados e desencorajados, só têm a esperança de encontrar seja que trabalho for no país, antes de deslizarem para bordo de um barco que os conduza de novo a casa...

Mas como os navios portugueses já não vêm, por assim dizer, a Marselha, só lhes resta o recurso, como ao infortunado Francisco, de ir apresentar-se á polícia do Serviço de Estrangeiros, para tentar comovê-los com o seu infortúnio...

As medidas de expulsão são raras

O comissário Colomb, chefe do Serviço de Estrangeiros do comando da Polícia, explica-me a situação em Marselha:

— Aqui, não há uma colónia portuguesa muito numerosa. Temos conhecimento de 350 pessoas, todas vindas com contrato de trabalho regularmente visado pelos Serviços Nacionais de Imigração. A maior parte trabalha na construção civil e na industria de serralharia. Na sua maior parte são bons operários.

— Mas também há clandestinos? — Sem dúvida, mas em pequeno numero. Chegam a Marselha depois de terem dado a volta á França sem encontrarem onde empregar-se quer por falta de relações, quer por falta de sorte. Estes são muito difíceis de fiscalizar. Vêm não se sabe de onde, albergam-se em casa de compatriotas, trabalham irregularmente nos portos, como estivadores suplementares, ou nos campos, como carregadores de camiões de legumes. Não os podemos «apanhar» a não ser durante as rondas nocturnas. Trazemo-los para aqui e, segundo o procedimento habitual, enviámo-los ao tribunal, onde são condenados a uma pena ligeira de prisão...

— São expulsos por ordem judicial? — Não, é a prefeitura que propõe a expulsão e o Ministério do Interior encarrega directamente a «gendarmérie» de os conduzir á fronteira. A boa fé desses portugueses comove-nos. Eles julgam que o seu bilhete de identidade nacional é suficiente para encontrarem trabalho em França. E é justo reconhecer que as autoridades policiais e ministeriais se mostram bastante indulgentes para eles. As ordens de expulsão são muito raras.

Adaptam-se rapidamente mas guardam a sua nacionalidade

O sr. António de Meneses Cordeiro, cônsul de Portugal em Marselha, que tem sob a sua jurisdição 30 000 compatriotas nas embocaduras do Ródano, do Vaucluse, do Var e nos Alpes-Marítimos, corrobora as declarações do comissário Colomb.

— Os portugueses admiram muito a França e têm grande facilidade para aprender francês. — disse-me. E por iso que eles emigram com

mais vontade para o vosso país. Talvez por isso, também, se deixem enredar pelos traficantes da mão-de-obra portuguesa. E quanto aos dissabores que possam encontrar certos dos meus compatriotas, devo reconhecer que as autoridades francesas dão mostras de uma grande compreensão humana, no que se refere aos imigrantes clandestinos. A mão-de-obra portuguesa é muito apreciada e a administração francesa muito raramente se recusa a dar uma situação legal aos portugueses que entram irregularmente em França, explorados á partida por gente sem classificação. Mas a verdade é que o grande tráfico de mão-de-obra não se verifica na região meridional, mas concentra-se no Norte. Alguns «clandestinos» apanhados pela Polícia não são mais do que destroços, atraídos pelo chamariz dos altos salários e batidos pelas tempestades da vida. Chegam a Marselha porque não sabem mais para onde ir. Há muitas histórias bonitas e muitas mentiras acerca de Marselha.

As pessoas imaginam muitas coisas e há quem julgue que a vida em Marselha é mais fácil de que em qualquer outro sítio... Então, os emigrantes desiludidos acorrem ali. E esses infelizes continuam a pensar que, neste momento, as autoridades francesas facilitam a entrada de mão-de-obra estrangeira. Ora, em lugar de se meterem em aventuras, esses imprudentes deviam dirigir-se aos consulados franceses, em Portugal! Para uma população de 10 milhões de habitantes, cerca de 200 000 portugueses trabalham em França. Mas estes raramente se naturalizam franceses, ficando fiéis ao seu País de origem. Basta ver os comboios cheios de portugueses que vão passar as festas ás suas terras. Os portugueses

adaptam-se rapidamente, falam francês em seis meses — principalmente no Sul onde o «patois» é aparentado com a nossa língua — mas conservam a nacionalidade.

PORTUGUESES EM FRANÇA

A propósito dos artigos de Jean Bazal sobre a emigração clandestina para França, que estamos a publicar, escreve-nos o rev. padre José Pedro, do Centro Paroquial de Assistência e Formação Social de Aldeia do Bispo. Depois de manifestar o seu agrado pelos referidos artigos, diz-nos que estará em França de 31 de Março a 4 de Abril próximos, para tentar organizar assistência religiosa e social para os emigrantes portugueses.

Pede-nos, por fim, que publiquemos o seu endereço na capital francesa, que é o seguinte: «Quatrième Congrès National de l'enseignement religieux — Parc des expositions — Porte de Versailles — Paris, XV» — France. O endereço permanente é em Medelim, Beira Baixa.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
EST. VALENTIM
DE CARVALHO, LDA.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA EDITAL N.º 28/64

Eu, António Vitorino França Borges, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

Faço saber, nos termos do artigo 359.º do Código Administrativo, que no dia 11 de Março de 1964, pelas 16 horas, terá lugar na 2.ª Repartição da D. S. F. — Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar, o concurso publico para a EMPREITADA N.º 73/64/GTH — CONSTRUÇÃO DAS RUAS C4, C5, C6 E C7 DA CELULA C — OLIVAIS-SUL (1.ª FASE).

(Processo n.º 35/64/CP/DSF)

A base de licitação é de 2.081.862\$00
O depósito provisório é de 52.047\$00

O depósito provisório é efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concurso para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal», n.º 7673 de 24/10/1960.

O concorrente deverá enviar a proposta pelo correio, sob registo, á Câmara Municipal de Lisboa — Direcção dos Serviços de Finanças, 2.ª Repartição — Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar —, por forma a ser recebida até á hora anunciada para a realização do concurso.

O processo do concurso encontra-se patente, na 2.ª Repartição da Direcção dos Serviços de Finanças, — Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar —, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas.

Aos sábados o processo do concurso só pode ser consultado das 9 ás 12 horas.

E, para geral conhecimento, se publica o presente Edital.
Paços do Concelho de Lisboa, em 13 de Fevereiro de 1964.

O PRESIDENTE
António Vitorino França Borges



BOLBOS DE HOLANDA

BEGÓNIAS
CANAS
DÁLÍAS
GLADIÓLOS
GLOXÍNIAS
LÍLIUM
PAEONIAS
ETC.

Catálogos grátis

Jardim Primavera
Rua Tomás Ribeiro, 91
Telef. 45209 — LISBOA

EXITO

teatro * cinema * rádio * televisão * teatro * cinema
teatro * cinema * rádio * televisão * teatro * cinema
teatro * cinema * rádio * televisão * teatro * cinema
teatro * cinema * rádio * televisão * teatro * cinema



ALAIN RESNAIS

Alain Resnais afirma: —Tenho um receio doentio da demagogia

Alain Resnais, conhecido por muitos como o cineasta da memória, apresentou no último ano o seu terceiro filme de fundo, «Muriel». A acção da película passa-se na primeira quinzena de Novembro de 1962, em Boulogne-sur-Mer: Hélène, mulher de 45 anos, vive ali com o genro que acabara de regressar da Argélia. Convida, então, Alphonse que ela amara há 18 anos, para ali aparecer.

Como Nicole Zand afirmou, recentemente, Resnais apresenta sempre nos seus filmes uma matéria viva, bruta, densa e desconcertante. Dos seus filmes, «Hiroshima mon amour», «L'année der-

nière a Marienbad» e «Muriel», agora, o público português apenas viu o segundo, estando-lhe, assim, vedado o conhecimento exacto da obra deste cineasta de grande mérito.

Sente-se nele uma consciência sempre á espregia, uma sensibilidade aguda, errante por todo o lado, uma dúvida que analisa a cada momento todos os nossos actos, pensamentos e convicções, e um medo obsessivo da demagogia, enfim, que lhe proíbe fazer-se passar por um porta-voz indicando o caminho a seguir. Por último, Alain Resnais possui, ainda, uma extraordinária honestidade para consigo próprio.

Tudo o que se pode escrever sobre ele e tudo o que ele próprio pode dizer, parece-lhe um exagero no que respeita aos seus filmes, ou até mesmo uma traição. É verdade, efectivamente, que um homem não pode fazer um filme onde se revela com todas as suas contradições e vir, «a posteriori», explicar o que apresentou dele próprio. Não se lhe pode exigir que seja maior do que o filme.

Assim, Resnais prefere refugiar-se por detrás das suas personagens a falar de si próprio.

Ora no que diz respeito a «Muriel» tem sido censurado, por vezes, de ter escolhido um mundo

(Continua na página central)



A famosa actriz Carmen Sevilla espera o seu primeiro filho para Julho próximo e, entretanto, vai-se treinando com uma boneca...

A DOBRAGEM

—o que é e o que representa

por N. C. COSTA

II — O problema artístico

A questão artística (que, repito, julgo ser a mais importante) é, sem dúvida, aquela que levanta mais argumentos desfavoráveis à dobragem; e, na realidade, com razão.

E' neste ponto que o processo de laboração de uma dobragem se torna mais imponderável, me-

nos exacto e onde a mesma se evidencia como um compromisso, ao fim e ao cabo, como uma adulteração, mais ou menos importante consoante o cuidado e a competência com que é feita e a cravada dramática e literária do texto original.

A dobragem, tal como a legendagem, é um meio. Um meio de tornar compreensível noutra língua, o diálogo original de um filme.

A dobragem, por definição, é a substituição integral da participação oral do intérprete. A dobragem imita o intérprete, pretendendo igualá-lo, noutra língua. E, em parte, uma alteração da obra inicial. Mas, atenção! Não é lícito analisar o problema por este ângulo. E não é lícito porque estamos a incorrer basilarmente num vício de raciocínio: não podemos considerar a dobragem em função da obra original.

Todos sabemos que o ideal é ver qualquer filme na versão original. Mas, na realidade, tal só pode acontecer à população do País em cuja língua esse filme foi feito. O que interessa e apenas o que é legítimo discutir é a dobragem comparativamente com outros meios de tradução do diálogo original, isto é, ao fim e ao cabo, comparativamente com a legendagem. E, evidentemente, partindo do princípio que ambas são executadas com o mesmo grau de cuidado e de competência.

1. — A legendagem resume o diálogo e o espectador é informado por leitura directa, neutra e muito rápida de uma parte do diálogo. Mesmo lendo rapidamente muitas vezes não consegue completar a leitura da legenda — ficando na ignorância do que é dito.

A dobragem reproduz, praticamente, a totalidade do diálogo, que o espectador apreende completamente, porque o ouve.

2. — A legendagem exige uma permanente atenção da vista sobre dois motivos diferentes (imagem e legenda) o que provoca um importante cansaço visual e mental. Como consequência torna mais difícil a compreensão do filme. Na dobragem a concentração visual faz-se exclusivamente



Arlène Dahl, vinda de Hollywood, chegou a Londres para discutir a sua participação num filme para que foi convidada. A actriz, ao ser descoberta pelos fotógrafos não se fez rogada e tomou a posição «natural» que vemos na gravura...

(Continua na página central)

Diário de Lisboa

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

A adaptação ao cinema do «Admirável Mundo Novo», do escritor inglês Aldous Huxley, é o novo projecto do produtor Samuel Bronston que, presentemente, prepara o filme «Battle of the Bulge», evocação da ofensiva alemã contra as forças aliadas, nos Ardenas, em 1914. «Battle of the Bulge» será filmado em França e no Luxemburgo, de acordo com o guião em que Philip Yord está a trabalhar.

O produtor Carlo Ponti, à sua partida de Nova York para Paris, declarou que ia iniciar as filmagens de uma película com o título «A Sétima Vítima», a ser rodada em Paris e em Brasília. Descreveu-a como um «filme futurista». Ponti esteve em Nova York

a fim de assistir à estreia do seu filme «Ontem, Hoje e Amanhã», interpretado por Marcello Mastroianni e Sophia Loren.

«Irmã la Douce», com Shirley MacClaine na protagonista, é o filme que conseguiu maiores lucros de bilheteira. A versão cinematográfica de Billy Wilder daquela peça francesa rendeu, nas suas primeiras 27 semanas de exibição nos Estados Unidos, a soma de nove milhões e meio de dólares — o que equivale a 275 500 contos — prevendo-se que venha a render um total de doze milhões de dólares no país e dezoito milhões em todo o Mundo.

As autoridades jugoslavas elaboraram, recentemente, um plano septenal que prevê a realização anual de 35 filmes de longa metragem e de 200 curtas metragens, a partir de 1970.

Serge Bourguignon, realizador do filme «Les dimanches de Ville — d'Avray» («Os domingos de Cibebe, entre nós») iniciou no passado dia 15, em Hollywood, a rodagem da sua segunda película de fundo, «Cassandra au mariage», com Nathalie Wood. Os exteriores serão filmados em Nova York e em Roma.

Sandra Milo e Fernandel são os protagonistas do filme «Le dé-foulé», de Jean Boyer, inspirado na peça de Jean-Bernard-Luc «Le complexe de Philémon».

Tony Richardson e John Osborne, realizador e argumentista, respectivamente, do grande êxito do cinema inglês «Tom Jones», vão produzir, em breve, uma nova versão colorida de «A Carga da Brigada Ligeira». Inspirando-se na trágica aventura de um regimento de cavalaria inglesa durante a guerra da Crimeia, que serviu de tema ao filme interpretado por Erroll Flynn, em 1936, Osborne, chefe de fila dos «Young angry men», prepara um argumento absolutamente original.

Glenn Ford terá o papel de um padre no filme «One for the Money», que será rodado no final deste ano, segundo um argumento de James Lee Barrett.

Declarações de Cláudia Cardinale em Londres

«Ao contrário do que se tem propagado, não interpretarei a personagem de Cármen, embora tal perspectiva muito me agradasse» — declarou a actriz italiana Cláudia Cardinale, presente em Londres para as últimas voltas de manivela da superprodução «O Circo», ao lado de John Wayne e de Rita Hayworth.

Convidada, numa entrevista, a dar a sua opinião sobre a versão norte-americana de «O Leopardo» — que suscitou viva polémica nos meios cinematográficos, tendo intervido, até, o próprio realizador, Luchino Visconti — Cláudia Cardinale respondeu: «É totalmente diferente da versão italo-francesa. As cores são horríveis, algumas cenas foram suprimidas, outras acrescentadas. Em resumo: Uma desilusão completa».

O realizador Alain Resnais não gosta de demagogias...

(Continuação da 1.ª página)

de pesadelo, por onde andam seres medíocres, «miseráveis»...

● Personagens «de passagem»

«O julgamento destinado a concluir-se se uma personagem é «miserável», ou não, é deveras complicado. Por mim — diz Alain Resnais — acho que um «miserável» é muito capaz de ter um destino que nos interesse. O que será condenável é ter compaixão, uma certa complacência por este tipo de personagens.

Nem Cayrol (autor do argumento) nem eu as consideramos e olhamos com superioridade: são personagens «de passagem», como diz Cayrol, elas têm a infelicidade de viver, equivocam-se muitas vezes, mas nós procuramos e vemos mais o seu lado bom, do que o seu lado banal.

A opinião de Cayrol e a minha é de que se nos abeiramos do destino de um ser humano seja ele qual for, isso é excelente. Mas tal não significa que tudo venha, então, a modificar-se e a simplificar-se. No cinema, as histórias não são coerentes e os sentimentos também não são simples!

«Alphonse conta e reconta as suas histórias: Hélène passa a vida a praticar actos falhados; Bernard, o genro recém-chegado da Argélia, reaviva constantemente a recordação daquilo que mais o marcou: a cena de tortura, para se sentir vivo; todos eles são «cyclothymiques». São como as algas que vão flutuando no mar até encontrarem um rochedo onde possam abrigar-se. O rochedo onde eles pretendem vir a instalar-se não pode ser senão um novo tipo de sociedade. Vive-se uma época de transição, de passagem: sente-se, vê-se, que a antiga está em vias de se perder e que a nova, na qual as pessoas que não são de excepção procuram abrigar-se, não é suficiente, não serve. Resta, portanto, uma boa vontade que se perde inaproveitada, ou uma boa vontade que se dilui. Bernard faz-me pensar num escorpião que se abastecerá ele próprio. Não sei se ele se suicida, depois do filme,

mas é inteiramente certo que numa situação que se lhe apresenta como ignóbil, ele não poderá, senão, afundar-se cada vez mais. Sim, pode ser que assim seja, porque aos vinte anos tem-se um pouco a vertigem da escuridão».

— Como em «Hiroshima mon amour» (1959) ou em «L'année dernière à Marienbad» (1961), em «Muriel», Alain Resnais trata também do peso e da importância da memória, mas junta-lhe, ainda, problemas contemporâneos (a tortura, a guerra) sem aceitar, por isso, o «engagement»...

— Isso verifica-se, talvez, porque eu tenho tal receio da demagogia, um tal temor doentio, que prefiro empregar o estilo elíptico?

Um dos meus objectivos, uma das coisas que me interessavam neste filme era mostrar como o horror, a violência, são gestos tão quotidianos e tão banais que o acto de disparar um revólver não exige, exteriormente, mais esforço e energia, do que descer uma escada, ou tirar uns botões de punho de uma gaveta; e que isso poderia passar-se com qualquer um de nós. É que há o costume de pensar-se que existe uma raça especial de desgraçados. É reconfortante.

● A cor, o cinema e a vida

— Porque é que, nos seus filmes, emprega cores suaves, muito esbatidas?

— A cor em «Muriel» não é mais esbatida do que na vida real, mas na vida real as pessoas esquecem-se de a ver tal como ela é; no cinema, a penumbra, o escuro da sala, modifica-a, exaltando-a e fazendo com que o público veja mais nitidamente a cor da vida de todos os dias. Há uma ideia feita que consiste em falar do «cinzento da vida quotidiana», da «pardacenta vida quotidiana». Reparem que tal não é verdade: há, á, nossa volta, muitas cores vivas às quais ninguém presta atenção.

«A ideia mais simples do cinema é a de filmar a cores. Lumière ou Edison jamais teriam pensado fazer um filme a preto e branco; eles concebiam o cinema sonoro, falado, colorido e em relevo.

«Em «Muriel», a cor corresponde a uma ambição de realismo; utilizar o sistema de preto e branco é já uma transposição, uma pesquisa artística muito importante. Utilizei a cor com a preocupação constante de não me servir dela dramaticamente, para, assim, ser fiel à simplicidade, talvez mesmo à banalidade da história.

— Porque é que as suas personagens são tão contraditórias?

— Pela mesma razão. Por uma preocupação de realismo. Diz-se que Hamlet é uma personagem cénica porque ele toma decisões. Em «Muriel» trata-se, igualmente, de fazer viver personagens que tomam decisões, mas que mudam frequentemente de opinião porque falam umas com as outras, discutem pontos de vista, porque as palavras não dizem tudo, porque por causa de um olhar, de um gesto, a conversação, o sentimento mudam inteiramente.

— O público merece-lhe pouco crédito dado que sempre se recusa a indicar-lhe, nos seus filmes, aquilo que pensa, realmente? Sendo o autor da obra, Alain Resnais nunca revela qual o lado para que se inclina. Porque é que se recusa a tomar partido?

● Um cinema de «testimulação»

— Creio que se pode descortinar e aceitar, ao lado do cinema militante, um cinema de *testimulação* (de que «Muriel» não é senão um esboço) onde não se afirma que os heróis são exemplares, sem mácula, mas onde o espectador possa e deva dizer: «No seu lugar, eu teria procedido doutra forma»; onde ele possa querer ajudar Bernard e dizer a Hélène que ela está errada.

«Tal como Alain Jessua afirmou, a propósito da sua película «La vie à l'envers»: será óptimo que o espectador, após ter visto o meu filme, possa dizer: «Eu não vejo, nem olho assim para a minha vida».

«Pessoas há que não viram em «Muriel», senão cinismo e perversidade, mas, no fim de contas, seremos nós assim tão diferentes de Alphonse, de Hélène, de Ernest, de Bernard?!

«Estou, sobretudo, ligado ao realismo: é preciso tentar, não dar lições, mas sim traduzir, apresentar, humildemente uma espécie de mau estar que me pareceu bem francês em 1962, uma parte de um certo mau estar.

«Não se tratava de, em hora e meia, apresentar um mapa da França. Acho sómente que as pessoas já não riem como anteriormente, que já não são basbaques e que foram ultrapassadas por um determinado tipo de acontecimentos acerca dos quais elas imaginam que não foram apanhadas por eles.

«Cayrol e eu, todos nós, não seremos mais «Alphonse» do que aquilo que pensamos?».

Um filme-ensaio das promessas francesas

O realizador Marc Allegret e o produtor Bernard Karsenty vão dar uma oportunidade a cada um de cinco jovens assistentes de realização que desejam lançar-se nos caminhos da direcção, com o filme «Des garçons et des filles». Trata-se de uma película em episódios que se passam na mesma noite e cujas histórias se entrecruzam.

Joël Moreau, Jean-Pierre Bastide, Maurice Pialá, Yves Boisset e Marceau Ginesi são os autores destas histórias de estilos bem diferentes, mas todas elas tratando do mesmo problema cadente: a juventude.

Além de «astros» famosos como Johnny Hallyday, Samy Frey, Jacques Charrier, Jean-Pierre Cassel e Nicole Berger, aparecerão, ainda, em «Des garçons et des filles», raparigas e rapazes desconhecidos que aspiram vir a ser futuras vedetas do cinema francês.

Será, pois, um filme de promessas, tanto no campo da realização como no da interpretação.



Rita Klein, jovem actriz italiana, é filha de um famoso actor austríaco e interpreta filmes desde os 17 anos, isto é, há três. Acaba de rodar, agora, «Via Veneto», onde tem um importante papel

Grande azáfama nos estúdios italianos

Prossegue muito activa a indústria cinematográfica romana, denominada a «Hollywood do Tibre». Entre os filmes actualmente em rodagem figuram «La Donna Scimmia» («A Mulher Macaco») e o primeiro filme a cores de Michelangelo Antonioni.

Em «La Donna Scimmia», a actriz francesa Annie Girardot desempenha um dos principais papéis, ao lado do grande cómico italiano Ugo Tognazzi. Annie faz o papel de uma mulher normal em tudo, excepto num pormenor: é completamente coberta de pêlos.

Uma das maiores produções do ano é «A Bíblia». Adão e Eva serão filmados nus mas, segundo o realizador John Huston, veterano de Hollywood, os dois figurantes que encarnarão tais personagens serão focados «discretamente, com gosto».

O realizador milanês Marco Ferreri encontra-se muito atarefado. Além das filmagens de «La Donna Scimmia» está a rodar a película «L'Uomo dai Cinque Paloni» («O homem dos cinco balões») com Marcello Mastroianni e a loura Catherine Spaak, que se separou há semanas do marido, o jovem actor italiano Fabrizio Capucci. A película, descrita como uma sátira, apresenta Mastroianni como um industrial eficiente, que verifica não poder reventar cinco balões de anúncio aos produtos das suas fábricas sem que tal gesto o leve à falência. Catherine Spaak é a noiva com quem Mastroianni procura esquecer o sentimento de frustração causado pela história dos balões.

● A primeira tentativa a cores de Michelangelo Antonioni

Quanto a Antonioni, este consagrado realizador apresenta Monica Vitti na sua primeira tentativa a cores, «Il Deserto Rosso» («O deserto vermelho»). O principal intérprete masculino é o irlandês Richard Harris, galardoado no último Festival de Cannes. Considerada um drama psicológico, esta película não deve abandonar o tema habitual de Antonioni, da alienação entre indivíduos, embora contenha mais acção do que a trilogia «A Aventura», «A Noite» e «O Eclipse».

Ingrid Bergman e Anthony Quinn acabaram as filmagens na Cinecittà da película «The lady's revenge», baseada na peça de Frederic Durrenmatt «A visita da velha senhora». A peça conta a história da mais rica mulher do mundo que regressa à sua terra



Os Beatles voaram de Londres para Nova York. No mesmo dia, chegaram à capital britânica os «Crystals», para uma digressão artística de seis semanas pela Inglaterra. As raparigas de Brooklyn são, da esquerda para a direita: Barbara Alston (20 anos), Lala Brooks (18), Dede Kenniebrew (19) e Fran Collins (19).



Esta jovem inglesa de 18 anos chama-se Rita Tushingham, Colin Campbell e Jill, nos intervalos dos filmes. O seu sonho é tornar-se, não actriz

O PROBLEMA ARTÍSTICO DA DOBRAGEM

(Continuação da 1.ª página)

sobre a imagem, sem nenhum dos inconvenientes da legendagem.

3.ª — A legendagem desvia inteiramente, sempre que surge a legenda, a observação do espectador para fora do campo da imagem, isto é, do filme propriamente dito — muitas vezes durante grande parte da duração dos planos e, normalmente, quando maior atenção o espectador deveria concentrar na cena.

A dobragem não obriga a observação do espectador a ficar desatenta, em qualquer momento, da cena projectada na tela, isto é, do filme propriamente dito.

4.ª — A legenda provoca constantes e abruptas interrupções no decorrer da observação do filme. Se é certo que a dobragem é incapaz de dar exactamente a caracteristica da interpretação do diálogo original, não é menos certo que a legendagem impede, grandemente, a apreciação dessa mesma característica, pela simples razão de que enquanto se está a ler, dificilmente se dá atenção à palavra do intérprete. Isto é: de uma forma ou de outra a interpretação original do diálogo praticamente se perde. Sem deixarmos de reconhecer, no entanto, que, na dobragem, essa interpretação desaparece por completo.

Com a diferença de que, com as legendas, igualmente se perde grande parte da observação da imagem, isto é, do filme em si — o que se me afigura ser mais grave. Na dobragem tal não sucede.

Um outro aspecto do problema artístico é vulgarmente ventilado quando se fala de dobragem: refiro-me à actuação dos elementos que executam a dobragem, quer dizer, aqueles a que se chama vulgarmente «artistas dobradores».

Tenho constatado que a maior parte das pessoas têm ideias um tanto falsas acerca deste assunto.

É costume ouvir-se: «Que horror! Ver o Paul Newman com a voz de fulano (um locutor da nossa Rádio ou um actor de teatro, conhecidos do grande público)». Há aqui um equívoco.

Nos países onde a dobragem é uma prática corrente, os artistas

dobradore não são, por norma, locutores, actores ou quaisquer pessoas cuja voz seja identificada pelo publico com elas próprias. O artista dobrador é... artista dobrador, tal como os locutores são locutores e não são actores nem os actores, locutores.

A dobragem é um trabalho com características específicas, que exige profissionais especializados e escolhidos.

O artista dobrador não fala (como um locutor de rádio ou TV) nem declama (como um actor de teatro).

O artista dobrador é, antes de mais nada, um imitador, já não tanto do timbre da voz do intérprete mas, principalmente, do seu

comportamento dramático ou cómico. O artista dobrador não tem que ter «personalidade vocal», como um locutor de rádio ou um actor de teatro.

Além disso deverá reunir mais as seguintes qualidades: ter reflexos rápidos, voz maleável, sentido de imitação, dicção natural e expressiva e saber situar-se dentro dos problemas da personagem do filme, compreendendo-os. Poderão perguntar-me: — e onde arranjar esses artistas dobradores?

Entre nós, como em qualquer lado se faz. Poderá ser mais ou menos difícil, mas certamente que é possível. E para isso existem processos perfeitamente conhecidos e praticáveis.

Os nomes de que se fala para os «Oscars» de Hollywood

MUITO embora falem ainda bastantes dias até ser feita a escolha e a proclamação dos vencedores dos «Oscars» da Academia de Hollywood, relativos aos filmes e intérpretes do ultimo ano, começam a fazer-se conjecturas sobre os possíveis galardoados e os candidatos mais categorizados.

Nunca como agora, desde que a Academia de Hollywood instituiu, há 37 anos, a atribuição dos «Oscars», apareceram tantos concorrentes com probabilidades de receber o galardão nas diversas modalidades previstas.

Assim, nas modalidades de interpretação e realização as candidaturas, pelo seu equilíbrio, prestam-se a especulações. No entanto, os festivais e outros certames, organizados pelas revistas da especialidade ou entidades nacionais, permitem já avaliar possibilidades e estabelecer previsões.

Em Hollywood, também não deve esquecer-se que o factor sentimento influi sempre com o seu peso, que não é pequeno, na votação final.

Das cinco películas a serem escolhidas no dia 24 de Fevereiro apresentam-se como favoritas «Tom Jones», «América, América», «Oito e meios», «Lillies of the field» e «O Cardeal». Outros possíveis candidatos: «Winter lights», «Cleopatra», «How the west was won» e «A grande evasão».

O «Oscar» para a melhor actriz deve ser atribuído a uma das seguintes intérpretes: Patricia Neal («Hud», o mais selvagem entre mil), Poly Bergen («The Caretakers»), Leslie Caron («The L-shaped room», «O quarto em forma de L»), Romy Schneider («O Cardeal»), e Rachel Roberts («This sporting life»).

Patricia Neal apresenta-se com muitas possibilidades, depois de ser eleita «a melhor actriz do ano» pelos críticos de Nova York.

Bárbara Rush («Come blow your horn»), Claire Bloom («The haunting»), e Natalie Wood («Love with the proper stranger»), são outros nomes de que se fala.

Quanto ao «Oscar» para o melhor actor, a opinião está menos dividida, convergindo os rumores sobre o nome de Albert Finney pela sua interpretação em «Tom Jones».

Entre os outros possíveis candidatos as preferências vão para Marcello Mastroiani («Oito e meios»), Paul Newman («Hud»), Sidney Poitier («Lillies of the field»), Rex Harrison («Cleopatra»), Steve McQueen («A grande evasão»), Richard Harris («This sporting life»), Gregory Peck («Captain Newman, M. D.»), e James Stewart («How the west was won»).

No grupo dos realizadores, fala-se dos nomes de Tony Richardson («Tom Jones»), Martin Ritt («Hud»), Federico Fellini («Oito e meios»), Peter Brooks («Lord of the flies») e Elia Kazan («América, América»).

Outros realizadores que podem ser galardoados são: Stanley Kramer («This a mad, mad, mad, mad world»), Otto Preminger («O Cardeal») e John Sturges («A grande evasão»).

Para o melhor papel secundário feminino, são citadas com iguais possibilidades as atrizes Joyce Redman e Edith Evan, ambas pelas suas interpretações em «Tom

Jones», referindo-se, igualmente, os nomes de Cecilie Courtneidge («The L-shaped room»), Margaret Rutherford («The Vips»), «Hotel Internacional», e Linda Marsh («América, América»).

O vencedor do «Oscar» para o melhor actor secundário deve ser um dos seguintes candidatos: Nick Adams («Twilight of honor»), Melvin Douglas («Hud»), High Griffith («Tom Jones»), John Huston («O Cardeal») e Donald Pleasance («A grande evasão»).

E' curioso notar o grande numero de candidatos europeus para os «Oscars» deste ano e a posição de destaque que lhes é dada, em competição com os «possíveis» americanos...

Menos público nos espectáculos portugueses (em 1962)

De acordo com os resultados publicados pelo Instituto Nacional de Estatística, verifica-se que no ano de 1962 houve uma diminuição de 647 000 espectadores nos espectáculos publicos (num total de 2 772 000 espectadores), em relação ao ano anterior.

A contribuição do cinema para esta crise cifrou-se em mais de meio milhão de espectadores, apesar de um aumento de 1453 sessões. A média de espectadores por sessão, que em 1957 atingia 352, teve em 1962 o índice de 310, o que representa uma substancial diferença, que atinge todos os meios e não só a Província, como se supunha. Também nas cidades de Lisboa e Porto essa crise se manifestou.

O numero de recintos utilizados pelo cinema foi de 500, assim divididos segundo a lotação:

Até 300 lugares	97
De 301 a 500 lugares	162
De 501 a 1000 lugares	163
Mais de 1000 lugares	76

O preço médio dos lugares atingiu no Continente e nas Ilhas Adjacentes 9\$20 e 5\$00, respectivamente, tendo sido o distrito de Bragança aquele onde se realizou o menor numero de sessões e o distrito de Faro, como aliás é habitual, onde se registou a melhor média de espectadores — 417, seguido de Coimbra, com 383.

Depois do Cinema, foi o Circo a actividade mais afectada, visto ter sofrido uma baixa de 117 000 assistentes.

Das restantes modalidades, a rubrica denominada «Variedades» registou um ligeiro aumento, e as de «Touradas» e «Diversos», apesar dos numeros positivos que registam no confronto dos 6 anos, diminuíam em relação a 1961, respectivamente, de 6000 e 18 000 espectadores.

De assinalar que nas Ilhas Adjacentes, onde não existe televisão, se mantém uma ligeira e gradual subida nas assistências, que de 1961 para 1962, se cifrou em 37 000 espectadores.



GEORGIA MOLL — Rapariga gentil e acolhedora, interpretou já vários filmes, entre os quais «Um Americano Tranquilo» e «Laura Nuda». Já esteve em Portugal e gosta do nosso País. Tal como Wolff, acha Sines um local muito bonito, parecendo-lhe que o filme não pretende ser mais do que uma comédia divertida, cheia de fantasia



FRANK WOLFF — Americano de ascendência germânica, exuberante como um latino, interpretou já cerca de 30 filmes, sendo os mais importantes «Salvatore Giuliano», de Francesco Rosi; «América-América», de Elia Kazan, e «O Processo de Verona», de Carlo Lizzani, em que encarna a figura de Clano, condenado á morte pelo próprio sogro. Foi a primeira vez que esteve em Portugal

Um «negócio tranquilo» na vila de Sines

Técnicos e artistas de doze nacionalidades diferentes têm estado em Sines a filmar os exteriores de «A Quiet Business», uma produção da «Compan Films», com sede em Lausanne, mas em que estão interessados capitais de vários países. É um «negócio tranquilo» inspirado num conto de Guy de Maupassant e que veio desaguar a Sines, não por exigências da história, mas, exactamente, em busca de um local apropriado, tranquilo, onde não fossem levantadas dificuldades ao trabalho desta equipa de ocasião. Tal como a protagonista da história, também os produtores buscaram em Sines um «negócio tranquilo»...

O realizador deste tranquilo «negócio» é o americano Mel Welles, um ilustre desconhecido, enquanto do elenco fazem parte alguns nomes de certo prestígio e dois portugueses: Oscar Acurcio e Nicolau Breyner. Entre os estrangeiros contam-se Frank Wolff, Georgia Moll, Ed Ran-

dolph, Sarah Brackett, Dawn Brookes, etc.

Uma coisa tem de reconhecer-se: todos trabalham com grande espírito de sacrifício para que o plano de filmagens em Sines (que no filme será o posto de pescadores «Marinella») não ultrapasse o prazo previsto — mês e meio.

CINEMATECA NACIONAL

Livros entrados no mês de Dezembro:

«Film — Ritorno Alla Realtá Fisica», Siegfried Kracauer; «Histoire d'un Genre Dramatique», Michel Lioure; «Charles Chaplin»; «Courts Metrages Bulgares»; «Ufa Und Der Frühe Deutsche Film», H. P. Manz; «Un Chien Andalou»; «Screen World 1962», Daniel Blum's; «Landrou», Françoise Sagan e Claude Chabrol; «Bilanz der Traumfabrik — Kritische Randnotizen Zur Geschichte des Films», Hans Hellmut Kirst; «Federico Fellini», Gilbert Salachas; «Joseph Losey», Christian Leduc e «Roger Vadim», «Maurice Frydland».

EXITO

TERÇA-FEIRA, 18 DE FEVEREIRO DE 1964



A dramática expressão de Simone Signoret marca uma das últimas cenas do filme «O Dia e a Hora», realização de René Clement, que o Monumental mantém com êxito no seu cartaz.

A lição de Signoret



O talento de Simone Signoret coloca-se uma vez mais aos olhos do espectador no filme de René Clement que o cinema Monumental mantém em cartaz.

A talentosa artista francesa dá uma magnífica lição de representar em «O Dia e a Hora», obra que

além da assinatura de Clement possui diálogos do conhecido escritor Roger Vaillant.

Não se trata de mais um filme sobre a resistência francesa ao invasor alemão, mas sim, da história de um encontro — a história do dia e da hora desse encontro, em que uma mulher toma consciência das suas responsabilidades e passa de um sistemático «não» para um «sim» positivo em que a sua vida entra em jogo.

A esplêndida realização de René Clement (com as notáveis seqüências da gare do Metro e da viagem no comboio) vem juntar-se um grupo de actores magníficos que fazem de «O Dia e a Hora» um filme recomendável: Simone Signoret, Stuart Whitman, Geneviève Page, Michel Piccoli e outros.

Esta nova obra de Clement é dominada pelo «suspense», pela análise psicológica dos seus personagens e pela história de amor. «O Dia e a Hora» deve assinalar-se como um magnífico filme desta época.

Lendas das estepes



Está escrito nas lendas das estepes como o renegado filho de Taras Bulba se refugiou em Dubno — a cidade sitiada — para ali derrotar os exércitos de duas nações. Foi Nicolau Gogol, o grande escritor russo, quem escreveu a história da revolta dos cossacos

contra os polacos, durante o século XVI. Foi este belo tema que J. Lee Thompson escolheu, para realizar a super-produção «Taras Bulba» que o cinema S. Jorge vai estreiar esta semana.

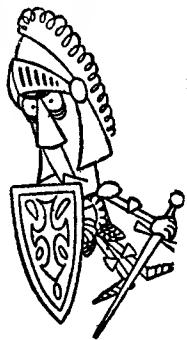
Precedido duma notável carreira em todo o mundo, «Taras Bulba» chega finalmente a Lisboa para continuar a bater todos os «records» de bilheteira.

Admiravelmente desempenhado por Tony Curtis (no papel de Andrei Bulba) e por Yul Brynner (Taras Bulba), o filme revela ainda um espantoso «cast» de segundos planos, onde salientamos a bela Christine Kaufman, a jovem actriz de 17 anos que já conta uma bela carreira em Itália, Alemanha e América do Norte.

«Taras Bulba», tem todos os predicados de uma grande produção: batalhas, duelos, a beleza da estepes, o ar aguerrido dos cossacos, e uma história de amor. «Taras Bulba» vai decerto atrair o público lisboeta, durante muitas semanas, ao cinema S. Jorge, que não se poupa a esforços para manter o elevado nível da sua programação.

OS FILMES da semana

Roma volta ao cinema



Extraído do romance, mundialmente famoso, «The Gladiator», de Gastad Green, o cinema oferece-nos mais uma das suas epopeias baseadas nas relações entre Romanos e os povos submetidos ao seu jugo opressor. «O Império Romano», o filme que o Condes estreia

esta semana, reporta-se ao fim do primeiro século da era cristã, precisamente na época da dilatação do Império Romano, quando algumas cidades, então aliadas de Roma, se rebelaram contra a sua opressão. Embora o rigor histórico seja de menor interesse, num filme como este, a verdade é que «O Império Romano» procura integrar-se no clima da época, destacando-se dos filmes do seu género, pelas sugestões cheias de realismo, que atingem o auge com alguns quadros emocionantes de sangrentos combates nas arenas dos circos.

«O Império Romano» conta, entre os seus intérpretes, com uma das mais belas mulheres do cinema italiano: Rossana Podestá. Destacam-se ainda Lang Jeffries e Philippe Leroy. Um filme que o público do cinema Condes não deixará de ver e recomendar.



Rossana Podestá e Lang Jeffries numa cena de «O Império Romano» que o Condes estreia esta semana. Os povos submetidos ao jugo de Roma revoltam-se contra o opressor, é este o tema do filme que o público vai ter oportunidade de ver na acolhedora sala dos Restauradores

O êxito do cinema português



O cinema português parece que levanta finalmente a cabeça. «9 rapazes e 1 cão» entra amanhã, triunfalmente, em quarta semana, provando, uma vez mais, que o nosso público não procura filmes de pretensos intelectualismos. Agradecemos a história simples e humana da gente humilde; história com que se identifique, sem ser obrigado a especular com aspectos recônditos de naturezas complexas. O nosso público gosta de ver filmes que o façam rir ou chorar mas com simplicidade, com problemas humanos. «9 rapazes e 1 cão» é, precisamente, a história de um grupo de garotos, para quem a solidariedade deixou de ser uma simples palavra, para se tornar um sentimento co-

lectivo, bem definido. Constantino Esteves realizou, com mão segura, este argumento de Aníbal Nazare e Paulo da Fonseca.

«9 rapazes e 1 cão» reúne um grupo de grandes actores, com destaque especial para Leonia Mendes e Alves da Cunha, nos consagrados: e Fernando Figueiredo e Milla Ribeiro, nas estreantes. Pereira Neto tem uma notável interpretação no pequeno Pedrito, o que vem confirmar as grandes esperanças postas neste actor de palmo e meio. «Faruscos», o belo exemplar de «pastor alemão», continua a ser, no entanto, a vedeta do filme.

RENÉ CLEMENT E A GUERRA

A propósito do seu recente filme «Le Jour et l'Heure» estreado agora em Lisboa, afirmou o realizador René Clement: «Com a «Batalha do Rail», «Os Malditos» e «Brincadeiras Proibidas» compus um triptico sobre a guerra. O meu problema em «O Dia e a Hora» não era o de falar na guerra, mas somente, servir-me do seu ambiente e da atmosfera dessa época em que os acontecimentos forjavam e, sobretudo, revelavam caracteres».



Fernanda Figueiredo, a talentosa estreante de «9 rapazes e 1 cão», contracenando aqui com um veterano já consagrado: Rui Furtado. O Odeon continua a exhibir aquele notável filme em «matinéas» diárias para maiores de seis anos



Costa Ferreira e Eva Tudor, um português e uma brasileira, vedetas dos nossos palcos, têm um notável desempenho em «Pão, Amor e... Totobola», que entra triunfalmente em 5.ª semana no Eden. O cinema português está de parabéns por mais este grande êxito

O filme das treze vedetas

É em ambiente perfeitamente familiar, com que imediatamente nos identificamos — uma quinta na margem sul do Tejo —, que se desenrola a história do filme «Os Sorrisos do Destino», presente-mente em exibição no cinema Império. Ainda mais identificados ficamos pela maneira simples como nos são contados os problemas dum grupo de amigos que vem passar um fim de semana a Portugal.

Pierre Kast dirigiu, com grande segurança, um grupo de treze actores entre os quais destacamos Francisco Arnould, Catherine Deneuve, Françoise Brion, Jean Pierre Aumont, Michel Auclair, Jean Marc Bory e Doniol Valcroze, alguns dos quais «monstros sagrados» do moderno cinema francês. A escolha dos ambientes foi também extraordinariamente cuidada: a quinta de Azeitão aparece-nos com toda a sua grandiosidade e beleza.

Cunha Telles e Clara d'Ovar — produtores deste filme — têm tentado não só fazer do cinema português um cinema a sério, mas também tornar o nosso País como centro de atracção para produtores e realizadores estrangeiros. É o caso de «Os Sorrisos do Destino»: Pierre Kast ficou fascinado com a paisagem portuguesa e aqui veio realizar um dos seus melhores filmes.

Dos complementos destacamos a notável curta-metragem «A Caça» de Manuel de Oliveira. O autor de «Aniki-Bóbó» continua a ser um caso à parte em toda a cinematografia portuguesa.

O Império estabeleceu uma inovação no seu ritmo habitual de espectáculos. Assim, o público interessado na obra do realizador francês Pierre Kast, poderá assistir às 18 e 30 ao seu anterior filme «Uma Portuguesa em Paris» (Natércia)

que, desta forma, tem uma estreia original.

No primeiro papel temos a portuguesa Clara d'Ovar, que com Pierre Vaneck, Alexandra Stewart e Françoise Prévost, são os principais protagonistas deste tão discutido filme de Kast.

Portanto, dois filmes em estreia simultânea na grande sala da Alameda: à tarde «Uma Portuguesa em Paris», à noite «Os Sorrisos do Destino».



Sean Flynn é o brilhante continuador de um estilo em que seu pai, o malogrado Errol Flynn, foi mestre. Ei-lo numa movimentada cena do filme «Duelo no Rio Grande», que o Politeama vai estreiar esta semana

Filho de peixe



«O Rei morreu. Viva o Rei!» O filho do rei parece disposto a continuar o reinado do pai. Referimo-nos a Sean Flynn, filho do malogrado Errol Flynn, que resolveu preencher a vaga que seu pai deixou no cinema americano, quando deixou de interpretar papéis como «Robin dos Bosques», «O Gavião dos Mares» ou «O Capitão Blood». Sean Flynn não pretende imitar um estilo já consagrado, embora mantenha a tradição do herói aventureiro, ágil, impertinente e inderrotável.

Cabe ao Politeama a honra de apresentar, pela primeira vez, este actor em Portugal, no filme «Duelo no Rio Grande», que esta semana se estreia na sala daquele cinema. A acção passa-se no México do século passado onde a opressão de meia dúzia de tiranetes, origina revoluções quase diárias.

«Duelo no Rio Grande» conta ainda com a presença do notável actor italiano Folco Lulli, e a beleza fascinante de Danielle de Metz. Filme que decerto vai atrair o público ao Politeama para ver Sean Flynn, onde, por curiosa coincidência, o pai teve tantas noites de êxito.

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

Crítica à Crítica de Cinema

«Post-Scriptum» a uma carta de Joel Gois

por J. SILVA MELO

Amigos,
Aquilo que Joel Gois disse é de extrema importância, e é mesmo inegável, o que é muito triste.

Mas, já que ele tratou tão bem do assunto eu gostaria de abordar um que não tocou. Posso?

Ora, com licença. Agradecia aos críticos (passados e presentes) que fizessem um pe-

queno exame de consciência. Um exame de consciência, um exame crítico das vossas críticas à luz do seguinte: o que é que as vossas críticas têm de «cinematográfico»? Qual será, desse modo a diferença entre isso e uma crítica literária?

Eu tenho a impressão que, se não fosse o título, sempre retumbante como «de novo sobre Il Gattopardo», «O Leopardo em Foco», etc., etc., e pelo aparecimento nesses mesmos artigos de nomes de cinema como Bergman, Shindo, Antonioni, Bourguignon Rocha, etc., etc., etc., se poderia, licitamente duvidar do que se está a falar. Porque aquilo que a nossa amiga Inácia Dias disse do «Eclipse»-filme podê-lo-ia ter dito do «Eclipse»-romance, do «Eclipse»-conto, do «Eclipse»-ópera, tragédia ou comédia, não? Eu tenho a impressão que sim, e isso é tirar liberdade (esse pássaro que se for capturado morre), ao cinema. Isso é, perdoem-me, matar o cinema.

O que é que, da crítica do Vaz Coelho-Costa Gomes sobre «Il Gattopardo» nos pode conduzir à certeza de que se fala de uma obra-prima? Não seria

(Continua na última página)

Ninguém lhe dava a idade que tinha

Ele tinha ainda o mesmo sorriso tímido de menino doente, a espreita da janela o joda cabra-cega. Também, nunca se fizera homem... Quem lhe dava os vinte e tal anos? Baixo, amarelado, de olhos mortuários e boca descalda, um Zé-ninguém que qualquer garoto podia vencer numa luta de punhos. As vezes, quando estava calado, saía-lhe um soluço que ele disfarçava em falta de cor. Ela conhecia-o bem e gostava dele mesmo assim. E agora terem de separar-se! Era a primeira vez; tinham tudo para dizer e continuavam de pé calados a olhar para os outros.

E ainda por cima aquela chuva irritante, que os obrigava a segurar os chapéus-de-chuva. Nem sequer se podiam abraçar. Ela ainda pensou em largar o

Ela ficou sózinha no cais, de chapéu de chuva aberto, sem dizer nada, porque sabia que mesmo perto não se encontrariam nunca.

por ANA CRISTINA GUEDES-CAMPOS

chapéu e abraçá-lo, mas já o conhecia. Iria olhá-la com um sorriso de reprovação e dizer-lhe que tivesse termos, que todas as pessoas os estavam a olhar. E, no entanto, ela sabia que ele gostaria de fazer o mesmo. Mas as mãos de ambos continuavam a segurar os chapéus, porque continuava a chover.

Tinham dito tanta coisa em casa, mas nada fora importante. As palavras verdadeiras ficavam amarradas ao coração como a corda que prendia o barco ao cais. E eles continuavam à espera da tempestade que fizesse soltar a amarra.

Parara de chover, mas eles continuavam a segurar os chapéus, porque não queriam as mãos livres.

Ficaram os dois calados muito tempo à espera que algum dissesse o que ambos precisavam, até que se ouviu um som estridente de sirene. Ele fechou o guarda-chuva muito devagar, mais devagar do que seria necessário.

«Adeus, Mãe.»



GUACHO DE PEDRO (14 ANOS)

variações em chuva...

A chuva cai. É cinzenta, pesada e opaca. Tapa-me o Tejo, molha-me, embacia-me os olhos. Torna o caminho mais comprido, e enche as ruas de cogumelos coloridos ou pretos, sob os quais se somem as pessoas. Choco com gente e com água, flutua na minha gabardina humedecida que me embaraça os movimentos. Detesto tudo. Gente, água, gabardina, eu própria. E a chuva, miudinha e morna, indeterminada e interminável, continua.

Aos poucos, a rua despovoase, sob uma enorme chuvada. A cidade brilha, nos seus pavimentos molhados. Apenas táxis e eléctricos apressados a disputam. O Tejo salpicado na sua integridade, voga lá em baixo. invade-me uma estranha

calma, uma quase alegria. Desaperto a gabardina. A chuva banha-me a cara, rola como se fossem lágrimas, poupando-me o trabalho de chorar.

Por
DIANA ANDRINGA

Sob os portais, as pessoas escondidas, olham-me, com furia, esperando o Sol. Olham-me, com espanto, pelo meu ar de criança satisfeita.

E a chuva, cinzenta, clara, transparente, leve, lavou-me o espírito, lavou a cidade. Trouxe de novo a claridade. Sacudo-me, feliz como um cãozinho de água, enquanto o resto do mundo espera, cobardemente, nos portais.

PERSPECTIVAS POÉTICAS MOÇAMBICANAS

Os terreiros tornam-se imponentes e diminutos. Nuvens de poeta, sacudindo catanga e maticanhas no ar pesado e escaldante. Os timbaleiros correm apressados e freneticamente as «teclas» da marimba.

As ancas dos dancarinos, batuqueiros de guerra, moços imberbes por vezes, comovem-se na cadência do mshao. Os escudos entrechocam. As lanças redopiam, as tangas, os guisos,

as latas levantam um barulho infernal.

Em volta, as mamas e mufanas saudosas cantam os versos do mshao, que um mestre

contributo
machope
MSAHO—

significado
e
características

negro numa noite convidativa compôs.

A multidão vibra.

Eis o quadro!

O mshao é uma extensa dança, ritmo e poesia. Embora de semelhanças estreitas com o

Por
NUNO REBOCHO

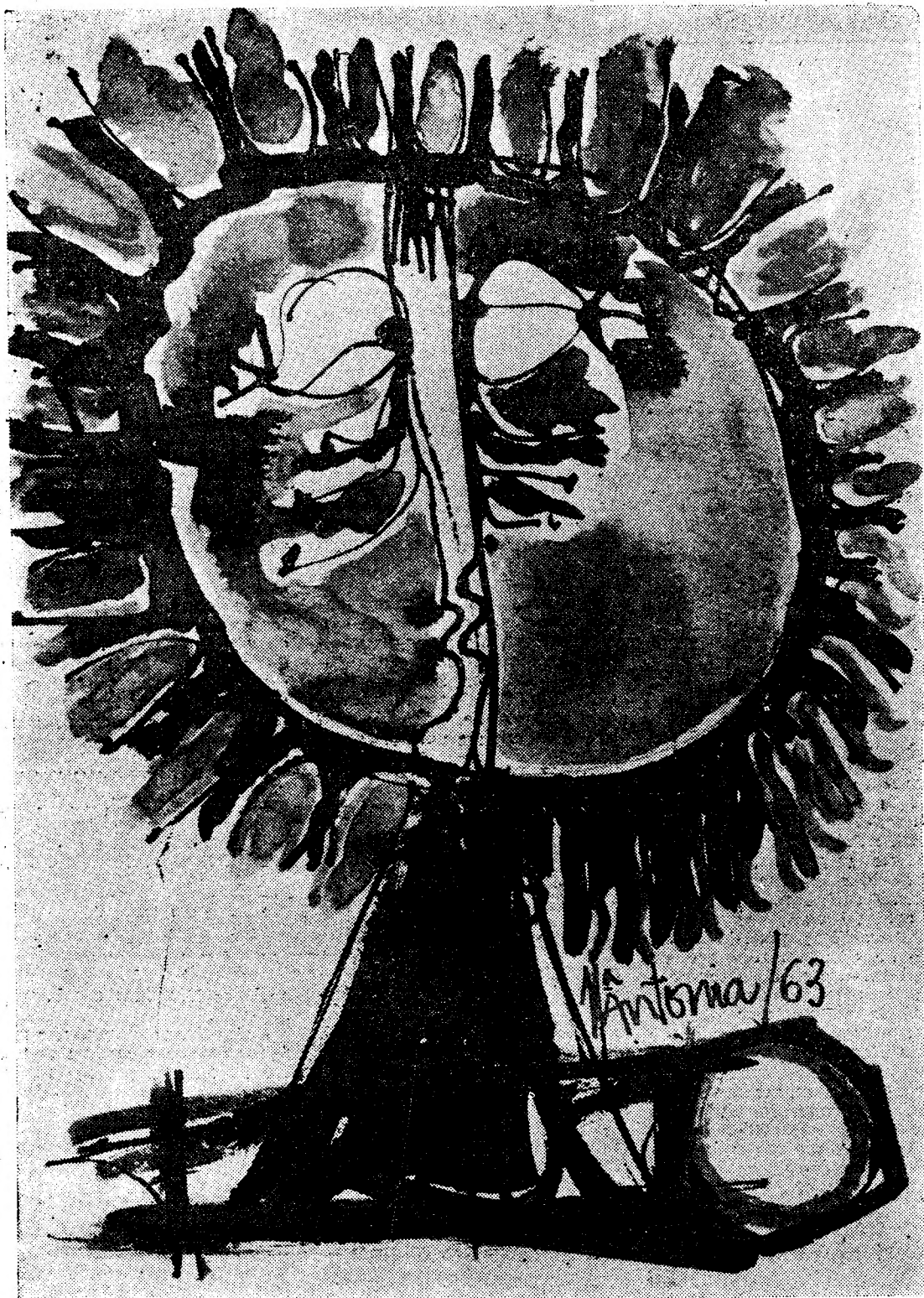
vulgar batuque circunvizinho e com a Kwela bantu, o mshao é regional—só o machope o canta nas terras da Zavala, ou nos

(Continua na 3.ª página)

Manos

Manos finas, pálidas.
Manos frias, solas,
suspendidas en el aire
en actitud indecisa.
Manos finas,
cruelles o divinas.
Manos de poeta
de loco de artista
Manos incomprendidas,
vagando vacilantes
por una atmosfera perdida.
Manos sin calor.
Manos suplicando amor.
Manos que se retuerzen
com desesperación.

Marisa Quintia Barreiro



Saudades para ti, Maria João Quaresma

ANTÓNIA/63

CINCO CARTAS DEZ TOSTÕES

A voz dos empregados ergue-se de quando, em quando sobre o marulho indistinto e confuso da sala. Aqui e ali sobressai um rir mais aberto, distingue-se um arrastar de cadeira, percebe-se um tinir de copos sobre o fundo grave do rumor incessante. Um «café» de Lisboa, igual a tantos outros. A minha direita um senhor bem vestido afirma gratuitamente o elevado nível futebolístico do clube de que é adepto, opinião imediatamente, e de modo não menos gratuito contestada por um companheiro, talvez simpáti-

zante de clube diverso. Em frente, duas cadeiras mesmo agora vagas, são ocupadas por um jovem casal. Namorados, talvez. Fixam-se os olhares, apertam-se as mãos. Sorriem por fim. Para a esquerda, a cabeça do «graxa» confunde-se entre a multidão dos joelhos. Um pé que se eleva — um sapato que toma a posição de receber o brilho que o seu possuidor ostentará depois. À direita, a discussão ganha calor.

— Cinco cartas — dez tostões...

Uma parcela do frio exterior penetra na sala. Débil, xalle a emoldurar o busto frágil, a mulher das cartas entra no «café» em passo normal, que progressivamente vai retardando, à medida que se aproxima do extremo da sala. Das mãos, roxas do frio, ressalta a branquidão do papel de escrever. De

novo faz ouvir o pregão, espreitando naquele mar de cabeças o rosto de um eventual cliente. Ninguém atende. Tudo permanece insensível ao seu apelo comercial.

Na face nem um leve traço lhe altera a expressão. Certamente já o hábito de não vender lhe propiciou aquela forma estoica de suportar a falta de negócio. Devagar, muito devagar, inicia o caminho de regresso. O xalle preto, remendado nas costas, sugere-me uma noite sem luz, um estômago sem pão. Vi-a caminhar para a porta e tentei surpreender-lhe os pensamentos. Adivinhei nela a consciência amarga do seu abandono. Imaginei-a com uma aversão surda por aquela gente que nem sequer notou a sua presença. Senti avolumar-se-lhe a revolta da fome acumulada de pão que lhe não cabe. Imaginei-a a sufocar palavras mordazes, a reprimir frases de despeito e inconformidade.

Próxima da porta, fez-se então ouvir... em tom de nítida simpatia:

— Boa noite a todos.

★
Diluídas na noite, geladas do frio, chegaram de novo até mim as palavras que o vento espalhava:

— Cinco cartas — dez tostões...

A. CARDOSO

esperança

EU CANTO UMA CANÇÃO
ÀS PEDRAS E AO LUAR,
AO CLARO SOL NASCENTE
E AO DOCE ABRIL SEM MAR.
AO RISO DA CRIANÇA
DE BIBE E COLA PRETA,
E AOS GRITOS ABAFADOS
QUE MORREM
NA GARGANTA DO POETA.
EU CANTO UMA CANÇÃO
(ACASO A OUVIU ALGUÉM?)
AOS CASTOS LÍRIOS BRANCOS
QUE ESCORREM
PELOS MONTES DE NINGUÉM,
E AOS RIOS DE ESPERANÇA
SÁ E DURADOIRA,
QUE VENCEM OBSTACULOS IMOVÍVEIS
NAQUELE PAÍS
QUE OS SÁBIOS NÃO CONHECEM,
E ONDE NASCEM OS SONHOS IMPOSSÍVEIS.

FILIPPE DE SOUSA E SILVA

CINEMA... que não existe

É triste é lamentavelmente triste, mas é a verdade. O nosso cinema não existe.

Tudo o que se possa dizer, em favor daquele que entre nós só se conhece, infelizmente, pelo nome, é pouco, e de nada serve.

Quantas promessas, quantos cartazes descomunais, quanta publicidade... para nada.

Vi, no último domingo, um filme português que anda agora muito em voga e, sinceramente, não gostei.

Não me agradou, porque o filme, está longe de ser bom, razoável, e muito menos diferente.

O filme é igual a todos os outros que tenho visto.

Quanto a mim, note-se, os actores não vão bem, o argumento não basta e o filme em si é sofrível.

Se querem fazer filmes «diferentes», como aliás se anunciou, façam concursos, procurem a «gente nova» com talento, que anda por aí e, verão que encontram bons actores.

Sim, só assim poderão fazer cinema, do bom, do tal diferente...

Se assim não fizerem, é porque não querem... ou não podem.

Se não podem, muito bem, paciência, mas se não querem, então aí dos actores, aí dos jovens da «nouvelle vague».

Contudo devemos ter esperança, e acreditar naqueles que ao menos se esforçam por um cinema nacional.

Até lá, e para que os realizadores se não esqueçam, de apontar:

«O Miúdo da Bica» e «Retalhos da vida dum médico».

Filmes bem recebidos pela crítica, mas, pelo amor de Deus, péssimos.

São mais duas «défaillances» a juntar às nossas produções.

Desses dois filmes saíram mais duas «revelações» que nada revelaram. Num cinema nacional desfalcado (permita-se a expressão), o que interessam são realidades.

O resto quase nada... Para quando? Um filme português... Diferente, de verdade?

LUIS PITEIRA

VÃO

de M. J. MATOS NUNES

Como o vento uiva, como geme a porta;
agita-se no Vão a chama da candeia.

Jaz a esperança alucinada e morta,
logo na dor — o pranto que se ateia.

Um sonho-perdição (só desencanto,
de genuína e típica agonia)
é pão que nos sustenta cada dia,
nas rotas que regamos pelo pranto...

... contudo ...
... o Mundo ri, na máscara ridícula,
duma existência inexistente.

Agita-se no Vão, alguém que se procura
na solidão da própria noite escura.

PERSPECTIVAS POÉTICAS MOÇAMBICANAS

(Continuação da 1.ª página)

domingos à tarde nas ruas de Xilinguini (a nossa Lourenço Marques), os varredores machopes.

Constam, geralmente, de nove a onze movimentos, de duração variável, mas quase todas as composições medeiam pelos quarenta e cinco minutos.

O tema é característico, porém, definível. Versa assunto local, muitas vezes poderíamos apelidá-lo de escarinho e maldizer. Contudo o sentido dubio obrigatório não existe — é bem claro. Vós ancão deveis discutir o negócio / Aquele que os homens brancos nomearam era filho de um plebeu.

É no terreiro, no msaho, cantado e vivido, não só pelos bai-

larinos e marimbeiros, como pela assistência, histórica e suspensa, o tribunal da aldeia. O grupo agente acusa, o espectador julga. Grosso modo eis a delineação do uso, condição «sine qua non» de uma compreensão positiva do significado da cultura autóctone.

Mas, como acusação, também louvor, «baieta»: Hinaruma Hurumbuini dana Canule icanga eta baieta / Hinaruma Hurumbuini dana Canule icanga eta baieta.

O lado sentimental peculiar do lusitano, definido no fado, linha de continuação do lundum, de génese africana, identifica-se. Porém, notemos, a tristeza é cantada em alegria. «Temos de cantar a nossa dor», dizem: O meu Chamossi mor-

reu, o meu filho / Andam á procura do meu filho na água / Andam á procura do meu filho na água / Afogou-se no lago e ninguém o pôde salvar.

Hugh Tracey (in «A Musica Chope») é de opinião que a atracção genética não é transcrita no msaho. Permito-me discordar da opinião daquele musicólogo, enquanto encontramos no grande Gomucano (entre muitos): Vós raparigas enfeitai-vos com tatuagens para nos seduzir / Vós raparigas enfeitai-vos com tatuagens para nos seduzir / Com estas tatuagens seduzi-nos, na testa e

nas témporas / Com estas tatuagens seduzi-nos, na testa e nas témporas.

Será oportuno afirmar aqui que os cantares machanganes, tão distantes do acri msaho em concepção, ritmo melódico, são autênticas cantigas de amigo, quer na estrutura, quer no sujeito. Isto não significa a ausência de paralelismo na composição machope; pelo contrário, esse paralelismo vincula acentuadamente a arquitectura melódica, rítmica, por isso causa estrutural do poema, que encontrará raiz no paralelismo dos movimentos dos batuquei-

ros. Lauandani micitengüissa / Lauandani neucatané micitabva Ndano / Lauandani micitengüissa / Lauandani neucatané micitabva Ndano / Njane timbila micone tsimba cussica tancane cuango? / Njane timbila micone tsimba cussica tancane cuango?

Concentrados na circunscrição de Zavala, berço de afamados marimbeiros, presentes em todas as sessões folclóricas de gala, imponentes, estridulos, são uma cultura decaída. Hoje, desprezo dos machanganes e shirongues, as composições de Gomucano e Sauli Ilova, estendem-se alta noite, cabriolando em ecos pela extensão da savana.

NUNO REBOCHO

ANTÓNIA / 63



Pena

Olho as águas do rio...
Vão correndo
Imprudentes
Límpidas e correndo...
Saltam e choram
Para se afogarem no mar

PINTO GARCIA

VARIAÇÕES

Resolvi reunir todos os
go», tentei «jazz», tentei
música de dança.

Nada me satisfazia; nem
os livros de estudo, obrigatórios ou não, em que já antes

por NATÁLIA CANAS

meus discos de fado e ouvi-
los um a um. Então sim, senti
que me tinha reencontrado
naquela tarde enevoada de
um dia de Inverno.

Enquanto serenava, reflectia.
E interrogava-me:

— Porque será que há tantos
jovens que, gostando de fado,
se sentem diminuídos em dizê-lo
e são, aparentemente, os mais
azedos contra ele?

Não há razão. Aceito os
protestos daqueles que são
sinceros, mas desprezo os daqueles
que o não são. E por uma razão
bem simples. Porque penso que
não devemos sentir-nos inferiorizados
por gostarmos de manifestações
artísticas que aos outros possam
parecer inferiores, nem por mostrá-lo.

Aliás, o fado não é uma
manifestação artística tão inferior
como alguns tentam fazer crer.
É, humanamente, rico.

Para além do que as palavras
dizem, a maneira como são ditas
e a música transmitem-nos um
conjunto rico de sentimentos
primeiros. Alegria, angustia, desânimo,
tristeza... Por isso, tem um carácter
tão universal, como o de muita
outra manifestação musical, e o de
muita outra interpretação.

Só admitindo isto, se pode
compreender que muito não-português
— bastantes vezes com características
não-primeiras bem distintas das
nossas — possa ser atingido por
tudo aquilo que o Fado intrinsecamente
encerra, porque, na verdade, nem só
o bizarro os atrai para ele.

— Não. O fado não é só
a música da «criada», como já
alguém disse, explicitamente,
neste jornal de jovens.

O Fado é de todos aqueles
cuja sensibilidade é grande, e que,
portanto, sofrem muito. Para esses,
escutar o Fado é uma das maneiras
de sentirem que não estão só no
seu sofrimento. (E até a alegria
dói, aos mais sensíveis).

Mas, ainda para além destes
vários interesses individuais
isolados — o que, aliás, já
lhe transmite um interesse
colectivo — parece-me que o Fado
poderia ter um interesse mais
geral. Poderia servir como um
dos objectos do estudo da psicologia
do nosso povo, pelo carácter
fatalista de que muitas vezes
vem marcado.

os meus problemas

PROBLEMA

Tenho treze anos mas sou
alta e forte e pareço mais velha,
todos me dão dezasseis anos
e eu fico toda contente,
pois gosto muito de já parecer
uma senhora. Há um rapaz
filho de uma família das nossas
relações, as nossas mães são
muito amigas, ele é um rapaz
com grandes qualidades, muito
bom estudante, muito bem
educado, já fez dezasseis anos.
Nós apaixonamo-nos um pelo
outro, e não calcula. Tão, tem
sido um sarilho, porque as
nossas mães, sendo tão amigas
há tanto tempo, não querem
o nosso namoro, eu não posso
compreender porque nos
contrariam assim, e tenho medo
que, com estas dificuldades, ele
se aborreça e se afaste de mim,
pois há muitas senhoras que
eu conheço que ficavam todas
contentes se ele quisesse
namorar as filhas delas, porque
todas dizem que ele é um bom
partido.

RESPOSTA

Acho que as vossas mães
têm razão quando pretendem
que vocês sejam bons amigos
e camaradas mas não pensem
por enquanto em namoro. Vocês
são muito novos, as vossas
vidas escolares não devem ser
prejudicadas com problemas

Nem o primeiro andamento
da sonata «Patética» me
consequia satisfazer naquela
tarde de insatisfação.

Tentei o «Pássaro de Fome»
tentara embrenhar.

Resolvi reunir todos os
go», tentei «jazz», tentei
música de dança.

Nada me satisfazia; nem
os livros de estudo, obrigatórios
ou não, em que já antes

amorosos, além de que vocês
não estão muito certos da
natureza dos vossos sentimentos.
Sendo apenas bons companheiros,
todos estarão de acordo e
não tens que recear que ele se
aborreça e se afaste de ti. O
tempo se encarregará de fortalecer
ainda mais a vossa amizade —
e uma grande e sincera amizade
é sempre, em qualquer idade
e todas as circunstâncias uma
coisa maravilhosa — e talvez,
sabe-se lá, um dia mais tarde,
ela se transforme em verdadeiro amor.

Não tens de que te queixar,
pois as vossas mães não se
opõem a que vocês se encontrem,
conversem, convivam; só

não querem que andem nesse
alvorço e chamem «namoro»
ao que, em boa verdade, não
passa de uma infantil imitação.
Portanto, o meu conselho,
é que sigam os conselhos das
vossas mães e deem tempo ao
tempo. Convivendo com outros
rapazes e raparigas, tu e ele
podem, daqui a alguns anos,
tomar uma resolução mais
consciente, que talvez confirme
a vossa actual «brincadeira».
Não te zangues comigo, mas
pedes-me sinceridade e, sinceramente,
penso que as vossas mães
não exageram quando classificam
de «brincadeira» o vosso... namoro.

TIÃO

Acaba de sair

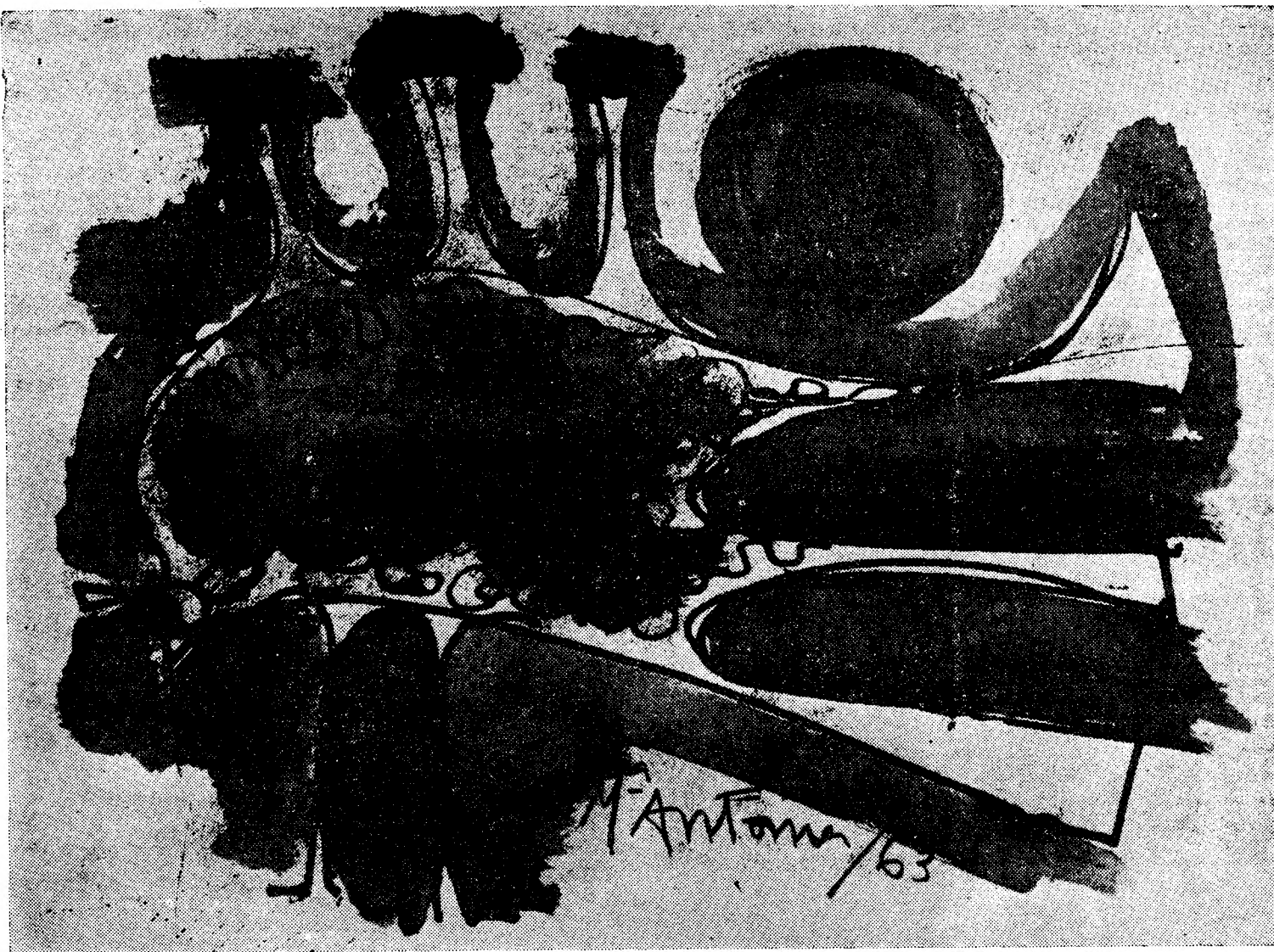
COLECCÃO NOSSO MUNDO

1 — O RAPAZ DO ARQUIPÉLAGO, de N. Lavolle
Aventuras-Novelas

2 — A RÁ SALTADORA — Contos de
Anne Frank, Sophia de Mello Breyner, Miguel Torga, Mark Twain,
Monteiro Lobato, Selma Lagerlof, Kath Mansfield

UMA COLECCÃO PARA A JUVENTUDE PORTUGUESA

A venda nas Livrarias. Preço 15\$00
LIVRARIA SAMPEDRO EDITORA
Pr. Restauradores, 65 — LISBOA



POEMA

Quando tu vieres
(Sim, quando tu vieres
Amor)
O vento será melodia
O ar terá poesia.
Quando tu vieres
Amor,
Sim quando tu vieres
Talvez
Tragas a minh'alma
Que não encontro,
Talvez sejas tu
O motivo suficiente
Para eu viver.
Oh, quando tu vieres,
Amor,
Rasgo o teu retrato,
Porque tu virás, amor
Porque serás uma realidade!...

MARIA EDUARDA
CORTE REAL

O MAR
NA
VIDA

Mato o tempo, ou o tempo mata-me, estendido na areia. Com o Outono vieram os dias cinzentos, em que a brisa fresca vem correndo ao longo da praia, misturada com a poalha das ondas e me vem lamber o rosto, fugindo de seguida, deixando ficar o sal que se mistura com o sal das minhas lágrimas. De um lado ouço o ruído das ondas repetindo o choro lento de amores desfeitos, do outro o ruído seco do tombar das folhas, com o desencanto das coisas mortas. A espuma das ondas vem desfazer-se e infiltrar-se na areia. E' como o desfazer de ilusões, das minhas ilusões.

E vem nova onda com mais espuma que se desfaz e infiltra. De vez em quando na crista da onda, vem um limo, um peixe morto ou um destroço que fica na praia. A maré vai baixando. Quando subir talvez torne a levar o limo, o peixe morto ou o destroço.

Estava eu contemplando o mar, aproximou-se de mim uma pequenita de cabelo preto, comprido, e de olhos castanhos. Ela olha o mar maravilhado. Nos seus olhos de um brilho intenso, baila o desejo de vencer as ondas, de ir para além da linha do horizonte. Ela pergunta-me o que está para além da linha que separa o Céu do Mar. Tanta coisa, menina, tanta coisa! E o brilho dos olhos aumenta. Ela quer vencer as ondas. Ah, mas ela não conhece a força do Mar. Já lá andei, mas estou cansado e desiludido. E faz-me novas perguntas, quer saber, quer ir também. Desengano-a. Faz uma cara feia, fica irritada, vai-se embora, mas o brilho dos olhos fica.

Ela há-de ir para o mar um dia, eu sei, mas um dia também, ficará deitada na praia, olhando o desfazer das ondas, os limos, os peixes mortos e os destroços que vão ficando na areia. Não-de aparecer mais meninas e meninas e ela há-de dizer que não vão. Os meninos e as meninas há-de ir, chamar-lhe-ão louca e sairão para o Mar.

Mas eles voltam, quase todos voltam e estender-se-ão na areia a ver o desfazer da espuma, o desfazer de ilusões, das suas ilusões.

E os limos, os peixes mortos e os destroços há-de continuar a juncar a praia.
ANTÓNIO S. MARTINS

crítica à crítica de cinema

(Continuação da 1.ª página)

melhor chamar-lhe «O Leopardo» de S. Checi d'Amico, P. Campanile, E. Modiale e M. Franciosa em vez de «O Leopardo» de Visconti? Eles é que são os argumentistas, Visconti pouco tem a ver com a análise (correcta e interessante) que estes nossos dois amigos fizeram da obra. E muito menos da de Carlos Abreu cuja crítica nos faz perguntar se viu realmente o filme ou se esteve a olhar para o publico (é que quase só deste fala...!)

Eu fiz uma crítica ao Misanthropo de Molière. Comparem-na, se quiserem com as vossas críticas de cinema. Eu tenho a vaga impressão que, alterando umas poucas palavras do meu Misanthropo teríamos uma (mediocre) crítica cinematográfica de um filme inexistente. Não? Acho também que não deve ser o nome de um filme ou de um cineasta o único elemento para se saber tratar de uma crítica cinematográfica. Não concordam?

Achei estranhíssimo que, criticando «O Leopardo» se não falasse da cor, da «découpage», da montagem (falsa, a nossa, mas enfim), e se limitassem a dizer que Visconti dirigia muito bem e que Lancaster tinha uma interpretação genial. Que quer dizer dirigir muito bem? Onde? Como? Como é o seu estilo? E coisas desse género parecem-me ser os pontos fundamentais de uma análise cinematográfica; que queira ter esse nome. Claro que não basta, também dizer que o 7.º Selo vinha precedido de uma fotografia, cenografia, e efeito de luz extraordinários como o disse Carlos Abreu.

Gostaria de ver uma crítica a Balzac dizendo: «Escreve muito bem. Vem precedido de adjetivos, substantivos e pronomes muito bonitinhos. Conta que uma menina chamada «X» foi a casa do menino «Y» e

que gostou muito dele. Saiu à rua, viu a rua de outra maneira. Desesperou. Suicidou-se. Morreu. Foi para o céu». Creio que todos achariam estranha (e... enfim...) a atitude do crítico que não tem sequer a vergonha de escrever o nome, que ostenta orgulhosamente no princípio e no fim do artigo.

Ora, as críticas cinematográficas do nosso «Juvenil» pecam por analisar uma parte do cinema (arte) que nada ou pouco tem a ver com esse mesmo cinema (arte). O cinema (arte) tem ritmo (sabiam?), e é nesse manter ou não manter do ritmo, na direcção de todos os trabalhadores que reside o talento do autor que, se quiser ter cinematográfico tem de criar um ritmo de cinema, ritmo cuja definição não me cabe a mim dá-la mas a vós encontrá-la. Por isso que uma obra interessantíssima no teatro como é a «Longa Jornada para a Noite» de O'Neill ao ser transposta para o cinema tenha dado aquele filme mediocre recentemente exibido em Lisboa. Porquê? Por causa dos longos diálogos, dos intermináveis discursos de quatro únicos personagens numa casa de Verão, que a pericia técnica de Lumet não conseguiu vencer. No entanto creio que para um dos tais «críticos cinematográficos» do nosso «Juvenil», apesar de não terem gostado do filme não o conseguiram dizer se fizessem uma das tais «críticas tradicionais».

Eu não digo que o que foi feito está mal feito. Apenas incompleto, o que dele está muito próximo visto ter sido esquecida a parte fundamental.

Vamos lá ao fundo e à forma, segundo a tal concepção tradicional. Vamos analisar o cinema na sua totalidade de arte (comunicação através do Belo). Em vez de analisar a primeira faceta (comunicação) porque não analisar o Belo, aquilo que todos nós procuramos?

Não sei se terei sido demasiado rude para um ou outro caso. Espero não o ter sido e muito menos injusto. O que queria, e o que queriam certamente alguns (muitos) leitores, o que todos os leitores mereciam era uma crítica cinematográfica conscienciosa e clara, que analise o cinema como transmissão do Belo visual que é, e não pelo que tem de comum com muitas outras artes.

Gostaria de vos apontar (sem o menor intuito publicitário, note-se) críticas cinematográficas de real mérito em Portugal mas, salvo uma ou outra, muito, muito esporádica, elas não saem de uma mediocridade que pouco tem de áurea. Em França (como sempre) as críticas sérias e correctas abundam. Nos celeberrimos «Cahiers du Cinéma» e no mais imediato «Tele-Ciné» poderão encontrar críticas exemplares com muito interesse. No nosso «Juvenil» foi sem dúvida a Maria Eduarda dos Reis Collares que, analisando «Os Domingos de Cybèle» nos deu a melhor já nele aparecida, apesar de bastante reticente, claro. No outro ponto, o da crítica meramente ideológica vence por pontos o trabalho do Vaz Coelho-Costa Gomes sobre «O Leopardo», com inúmeras reticências a que se aplica o acima dito mas que no seu campo restrito conseguiu sair do normal, da frase barata e mais ou menos sem sentido.

Que este ano de 1964, que abriu com a tristemente célebre referência ao Festival de Lisboa com afirmações tendenciosas, falsas (a estreia da «Longa Jornada para a Noite» em Lisboa, imagine-se!), impensadas, etc., etc., nos traga a tal crítica total porque não podemos esperar muito! Não concordam?

Não? Então, por favor façam ver a Verdade ao

JORGE SILVA MELO

Poema
de
chuva

Manhã fria
De chuva
E vento;
De choros
E cardos
Eu
Na rua
Corria
Apressada;
A meu lado
Carros
Velozmente
Junto a mim
Apitavam
Atrozmente.
O asfalto
Da rua
Brilhava.
Ao longe
Débil som.
Um som
Aflitivo
Fez-se
Ouvir.
E, na
Manhã fria
De chuva
E vento;
De choros
E cardos
Algo de
Térreno
Me fez
Parar...

MARIA ANA